

Edif 60 anos de Arquitetura Pública

André Takiya

Orientador:

Prof. Dr. Sylvio Barros Sawaya

Dissertação de Mestrado

Universidade São Paulo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Projeto de Arquitetura

volume I

São Paulo 2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail: andretakiya@uol.com.br

Takiya, André
T136e Edif 60 anos de arquitetura pública / André Takiya. --São Paulo, 2009.
2 v. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto de Arquitetura) - FAUUSP.

Orientador: Sylvio Barros Sawaya

1.Edícios públicos 2.Escritórios 3.Arquitetura I.Título

CDU 725.1

Agradecimentos



Foto tirada por Yukio Takiya, meu pai, em 1958.

Em primeiro plano, da esquerda para a direita, meu primo Seiji Uchida, meu irmão Paulo Takiya, no carrinho, eu, aos quatro anos de idade, de camisa branca, minhas irmãs Naomi Takiya e Lídia Takiya. Em segundo plano, meus primos Takeshi Uchida, atrás do carrinho, Keiji Uchida, atrás de mim, Makio Takiya, no colo e, Ruth Uchida.

Agradeço ao meu finado pai que, com o seu olhar singelo e sincero, através do registro da foto da família, estava nos colocando diante de uma obra de arquitetura, como cenário principal está o Grupo Escolar da Vila Clementino, Grupo Escolar Pedro Voss, na Rua Loefgren, que viria a me influenciar profundamente, depois de décadas, por causa da imagem da arquitetura moderna, que ficou no meu inconsciente;

À minha mãe e irmãos;

Aos meus amigos Alexandre Delijaicov, Leninha (Helena Ayoub Silva), Tata (Antônio Carlos Barossi);

À Gabriela Tamari, pelas revisões das transcrições dos depoimentos colhidos pelo DPH;

À Mariana Leme, pelas revisões das transcrições dos depoimentos colhidos pela FAU e pelo tratamento gráfico dos originais do Convênio Escolar;

Ao seu Rui, do arquivo técnico do EDIF, que trabalha lá desde o Convênio e, uma das poucas pessoas que valoriza as pranchas de projetos que estão lá arquivados;

Ao José Tadeu de Azevedo Maia, ao Sidney Lanzaroto, ambos do LPG da FAU e;

Ao Sylvio Barros Sawaya, um grande professor.

Resumo

Esta nossa pesquisa, EDIF 60 anos de arquitetura pública, é uma simples seleção de dois momentos distintos da arquitetura (obra e pensamento), feita por arquitetos numa repartição pública da cidade de São Paulo (Convênio Escolar nos anos 1950 e EDIF nos anos 2000) e, um princípio metodológico de organização de um vasto material em deterioração e confuso, como os que existem em qualquer serviço público no Brasil. Este nosso trabalho consiste apenas na apresentação primária desses projetos e pensamentos de alguns arquitetos, sem a preocupação de chegarmos a conclusões definitivas.

Para isso, escolhemos alguns arquitetos do Convênio Escolar (Hélio Duarte, Roberto Tibau, Eduardo Corona, Ernest Robert de Carvalho Mange e Oswaldo Corrêa Gonçalves) e uma obra (CEUs) da equipe de arquitetos do Departamento de Edificações (EDIF) da Secretaria Municipal de Infra-estrutura Urbana e Obras do Município de São Paulo.

Abstract

This study, "EDIF - 60 anos de arquitetura pública" (EDIF - 60 years of public architecture) is a simple selection of two distinct moments of architecture (work and thought), carried out by architects in a government office of the city of São Paulo (Convênio Escolar - School Partnership in the 1950s and EDIF in the 2000s), and a methodological principle of organization of a vast material that is confused and in deterioration, like the ones that exist in any public service in Brazil. This study provides a preliminary presentation of these projects and of some architects' thoughts, without aiming to reach definitive conclusions.

To achieve this, we chose some architects of Convênio Escolar (Hélio Duarte, Roberto Tibau, Eduardo Corona, Ernest Robert de Carvalho Mange and Oswaldo Corrêa Gonçalves) and one work (CEUs - Unified Educational Centers) of the team of architects of the Constructions Department (EDIF) of the Municipal Secretariat of Urban Infrastructure and Works of the Municipality of São Paulo.

Sumário

Agradecimento	3
Resumo	5
Introdução	10
Capítulo 1: Convênio Escolar	13
Introdução	13
Hélio Duarte: escolas Classe Escola Parque	14
Projetos	17
Os Projetos dos arquitetos da Comissão Executiva do Convênio Escolar	17
Hélio Duarte: Biblioteca no Tatuapé 1950 e Grupo Escolar na Mooca 1949	18
Roberto Tibau: Teatro Popular 1950 a 1952 e Escola de Astrofísica 1960	19
Eduardo Corona: Parque InPantil na Vila Pompéia 1950 e Planetário 1954	20
Robert Mange: Grupo Escolar na Vila Clementino 1950	20
Oswaldo Corrêa Gonçalves: Grupo Escolar na Vila Ipojuca 1949	21
Depoimentos	22
Hélio Duarte 1985	22
Roberto Tibau 1985	24
Eduardo Corona 1997	26
Roberto Tibau 1997	28
Eduardo Corona 1998	30
Roberto Tibau 1998	31
Arquitetos do Convênio Escolar, arquitetos da FAU USP, pensamentos e obras. Algumas considerações.	33
Considerações sobre os projetos	35
Convênio Escolar Sistemas de Equipamentos Públicos que constroem a cidadania.	37
Capítulo 2: Centros Educacionais Unificados CEUs	39
Introdução	39
República, educação moderna e arquitetura moderna	39
Projetos	
Arquitetura do edifício	42
Considerações sobre as construções: Convênio Escolar X C. E. U.	45
Considerações sobre o programa arquitetônico	46
Arquitetura da implantação	48
Os CEUs e os Lugares	48
1. Zona Norte	48
2. Zona Leste	49
3. Zona Sudeste	51
4. Zona Sul	51

Considerações sobre os CEUs e os lugares	53
Considerações críticas sobre os CEUs	54
Crítica Chapa Branca	54
Crítica Persistente	60
Crítica Impertinente	62
Conclusão: CEU Centro de Estruturação Urbana, Sistemas de Engenharia que constrói o Lugar	66
Sistema de Ações	66
Sistema de Objetos	67
Sistema de Engenharia	67
Sistemas de Escritórios Públicos	68
Capítulo 3: Reflexões	71
Introdução	72
Apresentação	72
FAU USP 60 anos	73
Escritório Público: EDIF 60 anos	75
Arquitetura	76
Arquitetura, Referências	78
Projetos do Convênio Escolar e do EDIF	95
Croquis	95
Projetos e Obras	114
45 CEUs - 2001/2004 - arquitetos Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza	119
FAU e Universidade de São Paulo	130
Algumas considerações	131
Construção da Personalidade Arquitetônica	131
Considerações Finais	132
Bibliografia	134

*SÓ A ARTE É ÚTIL. Crenças, exércitos, impérios, atitudes – tudo isso passa.
Só a arte fica, por isso só a arte vê-se, porque dura.*

Fernando Pessoa 1914[?]

Introdução

Esta nossa pesquisa, EDIF 60 anos de arquitetura pública, está dividida em dois volumes. O primeiro volume é a nossa dissertação e, o segundo volume é o anexo onde estão todos os projetos arquitetônicos de nossa pesquisa, que foram digitalizados e tratados, este volume serve, também, como ilustração dos capítulos 1 e 2 e; mais importante, trata-se de uma disponibilização pública de uma matéria prima bruta, existentes no arquivo técnico do EDIF. Neste anexo, reunimos, também, os depoimentos dos arquitetos do Convênio, na íntegra, feitos por Euler Sandeville Junior, do Museu do Teatro Municipal, Miguel Pereira e Sylvio Sawaya, da FAU e, Mirthes BaFFi e Walter Pires, do DPH, entre 1985 e 1998. Esta disponibilização desta matéria prima é no sentido socializarmos coisas que estão esquecidas ou largadas nos porões da Prefeitura e, servir de matéria prima para novas pesquisas, com outros enfoques ou, mesmo, uma continuação desta.

A nossa dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo, Convênio Escolar, é uma busca da origem dos projetos de arquitetura do Departamento de Edificações (EDIF) da Secretaria Municipal de Infra-estrutura Urbana e Obras da Prefeitura do Município de São Paulo através dos projetos dos edifícios públicos projetados pelos arquitetos Hélio Duarte, Roberto Tibau, Eduardo Corona, Ernest Mange e Oswaldo Corrêa Gonçalves, que foram da equipe inicial da Comissão Executiva do Convênio Escolar de 1948. Contém, este capítulo, introdução com *Hélio Duarte: Escolas Classe Escola Parque*, os projetos arquitetônicos de *Hélio Duarte, Roberto Tibau, Eduardo Corona, Ernest Mange e Oswaldo Corrêa Gonçalves*, depoimentos, excertos e comentários *Hélio Duarte, Roberto Tibau e Eduardo Corona*, as origens e influências dos projetos do Convênio em *Considerações sobre os projetos e, conclusão com Convênio Escolar. Sistema de equipamentos públicos que constroem a cidadania*.

O segundo capítulo, Centros Educacionais Unificados CEUs, é uma exposição do projeto da Prefeitura de São Paulo que foi executado dentro do Departamento de Edificações (EDIF) da Secretaria Municipal de Infra-estrutura Urbana e Obras, entre 2003 e 2004, que teve a sua arquitetura associada aos fins políticos, apesar de não ter sido este o propósito inicial da equipe de arquitetos do EDIF e, o nosso enfoque, nessa pesquisa, é apenas do ponto de vista da arquitetura e a sua crítica, pois foi uma continuação reinterpretada das Escolas Parques que Hélio Duarte imaginou quando à frente da equipe do Convênio Escolar. Este capítulo contém, introdução com *República, Educação Moderna e Arquitetura Moderna*, os projetos arquitetônicos dos CEUs em Arquitetura do edifício e Arquitetura da implantação, uma seleção cronológica de artigos publicados, no Brasil e no exterior, em Considerações críticas sobre os CEUs e, conclusão com *CEU Centro de Estruturação Urbana, Sistemas de Engenharia que constrói o Lugar*.

O último capítulo, Reflexões, é um posicionamento crítico com relação à formação cultural e profissional do arquiteto, visto sob a ótica da atuação dele dentro de uma repartição pública. A nossa exposição está na forma de um pot-pourri (pode ser, também, um samba do crioulo doido) de conceitos de arquitetura, de desenhos de arquitetura, do que é um ateliê de arquitetura público, do que é uma escola de arquitetura e, do que é uma universidade. Foi uma aula aos calouros da FAU de 2008, a convite do GFAU. Esta seção é a única que está ilustrada e contém, uma pequena explicação em Introdução, o que é a repartição pública de projetos da Prefeitura em *Escritório*

Público, algumas definições de arquitetura feitas por arquitetos brasileiros que orientaram o nosso pensamento em *Arquitetura*, alguns croquis e estudos de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Eduardo Reidy e Vilanova Artigas que influenciou profundamente os nossos desenhos em *Referências Arquitetônicas*, alguns croquis, desenhos e projetos do escritório público do Convênio ao Edif em *Projetos do Convênio Escolar e do Edif*, algumas coisas sobre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Universidade de São Paulo em *FAU e USP* e, finalizando, *Algumas considerações*.

Capítulo 1: Convênio Escolar

Introdução

Hélio Duarte: *escolas Classe Escola Parque*

Projetos

Hélio Duarte: *Biblioteca no Tatuapé 1950 e Grupo Escolar na Mooca 1949*

Roberto Tibau: *Teatro Popular 1950 a 1952 e Escola de Astrofísica 1960*

Eduardo Corona: *Parque Infantil na Vila Pompéia 1950 e Planetário 1954*

Robert Mange: *Grupo Escolar na Vila Clementino 1950*

Oswaldo Corrêa Gonçalves: *Grupo Escolar na Vila Ipojuca 1949*

Depoimentos

Hélio Duarte 1985

Roberto Tibau 1985 1997 1998

Eduardo Corona 1997 1998

Arquitetos do Convênio Escolar, arquitetos da FAU USP, pensamentos e obras. Algumas considerações.

Considerações sobre os projetos

Conclusão

Convênio Escolar, sistemas de Equipamentos Públicos que constroem a Cidadania

Hélio Duarte: Escolas Classe Escola Parque

A premissa para edifícios construídos em Função de sedes escolares, à primeira vista, aparece transpor o problema arquitetônico, mas é pelo contrário a ele estreitamente ligado. As escolas que apresentamos neste número são todas rigorosamente atuais, expressas segundo as Formas daquela arquitetura contemporânea que se inspira essencialmente no homem e na posição de "humildade" que mencionamos. As Formas que se expandem, que se ligam com o exterior, o jardim, as janelas largas, aquele ar de "não-severidade", é o primeiro passo para a abolição de barreiras. A escola-Portim, gótica, normanda ou sem estilo mas com denominador comum de edifício-prisão, lembrando quase aos alunos que o estudo é um penoso dever, esta escola tornou-se longínqua e obsoleta. E o próprio fato que os arquitetos modernos tenham sido chamados para projetar todas essas escolas, nos parece uma profecia.

Começemos pelas escolas e sobretudo começemos pela arquitetura.

LINA BO (Primeiro: escolas, in revista Habitat nº 4, 1951)

A partir de 1948, com a assinatura do Convênio Escolar, por parte da Prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado de São Paulo e, com o início dos trabalhos da Comissão Executiva do Convênio Escolar, a arquitetura dos edifícios públicos em São Paulo ganha uma nova dimensão, com uma mudança radical nos conceitos arquitetônicos para esses novos edifícios e as suas implantações na cidade.

O propósito inicial do Convênio Escolar era dotar a Cidade de São Paulo de escolas, bibliotecas, teatros e postos de saúde em número suficiente para atender todas as crianças em idade escolar (desde o pré-primário ao ginásio, passando pelo primário), onde a Prefeitura projetava e construía os edifícios e o Estado administrava e era o responsável pela parte pedagógica, somente para os Grupos Escolares e os Ginásios, dentro de um plano quinquenal até 1954. A primeira equipe de arquitetura da Comissão do Convênio Escolar foi formada pelos arquitetos Eduardo Corrêa, Roberto José Goulart Tibau, Ernest Robert de Carvalho Mange, Oswaldo Correia Gonçalves e Hélio de Queiroz Duarte como o chefe de projetos, o engenheiro José Amadei era o presidente da Comissão, que era ligada diretamente ao gabinete do Prefeito.

Coube ao arquiteto Hélio Duarte dar a condução conceitual, programática e arquitetônica aos novos projetos das coisas públicas, sob o aval do Amadei, com uma arquitetura moderna, sendo que pela primeira vez, se estava fazendo arquitetura moderna dentro de uma repartição pública (revista Habitat nº 4, 1951) e, com uma arquitetura que refletia a linguagem dos arquitetos cariocas formados pela Escola Nacional de Belas Artes, com uma implantação onde o edifício era composto por vários volumes interligados e, também, com formas diversificadas. A arquitetura refletia e trazia consigo conceitos modernos com relação a pedagogia e a filosofia, trazidos ou traduzidos do pensamento de Anísio Teixeira e, também, indiretamente de Fernando de Azevedo (Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova) e John Dewey (pensador e pedagogo norte-americano dos anos 1920).

A arquitetura refletida pelos projetos de Hélio Duarte, Eduardo Corona, Roberto Tibau, Robert Mange e Oswaldo Gonçalves era uma arquitetura singela, sem ser modesta ou pobre, com conceitos modernos com relação aos espaços; em relação às aberturas (caixilhos amplos), ao conforto térmico (ventilação cruzada para os ambientes pedagógicos) e, ao emprego dos materiais mais baratos e melhores; adequados à escala dos ambientes e dos mobiliários (projetados para a criança); ao programa arquitetônico (com novidades em relação às construções escolares do período da Primeira República, ambientes não separados por sexo, pátio coberto como um espaço multiuso) e; inovadora quanto à forma arquitetônica, moderna, com uma características peculiares aos projetos feitos por cariocas (vários edifícios e com várias formas para abrigar as várias funções dos programas arquitetônicos e, os edifícios revestidos, com alvenarias e estruturas revestidos com argamassa e ou pedras).

Na década seguinte, com as construções dos edifícios públicos do Plano de Ação do Governo do Estado, do Governador Carvalho Pinto (1959 – 1963), a arquitetura de São Paulo teve uma nova injeção de ânimo. O Governo através dos seus órgãos FECE (Fundo Estadual de Construções Escolares), IPESP (Instituto de Previdência do Estado de São Paulo) e as Prefeituras do interior do Estado começou a construir edifícios públicos, escolas, fóruns, terminais rodoviários, postos de saúde, hospitais, delegacias de polícia etc., com uma arquitetura moderna.

Para realizar os projetos arquitetônicos dos novos edifícios públicos, o Governo contou com a participação dos jovens arquitetos de São Paulo. Eles fizeram projetos com uma arquitetura inovadora para os padrões das construções públicas da época. Esta arquitetura apresentada pelos nossos arquitetos, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Ubinajana Giglioli, Pedro Paulo M. Saraiva, Décio Tozzi, e muitos outros, só para citar alguns, virou um marco de um período da arquitetura de São Paulo e de um período da história de São Paulo, tendo como pano de fundo o Desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e a idéia de um Brasil que “vai dar certo”, com projetos modernos e com uma característica peculiar e diferente da arquitetura pública feita pelos arquitetos do Convênio, uma arquitetura feita por arquitetos “paulistas”, com uma linguagem e repertório arquitetônicos novos.

Tentarei apontar apenas dois aspectos dessa arquitetura feita pelos nossos arquitetos, somente para levantarmos questões e sem sermos definitivos; primeiro, é com relação aos arquitetos e a sua formação e; segundo, é com relação à arquitetura moderna dos projetos desses edifícios e assimilados por Carvalho Pinto, virando marca de governo.

Os arquitetos paulistas vêm de uma formação das escolas de engenharia, Escola Politécnica da USP e da Escola de Engenharia do Mackenzie, com isto, podemos dizer que, os projetos trazem latente em sua arquitetura a solução construtiva, o “saber construir”, onde o projeto e construção formam uma coisa única. Os espaços, as estruturas, as vedações, as caixilharias, as instalações complementares de elétrica, hidráulica e, as coberturas fazem parte de um único raciocínio de projeto e construção. Com isso, temos a racionalização da construção, a modulação estrutural, o emprego racional dos materiais, o detalhamento arquitetônico exaustivo dos elementos não industrializados (como caixilhos, impermeabilizações, revestimentos, formas de concreto aparente, etc.) que começam a aparecer nos projetos desses jovens arquitetos.

A arquitetura moderna desses edifícios públicos, feitos pelos arquitetos paulistas, teve aspectos marcantes que caracterizaram essa arquitetura. Primeiro, a forma dos edifícios, a solução do programa arquitetônico se dá num único volume e, com estrutura em concreto aparente, novamente, marcando a paisagem da cidade com a coisa pública. Segundo, para o programa arquitetônico desses edifícios, a contribuição dos jovens arquitetos foi fundamental para o aperfeiçoamento dos programas arquitetônicos dos novos Edifícios Públicos, que envolviam outros

tipos de equipamentos, além de escolas, teatros e bibliotecas. O terceiro aspecto marcante e mais importante é o da implantação; os arquitetos tiveram o cuidado de criar um conjunto único envolvendo o edifício e o terreno, criando uma geografia, um espaço contínuo entre o externo e o interno (só para exemplificar, as escolas de Vilanova Antigas, o Fórum de Avaré de Paulo Mendes da Rocha, etc.).

Os anos 1950 e 1960 foram muito ricos para a história da arquitetura paulista, do ponto de vista da arquitetura pública, com contribuições que permanecem até hoje, cinquenta anos depois, e permanente motivo para podermos compreender o atual momento da nossa arquitetura, se é que existe.

É neste contexto que situaremos o nosso olhar sobre os projetos arquitetônicos feitos pelos arquitetos Hélio Duarte, Eduardo Corona, Roberto Tibau, Ernest R. De C. Mange e Oswaldo C. Gonçalves, que foram a origem matriz do Escritório Público EDIF, isto, do ponto de vista da arquitetura.

Os Projetos dos arquitetos da Comissão Executiva do Convênio Escolar

A direção técnica do plano de construções Foi confiada à Figura de arquiteto e artista que é Hélio Duarte, em cujos projetos a Fantasia delicada e jovial se mistura com uma real severidade de propósitos e a técnica mais escrupulosa.

Para julgar esses prédios, entretanto, é necessário que se levem em conta os dois aspectos da arquitetura. Se, por um lado, é uma técnica a usar conhecimentos e recursos do seu tempo a respeito dos materiais e uma arte a praticar a coragem de imaginação das novas Formas, por outro lado obedece ao programa e aos objetivos da consciência de educação a que estiver servindo.

Há, assim, possibilidade da construção de belos edifícios modernos para uma educação obsoleta e essa desproporção entre os ideais e as atitudes informam o estilo do prédio e os que inspiram os seus ocupantes torna a arquitetura moderna, no país, por vezes, como já insinuamos, um pungente e doloroso espetáculo que, paradoxalmente, tanto aflige aos que não a compreendem e, por isto, a odeiam, como aos que a sentem e a amam. Este é o resultado do desenvolvimento desarmonico e contraditório do país, a crescer dentro de sua camisa de Força das suas, até agora irreduzíveis, cristalizações residuais. Somos, de certo modo, um Fóssil a lutar por viver e crescer...

Reconheçamos, entretanto, que nenhum outro elemento é tão fundamental, no complexo da situação educacional, depois do professor, quanto o prédio e suas instalações. Reconheçamos, também com Pascal, que o homem é feito de tal modo que embora o sentimento anteceda o gesto, na sua ordem natural, o gesto pode gerar o sentimento. No Brasil, estamos a procurar este efeito. Façamos o gesto da Pé para ver se a adquiriremos. A arquitetura moderna é esse gesto... ANÍSIO SPINDOLA TEIXEIRA (Um pressagio de progresso, in revista Habitat nº 4, 1951)

Considerando a importância dos projetos feitos pela equipe da Comissão do Convênio Escolar, para a história da arquitetura moderna de São Paulo, selecionamos alguns dos primeiros projetos dos arquitetos Hélio Duarte, Roberto Tibau, Eduardo Corona, Ernest Mange e Oswaldo Gonçalves, feitos nesta repartição pública de 1949 a 1960, para podermos ter como base de referência crítica para os projetos executados pelo EDIF. Esta seleção mostra a abrangência e a riqueza de programas arquitetônicos que a equipe solucionou em seus projetos de arquitetura, sempre como o pano de fundo resolver o problema do acesso a educação, no sentido amplo, não só com escolas, para todas as crianças da cidade de São Paulo. Os desenhos originais dos projetos arquitetônicos selecionados estão reunidos na forma de anexo.

Esta pequena escolha das obras dos arquitetos do Convênio nos indica algumas questões sobre a arquitetura moderna feita em São Paulo.

Incluimos, também, alguns comentários sobre alguns depoimentos dos arquitetos Hélio Duarte, Roberto Tibau e Eduardo Corona, feitos entre 1985 e 1998, estes foram realizados por Euler Sanderville, Mirthes BaPfi, Walter Pires, Miguel Pereira e Sylvio Barros Sawaya. Estes comentários são no sentido de recortarmos o que o arquiteto pensa sobre o campo de atuação do arquiteto, sobre a formação do ideário ético e sobre a sua formação. A nossa intenção é simplesmente de

que este instrumento nos ajuda a compreender o desenho arquitetônico e, sem nenhuma intenção crítica de Fundo ético, sociológico, histórico ou psicológico. Os depoimentos estão reunidos na íntegra na forma de anexo, que servirá de matéria prima para futuras pesquisas.

Hélio Duarte (Rio de Janeiro 26 nov 1906 – São Paulo 13 dez 1989)

Biblioteca no Tatuapé, 1950

O Convênio previa a construção de vinte grupos por ano e de duas bibliotecas e algumas outras instalações também por ano, quer dizer, o Convênio não pensava só na escola mas em outras ...

É, da biblioteca eu posso falar. O que eu projetei, acho que melhor no Convênio, foi a Biblioteca do Tatuapé. Foi um projeto meu. Aí eu posso falar, porque a biblioteca foi uma coisa que eu estudei. E está ligada à educação, não é? E tudo o que era ligado à educação merecia muito interesse, não é?

Hélio Duarte, 1985, em depoimento ao arquiteto Euler Sanderville

Este singelo projeto, que ocupa uma quadra inteira, tem uma plasticidade notável para os padrões dos edifícios públicos de São Paulo da época. Esta biblioteca está dividida em duas alas, uma destinada às crianças e uma outra destinada aos adultos, separadas pela praça e formando um conjunto único para o lugar. Está localizada numa importante avenida da zona leste de São Paulo, Avenida Celso Garcia, no Bairro do Tatuapé.

A ala destinada ao leitor infantil possui um pequeno auditório, onde tem um palco que ora está voltado para uma plateia coberta ora está voltado para uma plateia externa descoberta e, a biblioteca específica para as crianças, sempre com uns pátios internos. Estes edifícios são térreos e com os fechamentos em caixilhos, tornando a ambientação interna muito agradável para o público mirim e, também, para quem nele trabalha, pois a vista da praça é um dado de programa.

O prédio destinado aos adultos tem um pavimento e monobloco; no térreo temos a entrada e controle, a sala de leitura com uma varanda e, a biblioteca circulante; no superior temos o depósito de livros e a parte técnica. O aspecto deste edifício é o da introspecção, se tivermos licença para aplicar este termo, para permitir um clima mais tranquilo para o leitor ou pesquisador.

Estes edifícios do ponto de vista da função são muito sofisticados, apesar da simplicidade de sua arquitetura e a sua escala, pois estão muito bem resolvidos.

Grupo Escolar na Moóca, GE Pandiá Calógeras, 1949

Esta escola está localizada numa das principais avenidas da Moóca, Avenida Paes de Barros e, ao lado de um Teatro Popular.

A tipologia, em planta, deste equipamento é o de um "Y", com o galpão formando um volume acima na parte superior do "Y", formando um jardim interno. As partes dos edifícios mais próximas à avenida são térreas e, as outras pernas do "Y" tem um andar, formando um conjunto agradável na escala da rua, destacando a bonita entrada com a sua marquise e os muxarabis que marcam a fachada.

Roberto José Goulart Tibau (Niterói 9 ago 1924 – São Paulo 17 ago 2003)

Teatro Popular, 1950 – 1952

E por que o pórtico? Por que se resolveu isso através de um pórtico?

Bom, aí existem influências do desenho, inclusive, da arquitetura daquele tempo. A gente pensava muito como um trabalho conjunto, sabe? É um elemento de linguagem estrutural, vamos dizer assim, fazia parte de uma coisa que a gente considerava coletiva. Assim, como a gente se entende na língua portuguesa, a gente se entendia através de uma linguagem que vinha sendo trabalhada por Corbusier, por Oscar, por todos os arquitetos. A gente se apropriava desses elementos e trabalhava com eles, sem pretensão de criar coisa alguma, senão eventualmente. Ali você pode até encontrar a influência daquele projeto de Corbusier, que é um teatro e tem uma solução mais ou menos parecida com esses. É um projeto que ele fez para Moscou, chama-se Centrosoyos, numa época em que os russos ainda topavam arquitetura moderna.

Roberto Tibau, 1985, em depoimento ao arquiteto Euler Sanderville

Este projeto tem uma solução muito simples e elegante, pois a sua forma revela o interior e o programa. A caixa cênica tem um formato de paralelepípedo, pois tecnicamente é a forma mais compacta e racional; o outro volume é o da platéia e o foyer, com o seu formato que revela o interior, a platéia e, o foyer fica na fachada frontal, junto aos pórticos e aos caixilhos, dando a transparência para criar a transição entre o exterior e o interior.

Esta simplicidade da obra é uma nacionalização, sem ser simplista e nem formalista, pois beira a uma coisa barata, mas não pobre. Neste sentido, podemos dizer que ela é sofisticada e adequada aos locais de implantação, nos bairros. Foram construídos em Santo Amaro, Vila Mariana e Moóca, dando uma qualificação moderna para o lugar.

Escola de Astrofísica, 1960

Esta construção é uma pequena obra prima, pois alia uma forma bela com um programa bem resolvido e uma solução estrutural simples. A beleza do resultado formal não trás consigo uma solução onde envolve uma "ginástica" estrutural, pois o arquiteto solucionou a estrutura de forma racional e econômica sem prejuízo da forma.

Está localizada dentro do Parque Ibirapuera, ao lado do Planetário e ao lado do lago.

Podemos dizer que, a sua forma não trás consigo a "verdade estrutural", muito apregoada entre nós arquitetos paulistas oriundos da Politécnica e do Mackenzie, onde o arquiteto Tibau resolveu com muita inteligência e simplicidade o sistema estrutural, sem prejuízo para a arquitetura, o que demonstra uma grande maturidade profissional e de objetivos.

O arquiteto não precisa, constantemente, demonstrar que, com o seu ímpeto arrogante, sabe projetar grandes vãos, pois muitas vezes são desnecessários.

Eduardo Corona (Porto Alegre 22 ago 1921 – São Paulo 25 abr 2001)

Parque Infantil na Vila Pompéia, 1950

Neste projeto, o arquiteto usou o repertório formal muito comuns aos arquitetos de formação da Escola de Belas Artes Carioca para resolver um programa arquitetônico de Parque Infantil. Este programa é inovador para São Paulo, pois este equipamento para as crianças foi projetado junto com o parque e não dentro de um parque existente e, temos áreas específicas para cada tipo de atividade.

Corona solucionou a arquitetura em vários edifícios térreos e que setonizam as atividades; a administração com um pequeno atendimento médico está localizada num dos vértices da área, junto a esquina formada pela Rua Padre Chico com a Rua Diana; a entrada principal é pela Rua Diana e é feita por uma passarela, ortogonal ao terreno, que começa na calçada busca todos os prédios; logo junto à entrada temos o Clube, onde temos as atividades dirigidas e físicas, com um pequeno espelho d'água; seguindo a passarela temos de um lado, junto à Rua Padre Chico um pequeno Auditório para as atividades culturais e; do outro lado da passarela, o Recreio Coberto destinado às atividades livres e, com uma horta contígua.

Podemos dizer que, o conjunto formado pelos vários pequenos edifícios é muito singelo, na escala da criança e, arquitetonicamente muito rico.

Planetário, 1954

Este belo projeto, localizado dentro do Parque Ibirapuera, num formato de uma nave espacial alienígena, Eduardo Corona fez em equipe com Roberto Tibau e Antonio Carlos Pitombo.

A calota onde fica a platéia e tela de projeção em semi-esfera para o projetor Zeiss teve, durante o projeto, a estrutura concebida em concreto depois, aço e, a solução final em madeira.

O revestimento externo da calota em chapas metálicas e com a grande entrada em rampa descendente com a sua marquise ficou muito bonito e, se tornou a marca do Planetário de São Paulo.

Ernest Robert de Carvalho Mange (1922 – 2005)

Grupo Escolar na Vila Clementino GE Pedro Voss, 1950

Neste projeto, Mange solucionou a arquitetura onde temos três volumes e com funções distintas, com uma implantação seguindo as curvas de níveis.

A Escola está na Rua Loeffgren esquina com a Rua José de Magalhães, no Bairro da Vila Mariana e, a entrada se dá pela Rua José de Magalhães através de uma rua interna que acessa o volume da Administração com a entrada principal e o volume do Galpão.

Do bloco administrativo, térreo, com a entrada principal formado pelo museu, acessamos o bloco de salas de aulas, com um pavimento, paralelo ao outro edifício e, separados por um jardim. O prédio das salas, com seis salas no térreo e seis salas no superior, não tem a circulação através de corredores. As salas do térreo dão diretamente para o pátio interno e, as salas do superior são acessadas por três escadas que saem diretamente do pátio, todos esses acessos e portas, no térreo, se ligam diretamente ao volume administrativo por uma pequena passarela coberta.

O Galpão em arco está na continuação do bloco da Administração.

A caixilharia das salas junto à Fachada que dá para a Rua LoeFgren é muito elegante, mesmo sendo muito simples.

Oswaldo Correia Gonçalves (1917 – 2005)

Grupo Escolar na Vila Ipojuca GE Romeu de Moraes, 1949

Esta Escola, localizada na Rua Toneleros, na Lapa, é composta por três volumes, Pátio coberto, Administração e Salas de aula. Os volumes do Galpão e da Administração estão próximos à rua e separados por um pátio descoberto e, com o volume das Salas ao Fundo, paralelo à rua, formando um "U" aberto para a via de circulação.

A entrada principal se dá pelo Pátio através de uma passarela coberta e as ligações entre os prédios também são por passarelas.

Depoimentos (1985 a 1998)

Comentários sobre o depoimento de Hélio Duarte em 1985

O Convênio Escolar nasceu de uma necessidade imperiosa de dotar São Paulo de unidades escolares, não só dignas de um nome, trazendo toda a parafernália necessária para uma montagem desse tipo, como também num número de classes que a sociedade estava exigindo.

É sob o ponto de vista arquitetônico que o Convênio Escolar, embora não tenha cumprido a possibilidade de dar um número certo de escolas ao número efetivo das crianças, traz, todavia interesse particular. Esse interesse particular se manifestou na Arquitetura. A Arquitetura nasceu de uma forma imperiosa de fazer com que o governo se mostrasse ao público com as suas construções de uma maneira... vamos dizer... moderna.

Toda escola devia ser adequada à criança, sob todos os aspectos, a começar pelos espaços, não só os horizontais como os verticais.

Sempre tive interesse na Educação e conheci Anísio Teixeira, tornamo-nos amigos e ele me instruiu muito a respeito de Educação.

O galpão Foi... quem primeiro fez o galpão Foi eu.

Convênio Escolar no sentido ânima, no sentido de alma, essa parte era do arquiteto. Foram os arquitetos que impulsionaram a idéia de um Convênio que não Foi executado, totalmente executado, como nas idéias deles. Todas essas idéias, a pequena Florestinha, a divisão da escola por meio de aquários, dividir as salas por meio de aquários, o museu inPantil, Fazer-se e desFazer-se, a biblioteca inPantil, todas essas coisas, Foram os arquitetos que fizeram.

Eu me interesso muito mais pelo conteúdo social de um programa do que a arquitetura nesse programa. Eu acho o conteúdo social muito mais importante do que o teto sobre esse programa social. Não é daí que sou contra a arquitetura, eu acho que a arquitetura também é uma maneira de ensinar.

Hélio Duarte, Cidade de Santos, 20 de março de 1985

O professor e arquiteto Hélio de Queiroz Duarte (1906 – 1989) estava com setenta e nove anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto e presidente da Sub-Comissão de Planejamento da Comissão do Convênio Escolar entre 1948 a 1952. Foi professor da FAU USP de 1949 a 1976.

Este depoimento realizado pelo arquiteto Euler Sandeville Junior, do Museu do Teatro Municipal do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, em vinte de março de mil novecentos oitenta e cinco na cidade de Santos, está contido no dossiê *A Arquitetura dos Teatros Distritais da Prefeitura do Município de São Paulo* de Euler Sandeville Junior, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, jan.-fev. 1986, xerox.

Esta pesquisa abrangeu a arquitetura dos Teatros Distritais da Prefeitura Feitos nos anos 1950, os quais foram executados pelo órgão Comissão Executiva do Convênio Escolar, e neste sentido, o pesquisador, Euler, colheu informações e depoimentos com os arquitetos que estiveram diretamente envolvidos, Hélio Duarte como Chefe de Projetos no Convênio, Roberto Tibau como autor dos Teatros e José Arruda como Diretor de Projetos do EDIF. Foi dentro deste espírito que se desenvolveu a pesquisa da SMC.

Podemos dizer, também, que o clima social e político do Brasil e em São Paulo eram de uma expectativa de mudança, construção do novo e otimismo, estávamos saindo de um longo período de ditadura militar.

Feitas essas observações, faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

Passados mais de trinta anos após ter deixado a equipe do Convênio Escolar, Hélio Duarte, ainda, retoma e recupera de forma vigorosa a postura filosófica e ideológica do que foi a arquitetura e o trabalho do arquiteto no Convênio Escolar.

Primeiro, ao comentar sobre arquitetura, Hélio Duarte, já assume uma postura ao adotar a arquitetura moderna (*A Arquitetura nasceu de uma forma imperiosa de fazer com que o governo se mostrasse ao público com as suas construções de uma maneira... vamos dizer... moderna.*) e não se sente arrependido por tal e de ter sido uma postura institucional, da Prefeitura de São Paulo.

Segundo, ao falar sobre educação não dissocia o trabalho do arquiteto, o projetar, do seu cunho filosófico (*Toda escola devia ser adequada à criança... Sempre tive interesse na Educação e conheci Anísio Teixeira... Convênio Escolar no sentido ânima, no sentido de alma, essa parte era do arquiteto.*) e durante o seu percurso sempre professou isto.

Por último, confessa a desimportância da arquitetura (Eu me interessei muito mais pelo conteúdo social de um programa do que a arquitetura nesse programa... eu acho que a arquitetura também é uma maneira de ensinar.). Acreditamos que este sentimento, não momentâneo, vem perseguindo Hélio Duarte ao longo de sua trajetória, podemos fazer algumas suposições, a bagunça que é a nossa profissão, os nossos governantes que só pensam em si próprio, a FAU e, por último, os arquitetos, que são mal formados e não conscientes do seu papel social.

Comentários sobre o depoimento de Roberto Tibau em 1985

A minha formação em arquitetura eu devo muito à escola, não deprecio minha escola, embora com características meio acadêmicas.

(Formou-se) Em 49. Uma época maravilhosa... começo da democracia, muito parecida com esta... Rio naquela época era uma coisa deslumbrante.

Hélio Duarte no Convênio Escolar; realmente eu acho que influenciou muito na minha arquitetura, é um colega que até hoje tenho muita admiração.

(Convênio Escolar) Prefeitura construía os edifícios e fazia a manutenção e o Estado fazia funcionar.

Hélio Duarte é que realmente deu toda a conceituação, desenvolvia pesquisas junto a professores, a diretores de escolas para definir os programas. Acho que um dos pontos de Hélio como arquiteto era, justamente, na área do programa, quer dizer, do uso do edifício e da relação do edifício com a criança, entre outras coisas. Havia uma espécie de noção básica, que até na época, confesso

para você, não dava tanta importância, mas atualmente, dou cada vez mais importância.

A escola é feita para a criança, esse é o programa Fundamental da escola, atender a criança. Então não é uma escola burocrática, você está entendendo? Essa é a filosofia que norteou toda a ação do cara.

(Arquitetura Moderna do Convênio)... está entre os pioneiros...

*A gente pensava muito como um trabalho conjunto, sabe? É um elemento de linguagem estrutural, vamos dizer assim, fazia parte de uma coisa que a gente considerava coletiva. Assim, como a gente se entende na língua portuguesa, a gente se entendia através de uma linguagem que vinha sendo trabalhada por Corbusier, por Oscar, por todos os arquitetos. **A gente se apropriava desses elementos e trabalhava com eles**, sem pretensão de criar coisa alguma, senão eventualmente.*

Inclusive tenho pouca documentação dos trabalhos.

Acho que deveria ser incentivada a atuação do arquiteto como profissional liberal... Sou contrário à estatização do projeto... De preferência, vejo o arquiteto trabalhando por conta própria, onde ele tem maior liberdade de trabalho.

O atendimento do programa... Talvez seja uma influência do Hélio Duarte.

Roberto Tibau São Paulo, 26 de junho de 1985

O professor e arquiteto Roberto José Goulart Tibau (1924 – 2003) estava com quase sessenta e um anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto do Convênio Escolar de 1951 a 1963. Foi professor da FAU USP de 1957 a 1994.

Este depoimento realizado pelo arquiteto Euler Sandeville Junior, do Museu do Teatro Municipal do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, em vinte e seis de junho de mil novecentos oitenta e cinco na cidade de São Paulo, está contido no dossiê **A Arquitetura dos Teatros Distritais da Prefeitura do Município De São Paulo** de Euler Sandeville Junior, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, jan.-fev. 1986, xerox.

Esta pesquisa abrangeu a arquitetura dos Teatros Distritais da Prefeitura feitos nos anos 1950, os quais foram executados pelo órgão Comissão Executiva do Convênio Escolar, e neste sentido, o pesquisador, Euler, colheu informações e depoimentos com os arquitetos que estiveram diretamente envolvidos, Hélio Duarte como Chefe de Projetos no Convênio, Roberto Tibau como autor dos Teatros e José Arruda como Diretor de Projetos do EDIF. Foi dentro deste espírito que se desenvolveu a pesquisa da SMC.

Podemos dizer, também, que o clima social e político do Brasil e em São Paulo eram de uma expectativa de mudança, construção do novo e otimismo, estávamos saindo de um longo período de ditadura militar.

Feitas essas observações, faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

Primeiro, Roberto Tibau fala da importância da Escola de Arquitetura na sua formação como arquiteto (*A minha formação em arquitetura eu devo muito à escola*) e também da sua bagagem como arquiteto oriundo da capital cultural que é o Rio de Janeiro.

Segundo, da sua influência e respeito por Hélio Duarte (*Hélio Duarte é que realmente deu toda a conceituação*) desde o Convênio Escolar até os trabalhos posteriores.

Terceiro, da arquitetura (Moderna) feita no Convênio de forma deliberada e consciente (*A gente pensava muito como um trabalho conjunto... A gente se apropriava desses elementos e trabalhava com eles*) sem nenhuma imposição superior ou externa.

Por último, uma pequena reflexão sobre a forma como deveria ser o ateliê do arquiteto (*Acho que deveria ser incentivada a atuação do arquiteto como profissional liberal*). Tibau, que sempre foi ligado a uma Escola Pública, que sempre projetou Edifícios Públicos, que grande parte da sua vida esteve ligado a Escritórios Públicos, neste momento, teve um senso crítico ou um senso de ironia sobre toda a atuação como arquiteto.

Comentários sobre o depoimento de Eduardo Corona em 1997

Eu acho que historicamente a arquitetura sempre foi definida como atividade técnica e artística.

A atividade do arquiteto no mundo inteiro, até hoje, não conseguiu atingir o que se poderia resumir na "habitação para a maioria".

A formação do arquiteto ou se torna romântica: daquele profissional de altas qualidades plásticas, estéticas, que vai propor coisas; ou, por outro lado, um homem que esteja, um profissional que esteja ligado aos fenômenos terra... ou que se interessassem por isso, acabam políticos... acabam se dedicando à política, e [que] a arquitetura possa a ter um plano secundário pra eles..

*E aí, os cursos de arquitetura é que cooperam para que isso aconteça, porque dão às vezes num lado, às vezes no outro, e... e fica aquela dúvida... **absoluta***

maioria dos estudantes de arquitetura não sabem o que estão fazendo ali, nessa faculdade...

O arquiteto, dentro da minha opinião, devia ser um cidadão altamente social, que compreendesse a fundo a vida humana, para depois saber que arquitetura propor, onde cooperar.

Das décadas de 40, 60, em que o arquiteto trabalhava em repartições públicas, e exercia a profissão: projetava. Ia ver as obras, fiscalizava, trabalhava... propriamente dito... Hoje ninguém faz mais nada, fica tudo por conta de projetos que vêm de fora.

Daí o fato de as escolas de arquitetura, a formação do arquiteto, ser uma coisa, nessa altura, um pouco diluída, um pouco sem muita objetividade, porque os professores ensinam a fazer uma casinha para não cair, o outro a ... a entender um pouco a ... o planejamento geral, quer dizer... a solução para uma cidade nova para uma cidade... para um mundo não do séc. XX... um mundo novo ... como será? E o arquiteto não faz exercitamento nisso, nada, nada.

*...Tudo isso aconteceria sem o arquiteto. **O arquiteto não precisaria existir para isso aí...** Então, é um reflexo da vida presente: ninguém escolhe uma moradia, por exemplo, por causa da arquitetura... Estamos querendo defender com unhas e dentes, o arquiteto na sua atividade profissional, e como ser humano (pode acontecer daqui a duas gerações) tampouco vai nos interessar. Isso é*

agora ou daqui a pouco, porque um dia isso aí [vai] se modificar de tal maneira que ... Então é, no Fundo é isso aí, eu queria dizer que o arquiteto... se não existir, isso acontece do mesmo jeito...

...O edifício isolado não existe, a obra de arquitetura isolada não existe, sempre pertencem a um entorno, que acaba sendo a vida coletiva numa cidade... O primeiro Foi Chandigarh, na Índia, que o Corbusier projetou e que... hoje não, não serve mais para nada, não obedeceu nada os conceitos iniciais, e Brasília. Ora, Lúcio Costa quando projetou Brasília, fez no seu plano, e na sua... na sua descrição de como seria a vida nessa cidade – uma coisa profundamente racional... já é uma cidade caótica como qualquer outra...

Bruno Zevi, num dos seus livros, eu acho que no Saber Ver a Arquitetura, disse que a arquitetura é uma coisa tão sem importância na vida do cidadão comum, que ele passa todos os dias, todos os momentos por uma obra arquitetônica e nem nota. Nem repara... E, aliás, nós temos comprovação nas bienais anteriores, aqui, as antigas, que tinham um andar inteiro de arquitetura e... estava sempre vazio.

... Dos defeitos das escolas, que... preparam muito mal esse profissional, que deveria ser um... até um grande sonhador, não importa, não importa... 160 milhões de habitantes, devíamos ter, pelos dados, assim altos da Unesco, 200 mil arquitetos no mínimo, no mínimo... para atender o padrão internacional... nós temos... 40 mil, se for, 50 mil, no máximo aí. Agora, e desses 40 ou 50 mil, se não for menos, a metade não faz a profissão, não exerce a profissão... são muito poucos arquitetos...

Eduardo Corona 1997

O professor e arquiteto Eduardo Corona (1921 – 2001) estava com setenta e seis anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto da Comissão do Convênio Escolar entre 1949 e 1953. Foi professor da FAU USP de 1949 a 1991.

Este depoimento realizado pelo professor e arquiteto Sylvio Barros Sawaya, da FAU USP, em 1997, faz parte da pesquisa *“Registro do pensamento e da produção dos arquitetos docentes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, nos últimos 25 anos”* sob responsabilidade do professor Miguel Pereira e os professores Sylvio Barros Sawaya, Antônio Cláudio Pinto da Fonseca e Edgar Gonçalves Dente como membros da equipe. Tem, também, como objetivo avaliar a permanência dos valores consagrados da arquitetura moderna brasileira, produzida no período de 1930 a 1970, por meio daquilo que se produziu no último quarto de século. A bipolaridade (pensamento e obra) como exercício do pensamento crítico na produção sistemática da **Memória da FAUUSP, no debate da arquitetura em São Paulo e no Brasil. (Pereira, Miguel Alves in Introdução, Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos / organização Miguel Alves Pereira, Sylvio Barros Sawaya. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001)**

Esta pesquisa abrangeu sessenta e cinco entrevistas com professores de um universo de cento e quarenta e um professores.

O roteiro das entrevistas foi uniformizado para todos os depoentes que tratou dos temas, 1 Arquitetura como produção social e o papel do arquiteto, 2 O conceito de permanência na arquitetura, hoje, 3 A inter-relação entre tecnologia, tecnologia nacional e a resposta aos anseios das pessoas e das comunidades, 4 e 5 A presença dos escritórios estrangeiros e o fazer arquitetura

para a maioria da população, 6 O novo "ecletismo" de raízes populares, e o processo de Formação dos arquitetos, 7 e 8 A arquitetura de caráter nacional, a arquitetura de massa e o processo de Formação profissional, 9 A divulgação da arquitetura feita nos centros hegemônicos e as experiências realizadas em países de condições sociais e econômicas mais próximas às brasileiras e, 10 A arquitetura moderna brasileira e sua reavaliação, hoje.

Do ponto de vista econômico, social e político, o Brasil estava passando um momento de estabilidade e tranquilidade em todos os sentidos, apesar da grande desigualdade ou o grande abismo entre os pobres e os ricos.

Feitas essas observações, faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

O professor e arquiteto Eduardo Corona Paz uma definição de arquitetura (*Eu acho que historicamente a arquitetura sempre foi definida como atividade técnica e artística) onde a precisão da definição está justamente em acrescentar a temporalidade (historicamente).*

Sobre a atividade do arquiteto, Corona tem um olhar muito pessimista ou, no mínimo, irônico (*A atividade do arquiteto no mundo inteiro, até hoje, não conseguiu atingir o que se poderia resumir na "habitação para a maioria"... Das décadas de 40, 60, em que o arquiteto trabalhava em repartições públicas, e exercia a profissão: projetava, ia ver as obras, fiscalizava, trabalhava... Hoje ninguém faz mais nada, fica tudo por conta de projetos que vêm de fora... eu queria dizer que o arquiteto... se não existir, isso acontece do mesmo jeito...).*

Sobre a arquitetura, o professor tem uma posição muito severa (*Bruno Zevi... a arquitetura é uma coisa tão sem importância na vida do cidadão comum).*

E finalmente, sobre os cursos de arquitetura, Eduardo Corona, que iniciou vários cursos de arquitetura, tem uma postura altamente crítica e desalentadora, no mínimo, sem saída (*Os cursos de arquitetura é que cooperam para que isso aconteça... absoluta maioria dos estudantes de arquitetura não sabem o que estão fazendo ali, nessa Faculdade... Dos defeitos das escolas, que... preparam muito mal esse profissional, que deveria ser um... até um grande sonhador).*

Comentários sobre o depoimento de Roberto Tibau em 1997

Acho a arquitetura essencial, eu acho que é uma coisa tão importante quanto a comida.

...Fazendo a sua própria arquitetura, e evoluir procurando acompanhar... Evoluindo, não acompanhando um ideário, mas acompanhando um processo de imposição... Em que você procura às vezes colocar a sua arquitetura mais ao serviço de alguma coisa que não é bem aquilo que deveria ser.

Consideramos a participação do arquiteto na elaboração do programa e na execução da obra como essenciais para se chegar a um resultado que se possa chamar arquitetura.

Não é como o objetivo da arquitetura. Fazer uma demonstração de técnicas, mas usar as técnicas com a finalidade da arquitetura. Eu acho ruim arquitetura que diviniza a técnica, mas eu acho muito boa a arquitetura que realmente utiliza uma técnica de maneira adequada...

Eu acho que o mundo ficou muito pequeno, mas também ficou complexo demais para minha cabeça, e o nível de informação caiu muito. Hoje eu não tenho mais

inFormação conFíável sobre o que está acontecendo. A inFormação que me vem é tão precária, tão boba, tão superficial, tão enganosa... assim, à primeira vista você vê que aquilo é uma mistificação... Mas você tem uma intuição a partir daquilo que você conhece no mundo, a partir das suas posições, [as] que você criou durante o seu trabalho, que te permite um juízo...

Mas, aí que está a arquitetura... Essa realização concreta, a obra em que aparece o detalhe...

A arquitetura moderna já engoliu o pós-moderno, quer dizer, digeriu ele, absorveu. *Está tudo incluído, já, na evolução da arquitetura moderna, tal como eu coloquei - em parte como um movimento positivo, porque trouxe em alguns projetos contribuições interessantes; mas em parte negativo, porque contribuiu para o esvaziamento do sentido cultural da arquitetura e de uma série de coisas que estavam dentro da nossa ideologia...*

A arquitetura tem que atingir esse nível de produção em massa, que não é uma negação da arquitetura... Mas, se o arquiteto não participar do processo, será, então (eu acho que isso aí é um aspecto muito importante [a] que a gente não tem conseguido dar um tratamento mais generalizado por esse assunto), eu não sei, tem estado muito na iniciativa de alguns arquitetos.

(1940 – 1960)... Neste período, houve o golpe de Estado. Eu acho que até hoje nós não demos conta do prejuízo que isso trouxe para nós, no plano cultural... O efeito que isso teve sobre a juventude, com algum tempo passado, Foi terrível.

“Esses 30 anos, até aqui representam uma evolução em sentido negativo”... Porque chegou a arquitetura a uma situação muito difícil.

O aluno vai começar a ficar muito empolgado com o computador e vai se atrapalhar, certamente vai se atrapalhar. Vai ser prejudicial à formação dele, se não for muito bem dosado... Os caras perdem até noção de escala.

Roberto Tibau 1997

O professor e arquiteto Roberto José Goulart Tibau (1924 – 2003) estava com setenta e três anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto da Comissão do Convênio Escolar entre 1951 e 1963. Foi professor da FAU USP de 1957 a 1994.

Este depoimento realizado pelo professor e arquiteto Sylvio Barros Sawaya, da FAU USP, em 1997, faz parte da pesquisa *“Registro do pensamento e da produção dos arquitetos docentes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, nos últimos 25 anos”* sob responsabilidade do professor Miguel Pereira e os professores Sylvio Barros Sawaya, Antônio Cláudio Pinto da Fonseca e Edgar Gonçalves Dente como membros da equipe. Tem, também, como objetivo *avaliar a permanência dos valores consagrados da arquitetura moderna brasileira, produzida no período de 1930 a 1970, por meio daquilo que se produziu no último quarto de século. A bipolaridade (pensamento e obra) como exercício do pensamento crítico na produção sistemática da Memória da FAUUSP, no debate da arquitetura em São Paulo e no Brasil. (Pereira, Miguel Alves in Introdução, Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos / organização Miguel Alves Pereira, Sylvio Barros Sawaya. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001)*

Esta pesquisa abrangeu sessenta e cinco entrevistas com professores de um universo de cento e quarenta e um professores.

O roteiro das entrevistas Foi uniformizado para todos os depoentes que tratou dos temas, 1 Arquitetura como produção social e o papel do arquiteto, 2 O conceito de permanência na arquitetura, hoje, 3 A inter-relação entre tecnologia, tecnologia nacional e a resposta aos anseios das pessoas e das comunidades, 4 e 5 A presença dos escritórios estrangeiros e o Fazer arquitetura para a maioria da população, 6 O novo "ecletismo" de raízes populares, e o processo de Formação dos arquitetos, 7 e 8 A arquitetura de caráter nacional, a arquitetura de massa e o processo de Formação profissional, 9 A divulgação da arquitetura feita nos centros hegemônicos e as experiências realizadas em países de condições sociais e econômicas mais próximas às brasileiras e, 10 A arquitetura moderna brasileira e sua reavaliação, hoje.

Do ponto de vista econômico, social e político, o Brasil estava passando um momento de estabilidade e tranquilidade em todos os sentidos, apesar da grande desigualdade ou o grande abismo entre os pobres e os ricos.

Feitas essas observações, Faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

O arquiteto e professor Roberto Tibau define (*Acho a arquitetura essencial, eu acho que é uma coisa tão importante quanto a comida*). Com estas palavras conseguimos sentir o quanto ele dedicou à arquitetura e à atividade de projetar.

Tibau tem uma visão muito idealizada ou romanceada da participação da atividade do arquiteto quando diz (*Consideramos a participação do arquiteto na elaboração do programa e na execução da obra como essenciais para se chegar a um resultado que se possa chamar arquitetura*).

A arquitetura moderna, para Tibau, se superou ou se reconstruiu dela mesma com o pós-moderno quando diz (*A arquitetura moderna já engoliu o pós-moderno, quer dizer, digeriu ele, absorveu*).

Sobre os meios de representação dos projetos arquitetônicos, hoje, o professor é muito cético e descrente (O aluno vai começar a ficar muito empolgado com o computador e vai se atrapalhar... Os caras perdem até noção de escala) não acreditando na mudança do formato do ateliê de arquitetura, o que é um paradoxo para quem Foi de vanguarda na arquitetura.

E Finalmente, uma confissão amargurada e sem saída do atual estágio da arquitetura (*"Esses 30 anos, até aqui representam uma evolução em sentido negativo"... Porque chegou a arquitetura a uma situação muito difícil*).

Comentários sobre o depoimento de Eduardo Corona em 1998

Hélio Duarte tinha imposto um novo pensamento a respeito de edificações escolares, e principalmente baseado em Anísio Teixeira, que ele era um admirador etc, nas teorias do Anísio Teixeira sobre o ensino, o Hélio Duarte pôde propor uma série de alterações na programação das escolas, na funcionalidade aplicada a esse programa e na expressão arquitetônica que começou a ser inteiramente diferente do que era até aquele momento. Então, isto Foi uma coisa profundamente positiva e muito interessante para nós arquitetos.

Era o tipo de um funcionário, mas a gente trabalhava com prazer porque estava criando coisas novas, entusiasmados todos uns com os outros e o Hélio Duarte estimulava muitíssimo a todos arquitetos, ele mesmo projetava junto e tal, então a gente tinha esse entusiasmo, mas, lamentava profundamente não ter, mesmo que fosse, mesmo que a gente fosse a uma obra, não se podia nem mudar uma porta, ou isso ou aquilo, um detalhe, "não, está errado" aí pronto

já causava problema para a Firma construtora porque aí tinha que derrubar, quebrar e Fazer de novo, aí já queria cobrar extra, já não estava previsto e etc., etc.,etc. Então o arquiteto só ia atrapalhar a obra.

*É, esse é o **motivo principal da minha demissão! O Jânio Quadros mandava bilhetinhos para lá, dizendo que queria prédios rápidos e simples. E no fim começou à exigir prédios de madeira, porque dizia naqueles bilhetes que “pelo preço de um eu Faço dois”.***

(participação dos arquitetos na discussão desses edifícios) Não tinha... recebia o programa e dava a ideia de projetar, queria projetar e um estimulava o outro, em um salão enorme, cada um com sua mesa projetando e desenhando, desenhistas Fazendo e tal, a gente ficava entusiasmado, a gente em resolver aquele problema.

*Vinham essas tarefas pra gente Fazer e a gente Fazia, e Fazia com muito entusiasmo porque era uma verdadeira emulação, tá? É que o seguinte, o negócio é que eu lamento profundamente isso não existir mais. Eu acho, e aquela **Foi a primeira vez que uma repartição pública**, em vez de dizer que era o Convênio Escolar, era um troço meio separado, mas no Fundo ele Funcionava como uma repartição e nós arquitetos éramos contratados como pessoal de obra. Nós não tínhamos cargo de arquiteto, não existia cargo de arquiteto, pessoal de obra, então, não me lembro nem que... uma repartição, chamando de repartição sem ser pejorativo, uma repartição, **encarregada de resolver algum problema de urbanismo ou de arquitetura**, devia ter equipe trabalhando lá dentro! Projetando lá dentro!*

*Por isso **os projetos não eram feitos escondidinhos não**, todo mundo junto ali. Então, **uma auto crítica se desenvolve sem querer**, sem querer, porque na hora de bater papo, conversar, depois ia almoçar e dizia: “Pô, você está Fazendo aquilo e tal” pronto, essa conversa era muito boa.*

Eduardo Corona 1998

O professor e arquiteto Eduardo Corona (1921 – 2001) estava com setenta e sete anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto da Comissão do Convênio Escolar entre 1949 e 1953. Foi professor da FAU USP de 1949 a 1991.

Estes depoimentos colhidos pelos arquitetos Mirthes I. S. BaFFi e Walter Pires, em 1998, com os arquitetos Aluísio da Rocha Leão, Eduardo Corona e Roberto José Goulart Tibau, fazem parte da pesquisa Inventário da Arquitetura Moderna em São Paulo, realizado pela Divisão de Preservação do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, sob a responsabilidade dos arquitetos Mirthes I. S. BaFFi e Walter Pires onde Foi Feito um levantamento dos edifícios e obras, ainda incompleto, dos arquitetos que trabalharam no Convênio Escolar. O recorte é recuperar a autoria dos projetos, pois muitos estão apócrifos e os originais em péssimo estado em EDIF, e Fazer uma memória deste período da arquitetura moderna de São Paulo, onde esses arquitetos são personagens importantes.

Do ponto de vista econômico, social e político, o Brasil estava passando um momento de estabilidade e tranqüilidade em todos os sentidos, apesar da grande desigualdade ou o grande abismo entre os pobres e os ricos.

Feitas essas observações, Faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

O arquiteto Eduardo Corona fala da orientação sobre os projetos de edifícios escolares no Convênio Escolar como sendo positiva (*Hélio Duarte tinha imposto um novo pensamento a respeito de edificações escolares, e principalmente baseado em Anísio Teixeira*).

Sobre o ambiente de trabalho no escritório, Corona, via como muito estimulante e inovador (*Era o tipo de um Funcionário, mas a gente trabalhava com prazer porque estava criando coisas novas, entusiasmados todos uns com os outros e o Hélio Duarte estimulava muitíssimo a todos arquitetos... Foi a primeira vez que uma repartição pública... Sem ser pejorativo... Encarregada de resolver algum problema de urbanismo ou de arquitetura*).

Apesar dos projetos não serem desenvolvidos em equipe, Eduardo Corona, vê como positiva a Forma e os resultados do ateliê do Convênio (*Os projetos não eram feitos escondidinhos não... Uma autocrítica se desenvolve sem querer*).

Comentários sobre o depoimento de Roberto Tibau em 1998

(O trabalho era em equipe?) Não. Esse foi o que participou mais, porque foi o primeiro, né. Do mais o Hélio dava uma olhada, dava uma opinião. **Ele fiscalizava, mas de longe... Ele dava o máximo de liberdade possível pro arquiteto.**

(diretrizes) Eu me lembro que, pouco tempo depois de eu entrar, já tinham sido feitas as diretrizes para as escolas primárias. Naquele tempo tinha primário e ginásio. E nós começamos a fazer os ginásios, aí eu vi bem como é que funcionou, porque o Hélio é que se reuniu com diretores, com o Amadei, com os diretores das escolas e os arquitetos apenas acompanharam meio de longe, não participavam muito. Não tinha assim uma discussão. **O Hélio se incumbiu de definir a programação dos ginásios.**

O Hélio chegava pra mim, me dava a planta, me dava o levantamento, me dava o programa da escola. "Tá aí projeto". "Faça."

(Richard Neutra) Eu fiz um grupinho escolar que também está publicado que eu adorava este projeto que eu chupei de um troço, de uma idéia de um arquiteto americano que fez umas escolas na América Central. Tinha umas portas assim que abriam, mas eram portas pivotantes, abriam não sei como e criavam um terraço aqui e prolongava a sala de aula pro exterior, ligava com o jardim e dava um toque...

Por que o Hélio saiu? Porque ele estava querendo cuidar de outras coisas e lá para ele já não estava muito legal porque tinha deixado de ser um Convênio, passou a ser Comissão de Construções Escolares alguma coisa assim...

É engraçado, a gente trabalha tanto tempo num lugar... Tantos anos eu dei aula na FAU que parecia a minha casa aquilo lá, eu tava lá como se tivesse em casa, mas, no entanto quando eu sai senti um ambiente hostil, nunca mais eu voltei lá. Não sei porque, deve ter sido culpa minha também.

Roberto Tibau São Paulo, 17 de junho de 1998

O professor e arquiteto Roberto José Goulart Tibau (1924 – 2003) estava com setenta e quatro anos por ocasião do depoimento. Foi arquiteto da Comissão do Convênio Escolar entre 1951 e 1963. Foi professor da FAU USP de 1957 a 1994.

Estes depoimentos colhidos pelos arquitetos Mirthes I. S. BaFFi e Walter Pines, em 1998, com os arquitetos Aluísio da Rocha Leão, Eduardo Corona e Roberto José Goulart Tibau, fazem parte da pesquisa Inventário da Arquitetura Moderna em São Paulo, realizado pela Divisão de Preservação do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, sob a responsabilidade dos arquitetos Mirthes I. S. BaFFi e Walter Pines onde foi feito um levantamento dos edifícios e obras, ainda incompleto, dos arquitetos que trabalharam no Convênio Escolar. O recorte é recuperar a autoria dos projetos, pois muitos estão apócrifos e os originais em péssimo estado em EDIF, e fazer uma memória deste período da arquitetura moderna de São Paulo, onde esses arquitetos são personagens importantes.

Do ponto de vista econômico, social e político, o Brasil estava passando um momento de estabilidade e tranquilidade em todos os sentidos, apesar da grande desigualdade ou o grande abismo entre os pobres e os ricos.

Feitas essas observações, faremos algumas considerações provisórias de excertos do depoimento isolado, sob o olhar da nossa pesquisa, EDIF 60 Anos de Arquitetura Pública.

Roberto Tibau é muito sucinto ao dizer o projeto não era feito em equipe e que o Hélio Duarte dava liberdade para projetar (*O trabalho era em equipe? Não... Ele fiscalizava, mas de longe... Ele dava o máximo de liberdade possível pro arquiteto*).

Sobre as diretrizes de projeto (*O Hélio se incumbiu de definir a programação dos ginásios*).

Ele faz um comentário singelo e sincero sobre a influência da arquitetura de Richard Neutra no seu projeto do Grupo Escolar em Itaquera (*Eu fiz um grupinho escolar que também está publicado que eu adorava este projeto que eu chubei de um troço, de uma idéia de um arquiteto americano que fez umas escolas na América Central*).

Por último, Roberto Tibau mostra uma mágoa sobre aquilo que foi a sua casa durante trinta e sete anos, a FAU (*É engraçado, a gente trabalha tanto tempo num lugar... Tantos anos eu dei aula na FAU que parecia a minha casa aquilo lá, eu tava lá como se tivesse em casa, mas, no entanto quando eu sai senti um ambiente hostil, nunca mais eu voltei lá*).

Arquitetos do Convênio Escolar, arquitetos da FAU USP, pensamentos e obras. Algumas considerações.

Olhando esta montagem da seleção de Frases / pensamentos dos artistas que Foram do Convênio e, também, da FAU USP podemos tomar para a nossa Formação do ideário ético e construção da nossa história e individualidade como arquiteto.

Estas Frases / pensamentos isoladas nos mostram que os seus autores eram, também, arquitetos que refletiam sobre o seu trabalho. As belas obras arquitetônicas não eram simples frutos de um Formalismo estético.

Neste sentido, podemos isolar dois aspectos presentes nos depoimentos:

1. Aspectos permanentes

A importância da arquitetura na vida dos homens na cidade;

A importância dos cursos de arquitetura na Formação dos arquitetos;

A importância da Arquitetura Moderna de São Paulo dentro da história da arquitetura;

A importância do trabalho da Comissão Executiva do Convênio Escolar na história da arquitetura de São Paulo;

A importância da documentação do pensamento e obra do arquiteto para a Formação do pensamento crítico em relação ao projeto arquitetônico.

2. Aspectos transitórios

Discussão da atividade do arquiteto e a Forma do ateliê de arquitetura;

Discussão dos conteúdos dos cursos de arquitetura;

Discussão dos aspectos políticos do trabalho do arquiteto;

Discussão das ingerências dos governantes nas soluções arquitetônicas, visando fins eleitoreiros;

Discussão do papel dos arquitetos Funcionários públicos, sejam eles de instituições de ensino ou de órgãos de projetos, no desenvolvimento das atividades do arquiteto.

Este corpo de pensamentos e obras, dos arquitetos que trabalharam no Convênio Escolar, representam um conjunto não uniforme de idéias de arquitetura, de Formação em arquitetura e de atuação em arquitetura, onde o nosso papel como arquiteto está em compreender o sentido crítico dessas palavras.

Finalizando, o gesto projetual dos arquitetos do Convênio Escolar está embasado em conceitos de arquitetura, conceitos éticos e conceitos cultural que a todo o momento estava servindo de referência. O EDIF, atual herdeiro burocrático das atividades do Convênio, com a sua equipe de projetos de arquitetura, de forma inconsciente ou inconsistente, incorporou estes gestos do fazer arquitetura dos nossos antecessores, sem tê-los conhecido e, também, sem um juízo crítico da nossa produção arquitetônica atual em relação ao passado, o que consideramos imprescindível para podermos situar a nossa arquitetura.

Considerações sobre os projetos

Hélio Duarte e Richard Neutra

Os programas arquitetônicos de arquitetura escolar do Convênio Escolar nos Fins dos anos 1940 elaborados pelo arquiteto Hélio Duarte eram para três tipos de edificações, o Parque Infantil que é a pré-escola, o Grupo Escolar que era o Primário e o Ginásio que complementa o atual Fundamental.

Podemos dizer que, Hélio Duarte teve contato com a arquitetura de Richard Neutra do pós Segunda Grande Guerra e, disto resultou numa admiração e aplicação de suas idéias. Os relatórios de consultoria sobre a implantação de escolas e postos de atendimento a saúde, feitos por Neutra a pedido do Governo de Porto Rico, em 1945, foram ilustrados com desenhos que mostravam as várias soluções de implantações dos vários tipos de edifícios e tamanhos, e continham as soluções de todos os ambientes. Baseados nesses desenhos croquis de Richard Neutra e os seus projetos de Escolas na Califórnia, nos Estados Unidos, apontamos a origem arquitetônica e programática dos projetos do Convênio.

Do ponto de vista da volumetria das obras coordenadas por Hélio podemos dizer que tem uma influência da arquitetura feita pelos arquitetos cariocas das décadas de 1930 e 1940, onde estes equipamentos eram formados por um conjunto de prédios interligados e com formas diferentes para cada um deles. Os edifícios eram com uma arquitetura moderna e com acabamento em revestimento sobre a estrutura e a alvenaria.

Sob o aspecto do programa arquitetônico dessas escolas, podemos dizer, que além da contribuição de Neutra, temos o apadrinhamento conceitual do pensador baiano Anísio Teixeira e, também, uma grande dose de "invenção" de Hélio Duarte. Podemos ainda dizer que, Hélio abriu portas para que os arquitetos da equipe, como o Tibau, conhecessem as obras de Neutra.

Do ponto de vista da construção, as obras do Convênio eram muito simples e singelas, sem nenhuma sofisticação e muito pobres. A preocupação com o saber construir, racionalização da construção, modulação estrutural e emprego do concreto aparente começa a aparecer depois com a influência dos arquitetos formados pela nossa Politécnica na equipe de projetos, Oswaldo Correia Gonçalves e Ernest Robert Mange.

Do ponto de vista da linguagem arquitetônica, as escolas feitas pelo Convênio eram muito sofisticadas, modernas e chocavam com a mentalidade paulistana, muito conservadora e tacanha para a época.

Hélio Duarte e Alvar Aalto

Ainda sobre os programas arquitetônicos do Convênio, podemos dizer que, Hélio Duarte elaborou programas complementares às escolas, sempre na área da educação, como bibliotecas, teatros e postos de saúde (sendo que estes não conseguiram ser concretizados como Convênio Escolar).

O projeto da Biblioteca do Tatuapé, que exigiu de Hélio uma pesquisa e uma grande dedicação, trás latente o projeto da Biblioteca em Viipuri, então cidade Finlandesa, onde o projeto Foi objeto de um concurso em 1927 e vencido pelo arquiteto Alvar Aalto (1898 – 1976), o projeto definitivo é de 1933 com a conclusão da obra em 1935. Esta referência se torna presente quando analisamos as plantas da Biblioteca de Adultos, o programa e os elementos arquitetônicos, mesmo que de forma muito simplificada.

Hélio, Tibau e Reidy

O projeto dos Teatros Populares, para a Vila Mariana, Moóca e Santo Amaro, de 1950 a 1952 do arquiteto Roberto Tibau foram construídos simultaneamente com o Teatro Popular estava sendo construído no Distrito Federal em Marechal Hermes em 1950, com projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1906 – 1964)(foi arquiteto Funcionário público de 1932 a 1964), então Diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal.

Esta coincidência está evidente não só pelos encontros que tiveram, na Escola Nacional de Belas Artes, Reidy e Hélio, no início dos anos 1930 e, posteriormente, Tibau com os dois, como pelas Funções que exerciam Reidy e Duarte no momento, Chefes de uma equipe de projetos de arquitetura das duas mais importantes cidades brasileira. Ambos trabalhando dentro de uma repartição pública e fazendo projetos das coisas públicas.

Neste sentido, podemos acreditar que não foram coincidências, mas sim frutos de diálogos entre as Prefeituras e, semelhanças de objetivos, com o trato dos equipamentos públicos e, também, na maneira de encarar a arquitetura.

Convênio Escolar Sistemas de Equipamentos Públicos que constroem a Cidadania

O trabalho da Comissão Executiva, criada em fins de 1948, teve início, praticamente, em 1949. Para o seu sucesso foi necessário um tempo apreciável para a pesquisa, o conhecimento real do problema. Não foi fácil esse trabalho, pois os elementos estatísticos eram deficientes. Não fosse a colaboração leal e entusiasta, principalmente do professorado e do povo, nenhum plano prévio poderia ser estabelecido.

São Paulo que nasceu com uma escola à sombra da Cruz se apresentará ao mundo com seu problema escolar definitivamente resolvido, honrando o mesmo signo que presidiu o seu nascimento.

Passando rapidamente à parte prática, das realizações do Convênio, nos dois anos e meio de sua existência, inclusive o período de pesquisa e organização, cumpre-nos salientar a construção de quarenta prédios para escola primária, dos cento e vinte necessários, e muitos com ambiente para o pré-primário, duas escolas de aplicação ao ar livre, escola rural modelo, cinco dispensários médicos, dois grandes parques infantis, três teatros para menores, excluídos os que fazem parte dos parques infantis, auxílio financeiro de vulto a várias instituições de ensino médio e profissional do Estado, início de três grandes prédios para o ensino secundário, parte dos dez a serem distribuídos pelos vários distritos da Capital e, número avultado de reformas e adaptações de prédios do Estado e do Município.

Engenheiro José Amadei, presidente da Comissão Executiva do Convênio Escolar (O que é o Convênio Escolar, in revista Habitat nº 4, São Paulo, 1951)

Esta visão pragmática e objetiva, destituída de interesses políticos imediatistas, norteou os trabalhos da equipe do Convênio, constituída de arquitetos, que projetavam e, de engenheiros, que construíam.

O arquiteto Hélio Duarte, que era responsável pelo Planejamento e Arquitetura, assumindo todas as responsabilidades que o cargo lhe impunha, projetou as implantações dos novos equipamentos públicos com uma visão da Cidade como um todo, onde se tem as áreas centrais "rica" e as áreas periféricas, desprovidas das utilidades e equipamentos públicos, atendendo todos os pontos "escuras" de São Paulo; uma Cidade que ele não conhecia e, fez um esforço hercúleo, para compreendê-la e, depois, amá-la.

As novas áreas foram projetadas com o firme propósito de qualificar os espaços mais esquecidos e ermos da Cidade, durante quatrocentos anos, no sentido de prover a população com equipamentos de qualidade e modernos, qualificando esses espaços transformando-os em lugares de São Paulo, com identidade e endereço.

A pequena ajuda da arquitetura e os seus desdobramentos, tem como fundamental o objetivo, primeiro, resolver o problema da criança fora da Escola e, segundo, dar dignidade para o bairro onde vivem estas crianças e as suas famílias. Com este sistema de equipamentos públicos entendemos que, pois eles fazem parte de um conjunto, para suprir as deficiências da Cidade nas áreas específicas, com esta atuação, o Estado se torna presente e agente na criação de meios

para que um simples morador se torne um cidadão, através das novas condições que a Cidade lhe permite acessar.

Neste sentido, este Sistema de Equipamentos Públicos, Frutos de uma distribuição geográfica e geométrica, isento de uma politicagem, pensados pelos responsáveis na condução do Convênio Escolar ajudam a criar a condição de Cidadão para todos igualmente na Cidade, podemos dizer, este Sistema de Equipamentos Públicos constroem a Cidadania.

Capítulo 2: Centros Educacionais Unificados CEUs

Introdução

República, educação moderna e arquitetura moderna

Projetos

Arquitetura do edifício

Arquitetura da implantação

Considerações críticas sobre os CEUs

Conclusão

CEU Centro de Estruturação Urbana, Sistemas de Engenharia que constrói o Lugar

República, educação moderna e arquitetura moderna

É custoso e caro, porque são custosos e caros os objetivos que visa. Não se pode fazer educação barata – como não se pode fazer guerra barata. Se é a nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para a sobrevivência.

Anísio Teixeira (in Duarte, Hélio de Queiroz. Escolas Classe Escola Parque. São Paulo, FAUUSP, 1973)

A República Brasileira nos seus quase cento e vinte anos, mesmo com o seu ideal democrático, não conseguiu colocar a sua preocupação com a educação e a saúde dos mais necessitados como uma prioridade básica e fundamental, com exceção de raros momentos pontuais.

Em 1932, o pedagogo Anísio Teixeira, então Secretário de Educação Distrito Federal, conseguiu construir vinte e oito Escolas Platoon no Rio de Janeiro, com a arquitetura moderna (art-deco, se considerarmos como uma das vertentes do início do moderno) de Enéas Silva, apenas um terço do que foi projetado. Tendo que langar a empreitada e se demitir, devido à incompreensão e a falta de generosidade dos políticos em resolver os problemas dos excluídos da grade social.

Entre 1949 e 1952, a Comissão do Convênio Escolar em São Paulo fez uns setenta equipamentos sociais, entre escolas, parques infantis, teatros e bibliotecas, com arquitetura moderna e, dentro de conceitos de uma pedagogia moderna, baseados nos pensamentos do pedagogo Anísio Teixeira, sob a chefia de projetos do arquiteto Hélio Duarte.

Em 1950, Anísio Teixeira como Secretário da Educação do Governo consegue executar em Salvador apenas um conjunto de Escolas-Classe Escola-Parque dos sete previstos para as áreas mais carentes da cidade, com projeto inicial do arquiteto Hélio Duarte e projetos definitivos do arquiteto Diógenes Rebouças, novamente tendo que se demitir pelos mesmos motivos de vinte anos atrás.

Em 1961, novamente Anísio Teixeira constrói pelo menos um conjunto de dezesseis Escolas-Classe para quatro Escolas-Parque em Brasília, junto às superquadras.

Entre 1983 e 1986, o antropólogo Darcy Ribeiro, Secretário da Educação do Governador Leonel Briozola, constrói uns quinhentos CIEPs Centros Integrados de Educação Pública e Casas da Criança nas áreas mais pobres do Estado do Rio de Janeiro, com projetos de Oscar Niemeyer e de João Filgueiras Lima (Lelé).

Entre 2001 e 2004, foram feitos pela Prefeitura de São Paulo vinte e um CEUs, Centros Educacionais Unificados, na periferia da cidade de São Paulo, projetos realizados pela equipe de arquitetos do EDIF Departamento de Edificações, equipe da qual fazemos parte, e em parceria com os escritórios de arquitetura da cidade de São Paulo, muitos deles jovens arquitetos.

De maneira grosseira, nestes últimos cento e vinte anos construímos menos que setecentos conjuntos educacionais para um país que, tinha aproximadamente vinte milhões de habitantes e que passou a ter quase duzentos milhões de habitantes, se tornou um dos quinze maiores em produ-

ção de riqueza no mundo. O que nos leva a refletir que a Falta de investimento em educação de qualidade está levando a nossa sociedade para um abismo cada vez maior que separa os pobres das elites, pois esta produção social não está se refletindo em benefício para todos.

Olhando isto, podemos dizer hoje, que os Centros Educacionais Unificados da Prefeitura de São Paulo de 2004, como programa de governo, têm uma afinidade afetiva e ideológica a todas as realizações e tentativas anteriores, ao tratar a educação com a sua devida seriedade.

Primeiro, porque está em nosso inconsciente, como órgão da PMSP, que a origem do atual Departamento de Edificações – EDIF – Foi a Comissão do Convênio Escolar em 1948. Esta Comissão teve como objetivo, dentro de um plano quinquenal, colocar todas as crianças carentes em idade escolar da cidade de São Paulo em Parques Infantis, Grupos Escolares e Ginásios. Em edifícios com arquitetura moderna, condizentes com uma pedagogia e filosofia modernas.

Segundo, porque o eixo filosófico e pedagógico de ligação que é o educador Anísio Teixeira teve uma influência direta sobre as obras do arquiteto Hélio Duarte, no Convênio Escolar, e nas do antropólogo Darcy Ribeiro, em Brasília e no Rio de Janeiro. Por isso, imaginamos que esses programas tenham um vínculo entre si.

Por último, os projetos dos CEUs da PMSP tem na sua linguagem e repertório, só para nos atarmos ao ponto de vista arquitetônico, uma ligação direta aos preceitos da equipe do Convênio com Hélio Duarte, dos programas de Darcy Ribeiro em Brasília e no Rio de Janeiro, principalmente dos projetos arquitetônicos de Lelé e Niemeyer, com relação à ao processo de pré-fabricação e industrialização, recuperando elementos modernos, adequados a um programa arquitetônico de hoje, que tem como objetivo reconstruir em bases humanistas o tecido da periferia da cidade que se tornou marginal e selvagem.

Vimos novamente enfatizar que o nosso olhar é a arquitetura, o sistema construtivo e técnico e o ateliê de arquitetura, ao longo de sua existência de sessenta anos (Convênio Escolar + EDIF) e, o futuro do ateliê público de arquitetura dentro deste contexto contemporâneo de mundo globalizado e de desmonte do serviço público.

Arquitetura do edifício

A convivência da arquitetura brasileira com a problemática da educação é cada vez maior e mais profundamente compreendida. Ela vai criando novas técnicas; assimila novos programas e se exprime cada vez com volumes mais claramente definidos e melhor propriedade poética.

Vilanova Artigas – 1970 (Artigas, Vilanova. Sobre Escolas in Artigas, Vilanova. Caminhos da arquitetura: Vilanova Artigas. São Paulo, Cosac & Naif Edições, 1999)

O conjunto arquitetônico dos C.E.U. Centros Educacionais Unificados construídos pela Prefeitura do Município de São Paulo entre 2002 e 2004 constitui-se basicamente de cinco edifícios.

Sendo primeiro, um grande bloco, com cento e quarenta metros de comprimento por vinte e um metros e oitenta centímetros de largura com dois pavimentos, que abriga principalmente as atividades didáticas, *Bloco Didático*.

O segundo, um edifício cilíndrico, com vinte e dois metros e meio de diâmetro e um pavimento, que complementa o bloco didático, *Bloco da Creche*.

O terceiro, um edifício paralelepípedo, com quarenta e cinco metros de comprimento por vinte e um metros e oitenta centímetros de largura e quatro pavimentos, que abriga as atividades culturais e esportivas, *Bloco Cultural Esportivo*.

O quarto, um conjunto de três piscinas, um com vinte e cinco metros de comprimento por doze metros e cinquenta centímetros de largura e um metro e quarenta centímetros de espelho d'água, outro com doze metros e cinquenta centímetros de comprimento por doze metros e cinquenta centímetros de largura e setenta centímetros de espelho d'água e, por último, com sete metros e cinquenta centímetros de comprimento por doze metros e cinquenta centímetros de largura com quarenta centímetros de espelho d'água, a céu aberto forma o *Balneário*.

Por último, duas *Torres d'Água* completam o conjunto edificado.

O programa arquitetônico dos edifícios está assim composto:

O *Bloco Didático* tem uma Creche com oito salas ambientes e salas para a administração e serviços, uma Escola de Ensino Infantil com dez salas ambientes e salas para administração e serviços, uma Escola de Ensino Fundamental com dezesseis salas ambientes e salas para administração e serviços, uma biblioteca, um telecentro, uma cozinha padaria escola experimental e os vestiários sanitários;

O *Bloco da Creche* tem o complemento da creche, que está no outro bloco, com seis salas ambientes;

O *Bloco Cultural e Esportivo* abriga o Teatro com camarins, a Sala de Múltiplo Uso, o Foyer Exposições, os Ateliês de artes plásticas em três salas, os Estúdios de música, rádio e gravação, laboratórios de fotografia em quatro salas, as salas do Conselho Gestor, Quadra poliesportiva com vestiários e o salão de Danças e Ginástica;

O *Balneário* é composto de três piscinas (treino, recreação e infantil) com um grande piso praia solário;

Por último, as *Torres d'Água* que servem de símbolo para marcar a presença do conjunto no bairro.

Como programa arquitetônico das áreas descobertas ou vazios temos uma praça do teatro, parque e jardim com área para brinquedos, áreas para esporte (campo de futebol, quadra, pista de skate e pista para caminhada) e um edifício para a Guarda Civil.

O edifício do *Bloco Didático* tem, como principais características, a estrutura de concreto aparente, em todas as fachadas e interior e, a sua circulação pelas duas varandas transparentes em toda a extensão do prédio. Todos os ambientes estão voltados para as varandas, que servem de circulação e ligação entre eles. Uma característica e dado de programa é que todos, independentes da faixa etária e cursos que estejam frequentando, podem circular pelo edifício inteiro, sem nenhuma barreira física ou cerca.

O edifício cilíndrico, *Bloco da Creche*, é um prédio brinquedo onde temos no pavimento térreo uma grande varanda que dá a volta num salão teatrino cilíndrico de pé direito duplo na parte central e, no piso superior, sobre a varanda, ou seja, que formam a varanda, em balanço, temos as salas, com ligação e circulação entre elas por paredes portas e, com caixilhos em todo o perímetro para permitir a vista ao exterior.

O *Bloco Cultural e Esportivo* tem como característica principal ser um prisma com estrutura e vedações em concreto aparente com poucas aberturas, tudo isto para melhor abrigar as funções a que se destina.

Sobre o partido de projeto e o sistema construtivo podemos dizer que, devido à necessidade de uniformizar o programa arquitetônico a todas as obras, devido à necessidade de ter maior controle técnico sobre a construção, devido à necessidade de ter maior controle sobre os custos da obra, devido à simultaneidade das construções dos CEUs, devido ao cronograma das construções adotou-se que, depois de muitos estudos e discussões entre todos da equipe da Prefeitura, que os projetos deveriam contemplar o know-how do EDIF sobre o projeto e a construção e, os componentes padronizados (desenvolvidos por EDIF) sobre a construção e, também, utilizar elementos industrializados do mercado da construção civil para diminuir o tempo de obra.

Foram feitos três versões do projeto executivo de arquitetura, todos os estudos e conceituações da equipe do EDIF, sendo que o primeiro, teve o desenvolvimento do projeto feito pelo escritório ENENGE, o segundo teve o desenvolvimento feito pelo escritório do arquiteto Álvaro Puntoni e o último e definitivo feito pela equipe do EDIF. Os motivos pelos quais se tiveram todas essas versões foram devidos às mudanças e aprimoramento no programa arquitetônico, que surgiu durante a construção do projeto e pelas contribuições das Secretarias envolvidas, são elas a Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, Secretaria de Esportes, Secretaria do Meio Ambiente, Secretaria dos Negócios Jurídicos, Secretaria de Infra-Estrutura e Secretaria de Obras, e, também pelo ineditismo programático do empreendimento, pois não se tratava de um "escolão".

O sistema construtivo adotado foi um misto de industrializado com convencional. Pois, construir um grande equipamento público na periferia pobre de São Paulo exige não só habilidade técnica como política, optou-se pelo uso do capital intensivo para a construção das estruturas das edificações, em pré-fabricado de concreto e em pré-fabricado de aço, e do emprego do capital extensivo com mão de obra da região para construção do restante da obra.

Adotou-se como super estrutura do *Bloco Didático* e do *Bloco Cultural e Esportivo* o pré-fabricado de concreto com seções retangulares e com uma Família muito pequena de elementos estruturais, entre pilares, vigas e lajes, que resultou na simplicidade do conjunto arquitetônico e economia nos custos pela maior repetição dos elementos.

O pré-fabricado em aço está no *Bloco da Creche*, nas coberturas e em todas as circulações verticais.

Voltando ao raciocínio de projeto, podemos notar que todos os ambientes, estrutura e componentes da construção têm uma relação numérica entre si, uma modulação comum, como se fosse mínimo múltiplo comum. No plano horizontal, o módulo linear é um metro e vinte e cinco centímetros (e Frações) e o módulo ambiente base é sete metros e cinquenta centímetros por sete metros e cinquenta centímetros, que é o tamanho da sala de aula. No plano vertical, o módulo mínimo é dezessete centímetros, que é a altura do espelho da escada, e a altura do piso a piso entre pavimentos é de três metros e quarenta centímetros.

A modulação estrutural dos edifícios didático e cultural esportivo é idêntica, no sentido longitudinal adotou-se o sete metros e cinquenta centímetros de vão entre os pilares, sendo dezoito módulos no didático e seis módulos no cultural esportivo; no sentido transversal temos dois módulos de dez metros nos dois edifícios.

O edifício da creche tem três módulos de sete metros e cinquenta centímetros de diâmetro.

Assim, os edifícios da creche, cultural esportivo e didático, têm no sentido longitudinal, tem três, seis e dezoito módulos respectivamente; e, no sentido transversal os três, incluindo as dimensões dos pilares, são idênticos na largura.

As piscinas também são moduladas em sete metros e cinquenta centímetros, sendo que a de treino tem três módulos e um terço, a de recreação tem um módulo e dois terços e a infantil um módulo no sentido do comprimento; no sentido da largura todos têm um módulo e dois terços.

Como existem estas relações proporcionais entre as construções, possibilitou implantações variadas do conjunto em áreas com características diferentes, respeitando o lugar, sempre com uma lógica geométrica comum a todos, criando uma identidade entre todos.

Por último, faremos a descrição dos prédios.

O *Bloco Didático* tem de comprimento cento trinta e cinco metros mais dois anexos de escadas em suas extremidades de cinco metros totalizando cento e quarenta metros, de largura tem vinte e um metros e oitenta centímetros, inclusive as dimensões estruturais, e possui dois pavimentos, com a distância de piso a piso de três metros e quarenta centímetros, a altura total de onze metros e vinte centímetros, incluindo a platibanda.

A principal característica deste edifício é a circulação horizontal por duas varandas no sentido longitudinal, um de cada lado, com dois metros e meio de largura, e a circulação vertical se dá por uma escada principal, no centro do edifício junto a um saguão, duas escadas, uma em cada extremidade, e uma torre de elevador junto ao átrio central. Os ambientes fechados formam volumes, ora encaixilhados ora em alvenaria, sempre contidos pelas varandas.

No térreo temos; junto ao saguão central, uma generosa escada metálica de lances diretos, com cinco metros de largura, os sanitários e os vestiários com os consultórios médico e dentário, com cores azuis; na ala com cor amarela temos a creche e; do lado que tem a cor laranja temos uma biblioteca, um telecentro e uma cozinha padaria escola experimental.

No primeiro pavimento temos; junto ao saguão temos os sanitários das escolas, sempre na prumada azul; do lado amarelo temos a administração, serviços e pátio coberto da escola infantil e; na ala laranja se encontram a administração, serviços e pátio coberto da escola Fundamental.

No último pavimento temos os sanitários e todas as salas de aula ambiente, dezesseis no Fundamental e dez mais um salão no infantil.

Foi usada a cor vermelha nas escadas, peitoris metálicos e toda a caixilharia.

O *Bloco da Creche*, cilíndrico de vinte e dois metros meio de diâmetro com oito metros de altura total, tem; no térreo uma grande varanda em forma circular, formada pelo balanço do nível superior, e no Puste central um salão teatrinho com pé direito duplo e iluminação zenital; e no superior estão os sanitários, banheiros e oito salas interligadas por divisórias portas, sendo que destas seis salas são destinadas às crianças. Temos ainda uma ponte que liga ao edifício didático.

O *Bloco Cultural Esportivo* tem quarenta e cinco metros de comprimento por vinte e um metros e oitenta centímetros de largura com quatro pavimentos e dezoito metros de altura total. Tem também junto a esse edifício dois anexos, um com os sanitários e outro com a circulação vertical, escada e elevador.

No térreo temos o Foyer exposições, o teatro, com pé direito triplo, os camarins e uma sala de múltiplo uso, sob a platéia. No primeiro pavimento temos três salas ateliês de artes plásticas. No segundo pavimento temos quatro estúdios, tendo um maior que serve para ensaios, temos também o acesso às pontes técnicas que estão na área do teatro. No terceiro pavimento temos as salas do conselho gestor, a quadra poliesportiva com pé direito duplo e os sanitários vestiários. E no último temos uma grande sala de dança e ginástica.

Considerações sobre as construções:

Convênio Escolar x C.E.U.

As obras arquitetônicas feitas pelo Convênio eram, do ponto de vista do sistema construtivo, muito simples e baratas, pois os edifícios tinham os seus componentes muito singelos, baratos e resistentes, sempre com um desenho moderno. As alvenarias e as estruturas eram revestidas, o que facilitava a construção e diluía os erros de obra. As esquadrias eram de Ferro com vidro transparente, com um desenho elegante e específico para cada obra. Os pisos interno eram geralmente em cerâmica, Cerâmica São Caetano, muito resistente, barato, bonito e, nas salas de aula eram assoalho de madeira, também, muito resistente e duradouro. Os Forros eram, quando não sob as lajes, de madeira compensada com um isolante térmico. Os telhados tinham a sua estrutura em madeira, com perfis de mercado (vigas, caibros e ripas), no galpão, a estrutura da abóbada era um arco abatido em concreto (pré-moldado no canteiro) e, as telhas eram as industrializadas (onduladas de Fibrocimento).

Para as obras dos CEUs foram seguidos os mesmos princípios de economia e durabilidade, com relação aos materiais empregados. A grande diferença está no emprego dos materiais pré-moldados para a superestrutura, concreto e aço, coisa que Hélio Duarte não conseguiu empregar, por falta de desenvolvimento da indústria da construção civil dos anos 1950, aqui em São Paulo.

A opção pelo emprego de materiais pré-moldados induziu os arquitetos a pensarem a racionalização da obra com um todo; primeiro, esses elementos (blocos de Fundação, pilares, vigas e lajes) deveriam ter uma família enxuta, ou seja, a menor quantidade de variantes das peças; segundo,

adotar um sistema de modulação, como raciocínio de projeto e de construção, que servisse para o projeto todo, até nos seus mínimos detalhes e; terceiro, a compatibilização dos sistemas pré-moldado com o convencional.

Passados cinqüenta anos, podemos dizer que, de forma prematura, os nossos projetos arquitetônicos e a indústria da construção civil evoluiu muito pouco, se fizermos uma contabilidade "burra" de somarmos as áreas construídas desses períodos distintos e os compararmos. Foram construídas áreas (m²) muito próximas em tempos distintos, com técnicas e indústrias distintas.

Considerações sobre o programa arquitetônico:

Escolas Platoons 1932, Escolas Classe Escola Parque 1950 1960, Convênio Escolar 1948, CIEPs + Casas da Criança 1986, CEUs 2004

Em 1932, o pedagogo Anísio Teixeira, então Secretário de Educação Distrito Federal, conseguiu construir vinte e oito Escolas Platoons no Rio de Janeiro, com a arquitetura moderna (art-deco, se considerarmos como uma das vertentes do início do moderno) de Enéas Silva, apenas um terço do que foi projetado. O programa arquitetônico desses edifícios foi baseado nos projetos das Escolas Platoon americanas, adaptadas à realidade do Distrito Federal, onde a novidade era, além da arquitetura moderna, a adoção de uma nova pedagogia, não conservadora e democrática.

Em 1950, Anísio Teixeira como Secretário da Educação do Governo consegue executar em Salvador, Bahia, apenas um conjunto de Escolas-Classe Escola-Parque dos sete previstos para as áreas mais carentes da cidade, com projeto inicial do arquiteto Hélio Duarte e projetos definitivos do arquiteto Diógenes Rebouças, onde o grande avanço foi o programa. Este conjunto, trazia consigo, a concretização do pensamento de Anísio Teixeira, pois era um sistema onde envolvia, primeiro, uma nova filosofia de ensino, segundo, espaços condizentes com a modernidade, terceiro, uma ocupação dos bairros da cidade, num claro entendimento de geografia e, por último, uma precisa distribuição das escolas nos bairros, num claro entendimento geométrico do espaço urbano.

Em 1960, novamente Anísio Teixeira constrói um conjunto que ele chamou de Centro de Educação Elementar, formados por Jardim da Infância, Escolas-Classe e Escola-Parque, uma "Universidade da Criança" e, o Centro de Educação Média, com cursos de humanidades, cursos técnicos e comerciais e cursos científicos, em Brasília, junto às superquadras; o projeto arquitetônico foi do arquiteto José de Souza Reis. Para estes projetos, Teixeira, acrescentou ao programa empregado para cidade de Salvador os Ensinos Médio e Superior.

Em 1948, a Comissão do Convênio Escolar em São Paulo faz uns setenta equipamentos sociais, entre escolas, parques infantis, teatros e bibliotecas, com arquitetura moderna e, dentro de conceitos de uma pedagogia moderna, baseados nos pensamentos do pedagogo Anísio Teixeira, sob a chefia de projetos do arquiteto Hélio Duarte. Os programas arquitetônicos desses equipamentos, a cargo de Duarte, foi baseado na experiência que estava acontecendo, concomitante, em Salvador.

Entre 1983 e 1986, o antropólogo Darcy Ribeiro, Secretário da Educação do Governador Leonel Brizola, constrói uns quinhentos CIEPs Centros Integrados de Educação Pública e Casas da Criança nas áreas mais pobres do Estado do Rio de Janeiro, com projetos de Oscar Niemeyer e de João Filgueiras Lima (Lelé). Os programas arquitetônicos elaborados por Darcy Ribeiro para essas unidades era o de uma escola de funcionamento em período integral, com toda assistência necessária, como médicos, dentistas, assistente social e psicólogos.

Entre 2001 e 2004, foram feitos pela Prefeitura de São Paulo vinte e um CEUs, Centros Educacionais Unificados, na periferia da cidade de São Paulo, projetos realizados pela equipe de arquitetos do EDIF Departamento de Edificações, equipe da qual fazemos parte, e em parceria com os escritórios de arquitetura da cidade de São Paulo, muitos deles jovens arquitetos. Neste caso, o programa arquitetônico não partiu somente dos arquitetos, mas do consenso de reuniões entre os técnicos de vários órgãos da Prefeitura. Por isso, os Centros Educacionais Unificados da Prefeitura de São Paulo têm uma novidade em relação aos projetos anteriores, os C.E.U.s são um conjunto de equipamentos (educacionais, culturais e esportivos) que estão nos centros de várias Escolas Classe (no conceito de Anísio Teixeira). A outra inovação foi a sua distribuição na cidade, novamente com a opinião dos vários técnicos e da população, resultando na implantação dos equipamentos nas bordas de São Paulo, mais carentes.

Arquitetura da implantação

O que mais me impressiona é que os problemas que nos restaram têm, hoje, uma escala tão grande que já estão longe de minha capacidade individual de interpretá-los. Seria impróprio, malicioso, da parte dos jovens me perguntar quais os caminhos para o Futuro da arquitetura brasileira. Eu devolvo essa pergunta: daqui a quinze anos São Paulo terá o dobro do número de habitantes que tem hoje; e precisaria o dobro de empregos e o dobro de tudo o que se possa imaginar. Eu, naturalmente, nessas condições estarei fora de poder opinar a respeito disso. Acredito que já estarei participando do cosmo, de uma maneira bem diferente. Trata-se da juventude tomar essa convicção, enfrentar os problemas e encontrar soluções para eles.

Vilanova Artigas – 1984 (Olhar Eletrônico (vídeo teipe) “Entrevista por ocasião da Exposição Tradição e Ruptura” São Paulo 1984 in Artigas, Vilanova. Caminhos da arquitetura: Vilanova Artigas. São Paulo, Cosac & NaifY Edições, 1999)

A Prefeitura de São Paulo entre os anos de 2003 e 2004 construiu vinte um CEUs na periferia da cidade, sendo que os outros vinte e quatro, com os projetos executivos prontos e com as obras licitadas, seriam construídas nos anos seguintes.

A escolha das quarenta e cinco áreas foi fruto de exaustivas visitas à aproximadamente duzentos lugares carentes da cidade, juntamente com técnicos da educação, arquitetos e assessores do Gabinete da Prefeitura, seguindo critérios arquitetônicos, urbanísticos, sociais, pedagógicos e políticos, com potencial para receber os equipamentos públicos que dariam mais dignidade e urbanidade aos locais mais carentes e violentos, desprovidos de infra-estrutura e esquecidos pela administração pública. Estes relatórios e material técnico se encontram em EDIF, lamentavelmente, em estado de abandono e degradação, como muitos dos investimentos e conhecimento público em geral.

Os CEUs e os Lugares:

1. **Zona Norte**
 - 1.1. **CEU Vila Atlântica – Jaraguá. (no Jaraguá)**

Está adjacente ao Parque do Anhanguera e ao Pico do Jaraguá e, dentro de um loteamento popular e ao lado de uma favela, com uma vista privilegiada do Pico. A implantação do conjunto ficou condicionada a topografia íngreme da região, respeitando-a, para isto foram criados dois platôs e, ligados por uma rua no sentido longitudinal desde a entrada, no platô superior, onde se encontram a maior parte das construções até o platô inferior onde está o Bloco Cultural – Esportivo.

1.2. CEU Perus. (em Perus)

Está implantado numa área remanescente da Ferrovia no centro novo de Perus, na "cidade baixa" ao lado da Ferrovia, abraçado pelo Rio Perus e delimitado por um conjunto de viadutos, com um desenho de "qualidade duvidosa", que ligam os dois centros. O conjunto dos três edifícios foi implantado de forma ortogonal formando um "U" onde o vazio central forma a Praça do Teatro, com o Bloco Cultural e Esportivo à direita da entrada e, o Bloco da Creche e o Balneário (de frente para o Rio) à sua esquerda, ao fundo o Bloco Didático, paralelo à Ferrovia, completa a implantação.

1.3. CEU Paz. (em Brasilândia)

Foi implantado num topo de um pequeno morro ao lado do córrego Bananal, na Vila Brasilândia, um dos lugares mais violentos de São Paulo, e rodeado por uma favela. Este é um dos únicos conjuntos onde a implantação dos edifícios não forma um desenho ortogonal, devido às características topográficas e geológicas encontradas. O Bloco Cultural e Esportivo está paralelo à Rua da Paz no platô da entrada e este bloco por sua vez, paralelo ao Bloco Didático, num platô inferior, o Disco da Creche se encontra no platô superior e engatado ao Didático por uma ponte; completando o conjunto, o Balneário se encontra numa parte plana na extremidade oposta ao Teatro, que está próximo à saída do morro.

1.4. CEU Pêra – Marmelo. (em Pirituba)

Para este terreno, a solução encontrada pelos arquitetos foi a do "empilhamento" dos blocos, Didático com o Cultural – Esportivo, resultando num edifício de projeção mais compacta, porém, mais alto com cinco pavimentos, devido à dimensão do terreno e à topografia acidentada. A implantação em dois platôs, no inferior com o Bloco principal e a Praça do Teatro e no superior com o Bloco Cilíndrico e a Praça das Piscinas, formando um belo conjunto na paisagem do bairro.

2. Zona Leste

2.1. CEU Curuçá. (em São Miguel Paulista)

Esta implantação tem características peculiares pois, o conjunto está localizado num miolo de quadra e está cercado pelas residências do entorno. Como todo o bairro está numa área quase plana, várzea do Rio Tietê, faz com que o Equipamento Público se torne uma referência e símbolo para o lugar.

2.2. CEU Jambeiro. (em Guaianazes)

Este está entre o córrego Itaquera e a Ferrovia desativada, onde hoje passa a via Radial Leste, numa área plana de cinco hectares, onde existiam três campos de futebol, em frente a uma favela e próximo ao centro de Guaianazes. A implantação seguiu o partido da ortogonalidade, com o edifício longitudinal paralelo à via principal e o balneário de frente ao córrego e ainda com dois campos de futebol.

2.3. CEU Parque Veredas. (em Itaim Paulista)

A solução adotada para esta área foi a de “juntar” os Blocos, Didático com o Cultural – Esportivo, devido ao terreno, mantendo o programa arquitetônico, resultando numa nova tipologia, com um bom Fluxo para as circulações e um bonito resultado plástico.

2.4. CEU Parque São Carlos. (em São Miguel Paulista)

Esta implantação num terreno em “L”, dentro de um conjunto habitacional, também seguiu os princípios adotados em outros projetos, apesar das dificuldades técnicas encontradas na hora da construção, a rede de infra-estrutura passava pelo centro do terreno, resultando também num símbolo da coisa pública para o lugar.

2.5. CEU Aricanduva. (em Aricanduva)

Este conjunto está de frente para o Rio Aricanduva, na Foz do córrego Cercado Fundo, formando um conjunto de equipamentos públicos, CEU, biblioteca, casa de cultura e posto de saúde, cujo conjunto, “olha” o quarto rio mais importante da Cidade.

2.6. CEU Meninos. (no Ipiranga)

Este está de frente para o córrego dos Meninos, ao lado da Favela Heliópolis e vizinho do município de São Caetano. Para esta área, além do programa comum a todos os outros, mantivemos dois campos de Futebol.

2.7. CEU Rosa da China. (em Sapopemba)

Este conjunto de equipamentos está localizado em Sapopemba num espigão, do lado da bacia do córrego do Oratório, vizinho de Santo André, sobre um talvegue. Para a implantação, os arquitetos propuseram o “acoplamento” dos Blocos, Didático com o Cultural – Esportivo, resultando num edifício longilíneo de 180 metros de comprimento, acompanhando a declividade do terreno, nivelado pela platibanda e paralelo ao curso d’água. Está previsto o projeto de um parque Pluvial ao longo desta grota, da nascente até chegar ao córrego do Oratório, que em algum momento, esperamos que se realize.

2.8. CEU São Mateus. (em São Mateus)

Está localizado num topo de um morro e rodeado de casas populares, próximo à futura ampliação da avenida Jacu – Pêssego, que ligará Guarulhos a Santos. A implantação foi feita em duas etapas, na primeira desapropriação foi executado o conjunto completo e na segunda, no lote contíguo em frente, foi executada uma praça esportiva contendo campo de Futebol, quadra poliesportiva, parquinho e pistas de skate. As edificações do CEU são visíveis no bairro, tornando um ponto de referência da coisa pública para o lugar.

2.9. CEU São Rafael. (em São Mateus)

Para este equipamento foram feitos dois projetos em áreas diferentes. O primeiro estudo foi inviabilizado depois de se saber que a área estava com o solo contaminado, assim se passou para uma outra área dentro de um conjunto da COHAB, em Sapopemba na Avenida Sapopemba. Para esta implantação se teve uma peculiaridade no percurso da execução, pois, além da construção dos equipamentos padrões, foi projetado e construído uma igreja localizada em um outro terreno dentro do conjunto habitacional, pois este estava no terreno público donde foi remanejado para a implantação do CEU.

2.10. CEU Inácio Monteiro. (na Cidade Tiradentes)

Está dentro de um conjunto habitacional, na Cidade Tiradentes, num lote em Formato de "T" e, que Foi o projeto que deu início ao programa dos CEUs dentro da Prefeitura. Pode-se dizer que a tipologia das edificações e o programa arquitetônico se deram a partir daqui, pensando-se no aproveitamento máximo para o terreno, daí servir de parâmetro para todas as outras áreas, que tinha áreas de terreno semelhantes ou maiores.

3. Zona Sudoeste

3.1. CEU Butantã (no Butantã)

Localizado no Butantã, próximo à Rodovia Raposo Tavares, que neste trecho está numa cumeeira, num pequeno vale onde se encontram várias nascentes. A implantação das edificações se deu ao longo dos cursos d'água existentes, no sentido longitudinal. No projeto original os cursos d'água seguiam aflorados e estes alimentariam as piscinas, que seriam de água corrente.

3.2. CEU Casablanca. (na Vila das Belezas)

Este se encontra na Vila das Belezas num terreno, em Formato de "Z", na encosta de morro, próximo à Estrada de Itapeverica da Serra. Todos os Blocos Foram implantados na "perna" do "Z" que fica cota de nível inferior e na outra "perna" ficam as partes de esportes, recreação, lazer e um bosque.

3.3. CEU Campo Limpo. (no Campo Limpo)

Está localizado em Campo Limpo, à margem do Córrego Pinajussara, vizinho de Taboão da Serra, numa área com muita vegetação inclusive araucárias. A implantação Foi no sentido longitudinal ao terreno, respeitando as árvores existentes, e com o balneário voltado para o córrego.

4. Zona Sul

4.1. CEU Cidade Dutra. (em Cidade Dutra)

Fica na Avenida Interlagos, próximo à Represa Guarapiranga, na Cidade Dutra. Como o terreno tem o Formato em "T" e com dimensões muito próximas ao do CEU Inácio Monteiro, podemos dizer que as implantações são "irmãs".

4.2. CEU Três Lagos. (em Grajaú)

Localizado numa área com muita vegetação e contendo um lago, acreditamos que os outros dois estão assoreados, no distrito de Grajaú. Os Blocos Foram implantados na parte superior do terreno onde não havia vegetação, e donde se tem uma vista incrível da Cidade, avistando inclusive a Serra da Cantareira, ao norte e, a Serra do Mar, ao sul.

4.3. CEU Navegantes. (em Grajaú)

Está na margem do lago da Represa Billings, na península chamada Cantinho do Céu, no Grajaú. Para este CEU, além da programação comum a todos os outros, Foi pensado a criação de atividades de educação ambiental, navegação e fabricação de barcos.

4.4. CEU Alvarenga – Pedreira. (em Pedreira)

Fica numa área de sete hectares, ao lado Represa Billings, no distrito de Pedreira e divisa com Diadema. A implantação do conjunto Foi feita em três platôs, no primeiro fica o Bloco Cultural – Esportivo com a Praça do Teatro, no intermediário fica o Balneário e no superior os outros dois Blocos e o bosque.

Considerações sobre os CEUs e os lugares

Em nossa narrativa, as experiências mais relevantes são as que não correspondem ao que se faz noutros lugares, mas enfrentam de modo criativo as dificuldades peculiares e os recursos ambientais de seus países.

...

No Brasil, as experiências iniciadas pelo educador Anísio Teixeira e pelo arquiteto Hélio Duarte na Bahia e, depois, em São Paulo, a partir dos anos 40, prosseguem até hoje, com os mais diversos resultados. As realizações mais recentes são os Centros Educacionais Unificados (CEUs), promovidos pela Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), pela Secretaria Municipal de Serviços e Obras (SSO) e pelo Departamento de Edificações (EDIF). A projeção parte de um projeto-tipo que é adaptado ao lugar e utiliza as áreas livres disponíveis. Os exemplos publicados por Casabella (nº 727, Milão, novembro de 2004) reproduzem em contextos diversos os elementos construtivos e distributivos amplamente aprovados pelo tempo, e acrescentam a eles uma nova atenção aos abertos. É espantosa a naturalidade com a qual os protótipos e os modelos da primeira revolução moderna são repropostos no novo século, como se o tempo não tivesse passado. A seriedade da relação com a comunidade dos usuários age como freio intelectual contra toda divagação.

Benévolo, Leonardo (p. 408 – 411, A arquitetura do novo milênio. São Paulo: Estação Liberdade, 2007)

Os projetos dos CEUs tem como uma das características marcantes a sua implantação, como eles se inserem na trama urbana existente e, também, como eles dialogam arquitetonicamente com as construções existentes na periferia de São de Paulo.

Esta ocupação dos vazios e espaços disponíveis com equipamentos sociais públicos e, com uma arquitetura moderna com a concepção dos seus primórdios, no olhar de Benévolo, trás a grande novidade urbanística, pois, o poder público decide requalificar, deliberadamente, os espaços esquecidos e largados com obras sociais, no nível de qualidade das áreas centrais. Por isso, os arquitetos da equipe de projetos optaram por soluções arquitetônicas consagradas, testadas e convencionais, sem que isso acarretasse numa arquitetura pobre. Com isso resolvido, a grande preocupação passou a ser a implantação, pois a obra de grande porte, numa grande gleba, teria de ter uma arquitetura delicada que contribuisse formalmente com a arquitetura existente no lugar, incorporando elementos do seu repertório e, reconstruindo-os dentro desta linguagem “moderna” para que qualquer pessoa pudesse reconhecer, não ser erudito. Assim, foram elementos de partido arquitetônico as infra-estruturas existentes (rios, lagos, viários, etc.), a topografia existente, a malha urbana (o traçado e os seus caminhos utilizados e consagrados pela população), a tipologia arquitetônica e gabarito (casinhas de dois pavimentos, térreo com comércio, teto terraço, construção no alinhamento, varandas no superior voltadas para a rua, renques de

imóveis sem recuo lateral, etc.).

Como os CEUs estão em regiões muito pobres da Cidade e desprovidas de infra-estrutura foram canalizados recursos financeiros também para a sua criação, sistema viário, iluminação pública, drenagem e retificação de córregos, requalificando os Bairros.

As obras dos CEUs trouxeram consigo não só melhorias na qualidade de vida à população do entorno como uma nova alternativa de uso dos lugares públicos, criando expectativas para que a própria comunidade possa pensar sobre o futuro da Cidade de São Paulo, de forma coletiva e democrática.

Os CEUs, com a sua arquitetura, vêm de certa forma dar um retorno à população respondendo que os edifícios públicos para os mais carentes tem de ser de qualidade e exemplar.

Podemos dizer que o poder público começa a ter novos paradigmas e novas responsabilidades a partir de programas como o dos Centros Educacionais Unificados da Prefeitura de São Paulo.

Considerações críticas sobre os CEUs

Com as eleições municipais à vista, é difícil publicar a nova proposta dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) – escolas implantadas na capital paulista – sem entrar na polêmica que pode misturar arquitetura e política. Afinal de contas, à parte o direito à educação estabelecido pela Constituição, os governantes fazem de suas obras uma espécie de vitrine. Assim ocorreu com os CEUs, criados durante a gestão de Marta Suplicy. Logo no início da administração seguinte, o então prefeito José Serra criticou duramente o projeto, dizendo que iria reavaliá-lo. O discurso tucano clamava pelo aproveitamento mais eficiente das áreas de recreação, pós-escola e convivência e, por condições acústicas e de ventilação mais favoráveis. Por isso, no meio arquitetônico, todos aguardaram a nova versão, encampada pelo sucessor Gilberto Kassab. Contudo, se os políticos queriam anular ou criticar o projeto anterior, pelo menos do ponto de vista da arquitetura o objetivo não foi alcançado. À primeira vista, ocorreu uma simplificação da idéia original que coloca em xeque a facilidade construtiva e de manutenção do primeiro modelo.

Serapião, Fernando (p. 44 in Projeto Design nº 342. São Paulo: Arco Editorial Ltda, agosto de 2008.

Entre 2003 e 2008 foram publicados artigos e matérias em revistas de arquitetura, em jornais diários e em livros. Para sermos didáticos e críticos, relacionamos parte do que foi publicado nestes anos de forma cronológica e, divididos em relação ao teor, crítica chapa branca, crítica construtiva ou persistente e crítica momentânea ou impertinente, para termos um quadro crítico.

Crítica Chapa Branca

2003 junho Boletim Cimento Hoje nº 45

Lazer e educação em toda a cidade

Artigo sobre construção industrializada adotada pela Prefeitura de São Paulo para as construções dos CEUs.

2003 outubro Projeto Design n° 284**Escolas-parques são alternativa educacional e referenciais urbanos**

Artigo de Adilson Melendez sobre o CEU Jembeiro e o CEU Rosa da China:

"Nesta edição Projeto Design apresenta dois desses centros: Rosa da China, situado no bairro de Sapopemba e, Jembeiro, em Guaianazes, ambos na zona leste. O programa apresenta notável potencial político-eleitoral, e ele certamente será explorado. Independentemente desse aspecto, porém, a proposta apresenta consistência arquitetônica nas megaescolas e uma tentativa dos autores de estabelecer referenciais urbanos significativos em bairros carentes da capital paulista. O conceito pedagógico toma como referência o modelo escolar idealizado pelo educador baiano Anísio Teixeira, na década de 1950: as chamadas escolas-parques."

2003 outubro 12 Ilustrada Folha de São Paulo**Um dia no CEU**

Artigo de Mônica Bergamo sobre as atividades de lazer num fim de semana no CEU Jembeiro:

"Inaugurados há menos de três meses, os CEUs (Centros Educacionais Unificados) já viraram o centro da vida social de algumas comunidades da periferia paulistana. A coluna passou o domingo, 5, no CEU Jembeiro, o primeiro a ser aberto, a 35 km do centro. E pode afirmar: o novo point, por onde passam até 5.000 pessoas por fim de semana, é a 'orla de Guaianazes'."

2004 janeiro fevereiro Engenharia n° 561**Engenharia construtiva e arquitetura social estão unidas nos CEUs**

Artigo de Juan Garrido, uma extensa reportagem sobre os CEUs com entrevistas com os Secretários, com os membros da equipe técnica, com análise do sistema construtivo e funcionamento dos CEUs sob a ótica dos gestores:

"Quem visita um dos 17 Centros Educacionais Unificados, CEUs, em atividade nas regiões periféricas da cidade de São Paulo desde o segundo semestre de 2003, quase sempre se surpreende, resida o visitante na capital paulista ou venha ele de outras regiões e até mesmo do exterior. Uma prova disso é a expressão que foi usada pelo festejado prêmio Nobel de Economia de 2001, Joseph Stiglitz (ex-diretor-chefe do Banco Mundial), que esteve no CEU Perus, no distrito paulistano de Perus, em agosto do ano passado, logo depois de sua inauguração: 'O CEU Perus é a escola mais impressionante que já vi num país em desenvolvimento.'"

2004 janeiro fevereiro Boletim IAB al n° 8**CEU**

Artigo suscinto sobre as obras feitas pela Prefeitura de São Paulo.

2004 abril maio junho Jornal Arquitectos n° 215, Lisboa, Portugal

O último a sair breu, ascende a luz

Artigo de Ana Vaz Milheiro sobre as obras públicas à luz das perspectivas do projeto moderno:

"Mesmo tratando-se de uma realidade muito distinto da nossa, o exemplo de São Paulo deve fazer-nos reflectir, sem preconceitos, sobre os limites de um idealismo novamente perspectivado."

2004 julho 17 Mil Folhas Jornal Público, Lisboa, Portugal

Sonho feliz de cidade

Artigo da Ana Vaz Milheiro sobre o discurso moderno no projeto arquitetônico dos CEUs para solucionar obras sociais:

"As CEU provocam algumas das convicções da actual arquitectónica, confirmando que novos paradigmas (ou respostas) surgirão em circuitos externos ao dos habituais centros internacionais... Num momento em que a arquitectura desistiu de construir para o maior número, solução europeia na reconstrução do pós-guerra, a realidade brasileira parece exigir uma resposta pragmática que contrarie a actual ruptura social e que naturalmente pode assumir outras soluções, menos radicais. É, aparentemente, o regresso a uma espécie de universo moderno, crente na autoridade social da disciplina, mas que se sustenta em valores plásticos seguros, porque maturados no âmbito de uma tradição arquitectónica que viu no moderno o tempo de Fundação cultural."

2004 novembro Casabella n° 727, Milão, Itália

Centri Unificati di Educazione a San Paolo: Le scuole di São Paulo

Artigo do arquiteto e professor da USP São Carlos colocando o projeto dos CEUs dentro de um contexto histórico da escola do período republicano brasileiro e, também, dentro de um contexto urbano da cidade de São Paulo:

"La gravità dell'attuale degrado urbano e sociale paulista ha allontanato la possibilità di un'interazione più diretta con il tessuto cittadino circostante, possibilità che caratterizzo, invece, alcune iniziative simili, ma più modeste, agli inizi degli anni Novanta. I CEU intendono inaugurare una nuova urbanità per i loro quartieri. Ma non si tratta di fare tabula rasa delle realtà locali. Queste risoluzioni non si limitano a un'azione nel campo dell'oggetto, ma provano a identificare e a trasformare la situazione territoriale dell'area in cui s'installano. Dialogano direttamente con le caratteristiche geomorfologiche, le colline, i campi coltivati e i corsi d'acqua che sono ciò che resta della natura nei lotti prescelti. Alcuni esempi possono illustrare tale attitudine così cara agli esponenti della 'scuola paulista' di Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha."

2004 dezembro Arquitectos 055 Portal Vitruvius

Artigo do arquiteto e professor da USP São Carlos colocando o projeto dos CEUs dentro de um contexto histórico da escola do período republicano brasileiro e, também, dentro de um contexto urbano da cidade de São Paulo, versão em português do texto escrito para a revista Casabella acrescido de um post scriptum:

“Este artigo Foi escrito entre novembro e dezembro de 2003, após minha visita a dois centros recém inaugurados. No início de 2004 visitei outros dois centros, constatando sua intensa utilização pela população da região, Fato que confirmou minha avaliação inicial expressa ao longo do artigo. Os meses subseqüentes trouxeram os CEUs para o centro do debate político, onde o eleitorado de outras regiões da cidade Foi conduzido a Formular uma posição sobre o projeto, sem a possibilidade de conhecê-los in loco. A vitória oposicionista levanta o temor pela não continuidade da iniciativa, reforçado pelas primeiras manifestações da nova equipe de governo. O tamanho dos problemas urbanos de São Paulo certamente apontam para projetos de longo prazo. Se projetos como esse, bem sucedidos na estruturação social e urbana das periferias, Forem abandonados ao sabor dos resultados das urnas, estaremos condenando a cidade ao planejamento de curto prazo, o exato tempo entre uma eleição e outra.”

2005 fevereiro 27 Caderno 2/ Cultura O Estado de São Paulo**“O teatro é a arte do futuro”**

Artigo de Beth Néspoli sobre a apresentação da peça de teatro Mire Veja de uma adaptação do livro Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffatto, que aconteceu no CEU Rosa da China, onde Foi seguido de debate, com a platéia, sobre o teatro, a peça, os problemas que mais afligiam os espectadores, sobre a criação coletiva, tudo sob a ótica conceitual do artista Augusto Boal e, também, sobre a importância de haver casas de espetáculos como as dos CEUs:

“Pergunto-me se artistas e poder público se deram conta do significado da existência de 21 novos teatros na periferia, nos CEUs. Da potência disso.”

2005 julho agosto L'architecture d'aujourd'hui n° 359, Paris, França**“Brazil Builds”, Le retour**

Artigo de Sophie Trelcat sobre a arquitetura contemporânea brasileira, a sua origem modernista, a mistura de soluções sofisticadas com soluções artesanais e, com apresentação de vários projetos recentes, entre eles os CEUs:

«La première caractéristique de l'architecture brésilienne prend la forme d'un paradoxe spécifique très marquant : la conception architecturale s'appuie, comme ailleurs, sur des outils techniques et cognitifs hautement sophistiqués, mais le passage à la mise en œuvre implique toujours ici de basculer sur un mode adaptatif, fondé sur le compromis et une logique de résolution souvent artisanale. Cette adaptation à la réalité du chantier se constate ailleurs, mais semble particulièrement manifeste au Brésil au point d'être systématique et quasiment intégrée comme une règle. »

2005 agosto 17 Tracés n° 15/16, Zurique, Suíça

Architecture et éducation à São Paulo

Artigo do arquiteto e professor da USP São Carlos colocando o projeto dos CEUs dentro de um contexto histórico da escola do período republicano brasileiro e, também, dentro de um contexto urbano da cidade de São Paulo, versão em francês do texto escrito para a revista Casabella, mais conciso e com menos ilustrações.

2005 São Paulo guia de arquitetura contemporânea, Rio de Janeiro: Viana & Mosley

CEU Butantã

Guia de arquitetura de Fernando Serapião, que inclui o CEU:

"Na eterna oposição de opiniões entre melhorar a qualidade do corpo docente ou construir novas escolas, a segunda opção dá mais ímpeto. Por isso, é sistemática a associação entre os políticos e as suas construções. Mas isso não dá ou tira a felicidade do projeto do Centro Educacional Unificado (CEU), grandes escolas destinadas a receber mais de 2.400 alunos."

2005 Ainda Moderno? Arquitetura brasileira contemporânea, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

CEU Rosa da China

CEU Butantã

Os autores Lauro Cavalcanti e André Corrêa do Lago fizeram este livro, sobre a produção da arquitetura brasileira contemporânea, onde a origem foi a exposição *Encore Moderne? Architecture brésilienne 1928 – 2005*, apresentada em Paris, França, com vários projetos, inclusive os CEUs:

"Apesar de usar elementos pré-fabricados e materiais baratos, os edifícios são imponentes pelas dimensões e pelo rigor formal das duas principais estruturas (longitudinal e circular). O contraste com a informalidade das construções que circundam o CEU acentua sua vocação de referência para a comunidade e a função pedagógica que pode ter a arquitetura."

2006 setembro 10 novembro 19 Catálogo da 10ª Mostra Internacional de Arquitetura, Pavilhão do Brasil, Veneza, Itália

Centro Educacional Unificado

"Ainda que polêmica, a magnitude de sua escala, em contraste com o tecido urbano circundante fragmentado, marca física e simbolicamente a presença do poder público nas áreas mais desfavorecidas da cidade. Assim, colaboram na estruturação urbana dos locais onde se inserem."

2007 Educação, CEU e Cidade, São Paulo: Secretaria Municipal de Educação

Os autores Og Roberto Dória e Maria Aparecida Perez Fazem uma breve história da educação no Brasil do Império até chegar ao projeto dos CEUs da Prefeitura de São Paulo.

"Localizados nas áreas periféricas e carentes, de grande densidade populacional e nos principais bolsões de miséria da capital e de forte demanda escolar, os CEUs são parte integrante de uma política inclusiva capaz de reverter em médio prazo a evasão e a melhorar a qualidade de ensino de nossas escolas, considerando as condições de vida da população local. É importante aqui frisar que os CEUs foram pensados articuladamente com o Mapa da Exclusão e que eles encontram-se nas áreas de maior exclusão social."

2008 dezembro Arch+, Berlim, Alemanha**Stadtarchitektur**

Artigo de Marcos L. Rosa onde ele entrevista o arquiteto Alexandre Delijaicov, autor do projeto dos CEUs juntamente com outros arquitetos do EDIF:

"Para começo de conversa, tudo isso está ligado a uma arquitetura que chamamos de arquitetura da cidade. Mais apropriadamente dizendo, a arquitetura dos espaços de propriedade pública da cidade. Não só os espaços de uso público e coletivo (que podem ser de propriedade privada e de uso coletivo), mas toda a construção do meu argumento – aquilo em que acredito – ligado à arquitetura da cidade, me referindo à arquitetura dos espaços públicos da cidade, empreendimentos públicos. Quais são esses espaços? Eu acho que para a gente definir nessa conversa, apesar de visceralmente interligadas, podemos definir três frentes: a primeira frente, os sistemas de redes integradas de infra-estruturas urbanas e infra-estruturas territoriais. A segunda frente, os sistemas de redes de equipamentos públicos municipais (da cidade): aqueles equipamentos que recebem o cidadão desde suas primeiras semanas de vida até a construção de todo seu caráter filosófico e de cidadão, de seu ser político, dele como um agente, um ator e ele se reconhecer no outro como um agente transformador do seu próprio lugar, já que a arquitetura que nos interessa é a arquitetura do lugar, a construção de nosso endereço. Esses equipamentos (do berçário à pós-graduação, o centro comunitário, a casa de cultura) essa rede de equipamentos é que vai construir a constelação de redes, formando um mosaico dos espaços constituintes desse público da cidade. A terceira frente é um espaço impregnado e presente em tudo, como dizem vários arquitetos: a cidade é nossa casa. Como frente pública: a habitação produzida pelo poder público municipal. A habitação da cidade para a cidade, que não deixa para trás um olhar atento à unidade ou conjunto de unidades habitacionais vinculadas à(s) rede(s) de infra-estruturas urbanas." (Delijaicov, versão traduzida)

Crítica Persistente

2004 agosto 15 Cotidiano Folha de São Paulo

Para entender os CEUs e não ser enganado pelos marqueteiros

Artigo de Gilberto Dimenstein sobre os sob a ótica da sucessão municipal, marketing, educação e manipulação política:

"Admito que tenho dificuldade de criticar os CEUs; há anos, nesta Folha, defendo experiências desse molde para o enfrentamento da pobreza. Nenhum educador brasileiro me influenciou mais que Anísio Teixeira, o inventor da escola-parque, onde se localiza o DNA da experiência paulistana. Mas, se dependesse de mim investiria toda a verba dos CEUs na melhoria da educação infantil... O risco mais grave dos CEUs é o marketing. Marta Suplicy transformou-os em peça publicitária para se reeleger. Não há um único educador sério capaz de ver nisso uma 'revolução educacional', como vem sendo propagandeado. Pode até gostar e até elogiar o projeto, mas falar em revolução é uma monumental impropriedade só justificada pela esperteza de quem a divulga e pela ignorância de quem a ouve."

2004 novembro 15 Entrevista da 2ª Folha de São Paulo

CEU deveria virar clube para pobres, sugere antropóloga

Artigo de Rafael Cariello onde entrevista a antropóloga Eunice Ribeiro Durham, da USP, onde ela faz críticas aos CEUs:

"Estudaria a situação para ver se seria possível transformar os CEUs numa coisa parecida com a Escola Parque, que atenda a toda uma população de alunos da região. É preciso aumentar o número de horas de aula nas escolas. Com teoricamente quatro, na verdade três horas de aula, não dá para as crianças aprenderem a ler. Mas isso não é a opinião Serra, heim? É a minha. Os CEUs precisam ser transformados em alguma coisa que atenda aos estudantes depois da escola regular, para tirá-los da rua e lhes dar uma ampliação curricular – que não fique apenas em hora de aula, mas tenha teatro, cinema, música, esporte. Se veria um uso mais intenso dos CEUs para uma população mais ampla de crianças. Seria muito bom se déssemos período integral para todas as crianças do Brasil. Mas entre o ideal e o que é possível fazer com as verbas existentes hoje existe uma diferença bastante grande. Democratizar os CEUs. Não demolir os nem deixar que pereçam, mas fazer com que eles rendam mais."

2005 novembro 26 Cotidiano Folha de São Paulo

Serra decide retomar CEUs de Marta Suplicy

Artigo de Alexsander Soares que mostra a decisão do Prefeito de retomar as construções dos CEUs, só que com projeto modificado:

"Minha crítica aos CEUs existia porque outras prioridades da área da educação não estavam equacionadas. Quando conseguirmos equacionar os problemas, o

caminho mais racional Foi usar os recursos para construção de novos CEUs, que já tem área desapropriada e contrato assinado desde a gestão passada. Não vamos mudar nem o nome, porque não gosto de atribuir obras ou programas a partidos políticos', disse Serra."

2005 novembro 26 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

Serra anuncia construção de 5 CEUs

Artigo de Aryane Cararo Camila Anauate e Juliana Araújo que mostra a decisão do Prefeito de retomar as construções dos CEUs, só que com projeto modificado:

"Decidi não mudar os nomes, apesar de arquitetura ser diferente, porque não gosto de simplesmente mudar o nome para atribuir outro tipo de paternidade', afirmou o tucano."

2005 dezembro 02 Notas e Informações O Estado de São Paulo

O retorno dos CEUs

Editorial do jornal onde se critica a decisão do Prefeito de construir os CEUs sem que se tenha tomado outras medidas:

"A administração tucana, ao final do primeiro ano de governo, não apresentou projeto pedagógico claro, definindo métodos de ensino, capacitação de professores, orientação curricular, assistência efetiva aos alunos carentes, sob o ponto de vista do aprendizado."

2005 dezembro 15 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

Serra libera R\$ 27 mi a áreas de CEUs

Artigo de Alessandra Pereyra sobre a continuidade das construções dos CEUs:

"A Prefeitura liberou R\$27,6 milhões para o pagamento das desapropriações de 17 terrenos que haviam sido reservados para a construção de novos Centro Educacionais Unificados (CEUs) pela gestão anterior."

2005 dezembro 15 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

11h52 Moradores abraçam sede do Edif

"Alguns moradores da Vila Mariana deram um abraço no prédio do Departamento de Edificações (Edif) para pedir sua permanência no Parque do Ibirapuera, onde está desde os anos 60. A Prefeitura anunciou que vai transferir o Edif para o centro da cidade. Funcionários e arquitetos do departamento são contra a mudança."

2006 fevereiro 13 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

Unificação de clubes e escolas sai em abril

Artigo de Camilla Haddad sobre os clubes municipais que serão transformados em CEUs:

"A Prefeitura promete iniciar em abril as obras para anexar 26 Clubes da Cidade às escolas das redes municipais de ensino Fundamental e Infantil. O que se pretende é aproveitar a infra-estrutura de áreas de lazer e esportes disponível nesses balneários para transformar antigas escolas em novos Centros Educacionais Unificados (CEUs), iniciados na gestão da prefeita Marta Suplicy (PT)."

2007 maio 12 Notas e Informações O Estado de São Paulo

Verbas para o Clube Escola

Editorial sobre a pretensão do prefeito Gilberto Kassab em reformar os Clubes da Cidade e transformá-los em CEUs:

"A Prefeitura optou por uma ação de baixo custo e bons resultados, conforme já foi comprovado pelo governo de Marta Suplicy, que criou os CEUs. Em 2004, a administração petista gastou R\$ 10 milhões, ou 55,5% do custo de um único CEU, para reformar 40 Centros Educacionais Esportivos (CEEs), que rebatizou como Clubes da Cidade... a reforma de um Clube da Cidade produz uma relação custo-benefício que não é alcançada pela construção de um CEU."

2008 novembro 23 Cotidiano Folha de São Paulo

O céu de Kassab

Artigo de Gilberto Dimenstein sobre os projetos do Prefeito na área de educação e as suas pretensões políticas, num contraponto Bairro Educador X CEU:

"Liderada pela comunidade, a experiência, batizada de Bairro Educador, é um dos ingredientes de um projeto desenhado pela assessoria de Gilberto Kassab (DEM) para ampliar a entrada na periferia e inovar a marca social de seu governo... Pelo potencial do impacto, o programa de Bairro Educador e a implantação da escola de sete horas acoplada com espaços como os clubes estarão para Kassab como o Bolsa Família está para Lula."

Crítica Impertinente

2004 abril 15 Cotidiano Folha de São Paulo

Novos escolões custarão 46% a mais

Artigo de Pedro Dias Leite sobre os custos da construção dos CEUs:

"Os escolões são uma das principais realizações que Marta deve explorar na sua campanha à reeleição. Localizados na periferia da cidade, tem piscinas, biblioteca, teatro, computadores com acesso à internet e quadras esportivas"

abertas à população carente. Cada um deles tem capacidade para 2.400 alunos. Para o vereador Roberto Tripoli (PSDB), que levantou os dados sobre os CEUs, os escolões são uma vitrine para a eleição, em que se está gastando um monte de dinheiro para a criação de poucas vagas.”

2004 setembro 04 Espaço Aberto O Estado de São Paulo

Com Marta, doente vai para o CEU

Artigo de Mauro Chaves sobre a campanha eleitoral e o CEU da Saúde:

“É como se, de tanto esbanjar esperteza, o gênio marqueteiro Posse, Finalmente, engolPado pela própria. A invenção do ‘CEU da Saúde’ talvez entre para o anedotário eleitoral como uma das idéias mais puerilmente demagógicas de todas as já conjuminadas durante uma campanha de conquista de votos. Seria inimaginável que, de um projeto elaborado em agosto do ano passado – já com um ano, portanto, como alegam os condutores da campanha reeleitoral da prefeita –, nesse tempo todo, enquanto a cidade Foi transformada num verdadeiro canteiro de obras, só tenha dado para se produzir uma branca maquete, sem que a Prefeitura tivesse tido iniciativa alguma de testar o programa?”

2004 novembro 23 Cidade Jornal da Tarde

Um dossiê em favor dos CEUs

Artigo de Bruno Paes Manso e Carla Miranda sobre um documento a ser entregue ao Futuro Prefeito José Serra e, a origem dos CEUs:

“Entre os autores da iniciativa está o arquiteto Alexandre Delijaicov, professor da Universidade de São Paulo (USP) e Funcionário da Prefeitura há 12 anos, que fez o desenho final dos CEUs. Ele e outros 29 colegas querem dar seqüência à idéia de montar o que chamam de ‘redes estruturadoras’ para a Capital. ‘Esperamos que a nova administração tenha a serenidade para fazer um estudo técnico e entender o projeto’, diz Delijaicov. Faltam ainda 24 unidades para completar as 45 programadas para cobrir a periferia.”

2004 novembro 23 Metrópole O Estado de São Paulo

CEUs nasceram longe da educação

Artigo de Bruno Paes Manso e Carla Miranda sobre um documento a ser entregue ao Futuro Prefeito José Serra e, a origem dos CEUs:

“Naquele momento, Alexandre Delijaicov entra na história. O arquiteto e o pessoal da EDIF tinham na gaveta a planta que os técnicos das Finanças procuravam. Desenhado na época da gestão de Luiza Erundina, o projeto Foi escolhido por Marta, entre outros dois candidatos analisados.”

2004 novembro 23 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

CEU era para mudar bairros

Artigo de Bruno Paes Manso e Carla Miranda sobre a origem dos CEUs: "Dois dos principais nomes do grupo que ajudou a tirar os CEUs do papel, o economista Fernando Haddad e o arquiteto Alexandre Delijaicov, não enxergam o projeto apenas como um programa educacional.

"O CEU Foi concebido para dar início à urbanização dessas regiões. Desde iluminação, calçamento, emplacamento a delegacias e postos da Guarda Civil", diz Haddad. 'Seria o elemento que deflagaria o processo.' Segundo ele, a intenção era criar algo grande, que evidenciasse a presença do Estado na área. Delijaicov concorda que uma das principais Funções do CEU é estruturar o entorno."

2004 novembro 23 Metrô News

Servidores querem a continuação dos CEUs

Artigo sobre um documento a ser entregue ao Futuro Prefeito José Serra e a origem dos CEUs.

2004 novembro 24 Opinião O Estado de São Paulo

A verdadeira história dos CEUs

Editorial:

"Ao tentar convencer a Futura administração municipal a completar a rede de Centros Educacionais Unificados (CEUs), os idealizadores do projeto revelam a verdadeira história de seu surgimento. E esta, ao contrario do que imaginam, pode mais prejudicar que ajudar a defesa do projeto, que surge ao mesmo tempo como produto de improvisação e distante da preocupação com a educação, que nele entra quase como Pilatos no Credo... É lastimável constatar que um projeto caro, ambicioso e sobretudo como o dos CEUs tenha sido produto de tal improvisação."

2005 fevereiro 18 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo

CEU pode desabar em Pirituba, diz Serra

Artigo de Silvia Amorim sobre problemas na construção do CEU da Paz:

"Por enquanto, as aulas estão acontecendo normalmente. 'Espero que não tenha de pará-las', disse Serra. 'O pior é que o secretário Pinotti me disse que a maioria dos CEUs Foi malfeita. Nós vamos chamar as empresas e pedir que reFaçam o serviço.' O tucano não poupou criticas à sua antecessora, Marta Suplicy. 'Tudo Foi mal construído. Tudo Fruto da pressa', acusou o prefeito. O CEU Foi uma das vitrines da gestão petista. Em dois anos Foram construídas 21 unidades, todas na periferia. Na campanha, Marta prometeu Fazer mais 24."

2005 fevereiro 19 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo**Artigo de Natália Zonta sobre os defeitos nas instalações do CEU da Paz:**

“O prefeito José Serra, afirmou ontem, após visita aos prédios, que o CEU de Pirituba poderia desabar. Ele se enganou na localização: na verdade o centro fica no Jardim Paraná, região da Vila Brasilândia, zona norte da Capital.”

2005 dezembro 10 Metrópole O Estado de São Paulo**Arquitetos atacam CEUs de Serra**

Artigo de Luciana Garbin e Silvia Amorim onde expõe as opiniões de vários arquitetos sobre os CEUs e, divulga um documento dirigido ao Serra:

“Após dias de articulação, arquitetos reagiram ontem publicamente à retomada da construção de Centros Educacionais Unificados (CEUs), anunciada no dia 25 pelo prefeito José Serra (PSDB). Não pela proposta em si, que elogiam, mas porque acusam Serra de ignorar e mudar projetos originais já licitados sem consultar os autores, funcionários da própria Prefeitura. Professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) divulgaram até um manifesto, no qual questionaram a legalidade da decisão.”

2005 dezembro 10 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo**Prefeitura tenta esvaziar manifesto**

Artigo de Luciana Garbin e Silvia Amorim onde divulga um manifesto dirigido ao Serra e a sua repercussão dentro da Prefeitura:

“O texto final do manifesto de 12 professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP contra os novos Centros Educacionais Unificados (CEUs) ainda nem havia sido divulgado e a polêmica já se alastrava na universidade... ‘Sou a favor do debate, mas, como está sendo feito, virou questão político-partidária. Não posso aceitar isso’, afirmou Sawaya.”

2005 dezembro 12 Cidades/Metrópole O Estado de São Paulo**Serra: ‘Havia barbearagem no CEU**

Artigo de Camilla Rigi e Marcelo Godoy sobre o incômodo pelo Manifesto da FAU:

“O documento que acusa a gestão de Serra de descaso com as instituições públicas e falta de visão histórica foi assinado por 12 professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP). ‘A única coisa é que vimos todos os defeitos que tinha e consentamos’, disse Serra.”

Finalizando, esta seleção com as classificações, propositais, permite um retrato do que consideramos permanentes (crítica chapa branca e crítica construtiva) e transitórios (crítica impertinente) com relação aos projetos feitos pelo Edif.

Conclusão: C.E.U. Centro de Estruturação Urbana

Sistemas de Engenharia que constrói o Lugar

Para mim, a primeira e primordial arquitetura é a geografia.

Paulo Mendes da Rocha 2000 (A cidade para todos in Artigas, Rosa. (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naif, Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000)

Com esta colocação do nosso mestre Paulo Mendes da Rocha, nós podemos nos permitir a licença de juntar ou aproximar formas de conhecimentos específicas, Arquitetura e Geografia, para construirmos um raciocínio e algumas observações sobre os Centros Educacionais Unificados da Prefeitura do Município de São Paulo.

Neste sentido, adotaremos entidades e conceitos formulados e usados pelo professor e geógrafo Milton Santos (1), sem nos aprofundarmos nas questões conceituais, pois não é o nosso objeto de estudo, aplicados à construção de novos espaços artificiais.

Sistema de Ações

O Projeto dos Centros Educacionais Unificados envolveu uma grande equipe. Esta equipe foi formada por técnicos da Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, Secretaria de Esportes, Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Finanças, Secretaria de Negócios Jurídicos, Secretaria de Planejamento, Secretaria de Obras (responsável pelos projetos e obras, da qual nós do EDIF fazemos parte), assessores do Gabinete da Prefeitura, parlamentares e representantes da comunidade.

Formada por profissionais de diversas áreas, esta equipe, inclusive nós arquitetos, teve como ações definir os locais das implantações, definir o programa arquitetônico dos equipamentos e a sua gestão (sistema de objetos), definir a viabilidade financeira, definir a viabilidade legal (urbanística e jurídica), estabelecer a relação com a comunidade local, estabelecer a relação do Executivo com os Parlamentares e por último, estabelecer as prioridades das implantações, uma vez que toda periferia de São Paulo é carente de equipamentos públicos e infra-estrutura.

1. Os conceitos empregados pelo professor Milton Santos como Sistemas, Sistemas de Objetos, Sistemas de Ações, Sistemas da Natureza, Sistemas de Engenharia, Objetos Técnicos entre outros estão nos livros: Santos, Milton [1926 – 2001]. Técnica, Espaço, Tempo globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

O País Distorcido: O Brasil, A Globalização e a Cidadania, org. Wagner Costa Ribeiro. São Paulo: Publifolha, 2002.

O Brasil: território e sociedade no início do século XXI / Milton Santos, Maria Laura Silveira. 10º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4º ed. 4º reimpr. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2008.

Neste sentido, podemos considerar este ponto (sistema de ações) a parte mais importante do programa dos C.E.U.s, pois Foi um trabalho de Equipe, um trabalho Coletivo e, Fundamentalmente, um trabalho com tomadas de decisões Democráticas. Contrariando o que vem acontecendo, desde o início da nossa história republicana, com decisões tomadas em gabinetes Fechados entre o mandante e o arquiteto, me permito a não exemplificar. Por isso, consideramos a nossa participação, como arquiteto, numa equipe multidisciplinar como esta, Fundamental para a nossa vivência profissional mais rica, mais humanista, mais coletiva e tolerante, ao mesmo tempo sem perder a individualidade.

Sistema de Objetos

O passo seguinte da Equipe Foi estabelecer o programa arquitetônico dos conjuntos dos equipamentos públicos, dos espaços públicos e da infra-estrutura.

Como objetos tínhamos Escolas (creche, infantil, fundamental, médio e ensino não seriado), Equipamento Cultural (teatro-cinema, ateliês de artes e estúdios de música), Equipamento Esportivo (ginásio, piscinas, campo de Futebol e pista de skate), Equipamento de Lazer (praças, jardins, parques, brinquedos, piscinas e lagoinhos) e Infra-estrutura (saneamento básico, retificação de córregos, sistema viário, iluminação pública, transporte público, passeio público, etc).

A decisão de abranger um maior número de objetos técnicos a ser construído Foi no sentido de qualificar o endereço como um Lugar na cidade. A boa qualidade técnica e arquitetônica das construções dos CEUs se tornam secundária diante do sistema de ações adotado, pois entendemos que a atitude coletiva de construir o lugar se tornou mais importante que a arquitetura do lugar. Mesmo assim, essa experiência não serviu de exemplo administrativo, pois continuamos tendo exemplos de boa arquitetura feita de maneira arbitrária e autoritária, isto é, feito e decidido em gabinetes a portas fechadas.

Sistemas de Engenharia

A revisão crítica do colonialismo, quanto à questão da arquitetura e do espaço habitado é fundamental para o estabelecimento de uma personalidade, da concretude do que seja ser homem contemporâneo para todos os povos do mundo. Vemos, na Europa, a reconstrução de cidades destruídas por guerras infames, sempre as mesmas cidades. Nossos olhos se voltam para a idéia de construir as cidades americanas na natureza, estabelecendo novos raciocínios sobre o estado das águas, das planícies e das montanhas, a espacialidade de um continente, novos horizontes para nossa imaginação quanto à forma e o engenho das coisas que haveremos de construir.

Paulo Mendes da Rocha 2000 (A cidade para todos in Artigas, Rosa. (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naif, Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000)

Novamente, o nosso arquiteto, Paulo Mendes da Rocha, nos abre caminho e perspectiva para podermos compreender e construirmos a nossa Cidade de São Paulo, e aproximando conceitos de outras áreas do conhecimento. Achamos pertinente empregar Sistemas de Engenharia (7), que

é um sistema técnico aplicado a território, para a Cidade de São Paulo, pois entendemos que a nossa Cidade é um território pelo fato de ser economicamente o terceiro PIB do Brasil.

Podemos entender que as construções dos CEUs, sempre na periferia e nas bordas da Cidade, para dar um novo habitat e cidadania para a população é Sistema de Engenharia. Pois foi necessária uma grande mobilização de conhecimento técnico e social, uma grande mobilização das empresas de construção civil, uma grande mobilização da indústria da construção civil, uma grande mobilização da sociedade civil organizada, para realizar as construções arquitetônicas, que ultrapassavam os limites dos lotes, obras dos edifícios públicos, obras dos espaços públicos, obras de drenagem, obras de sistema viário, obras de transporte público e de sistemas de segurança pública.

Neste sentido, se entendermos como Lugar o espaço urbano, composto de infra-estrutura, espaços e equipamentos públicos e habitações, onde as relações sociais se dão de forma humanista, podemos dizer que, o colar de objetos técnicos públicos formados pelos CEUs na periferia de São Paulo é um Sistema de Engenharia que constrói o Lugar.

Influências (a influência é do projeto de arquitetura concreto e não do pensamento do arquiteto sobre arquitetura)

O projeto arquitetônico dos CEUs tem no seu DNA as formas cariocas de Reidy, Hélio Duarte, Corona e Tibau com a construção paulista de variadas origens (construtivistas russos, Le Corbusier, Neutra, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha) e, principalmente, de Lelé (João Filgueiras Lima) com a sua arquitetura pré-fabricada e industrializada.

A arquitetura dos arquitetos do EDIF para os projetos dos CEUs traz consigo, como resultado, apenas as formas, o método construtivo e o programa arquitetônico como herança. Estamos apenas indicando que, a influência da arquitetura dos CEUs é uma interpretação formal de outros projetos e, não uma interpretação dos pensamentos de outros arquitetos. A arquitetura traz influências ou contribuições de outras arquiteturas e, com pouco destaque do que o arquiteto pensa sobre a arquitetura, podemos dizer que os conceitos estão sempre latentes ou ocultos, em segundo plano; o que queremos explicitar é que, o que interessa é que a arquitetura projetada atinja os fins para o qual foi projetado e, o pensamento do arquiteto é secundário, até como influência.

Sistemas de Escritórios Públicos

(a repartição pública do C.E. 1948 & a repartição pública atual, EDIF 2008)

O ateliê público do Convênio Escolar, como organização de escritório, pouco difere do atual Departamento de Edificações e a sua Divisão de Projetos, conforme depoimentos dos arquitetos Hélio Duarte, Corona e Tibau, do Convênio e a comparação com o Edif.

As diferenças estão apenas na quantidade de projetos realizados anualmente, cerca de duzentos projetos, entre pequenas reformas e obras novas e, os tipos de projetos, escolas, creches, pré-escolas, postos de saúde, hospitais, postos de bombeiros e edifícios administrativos.

A forma de trabalhar, o funcionamento do ateliê são semelhantes nos dois escritórios, mesmo com o intervalo de sessenta anos no tempo; isto é, no Convênio Escolar Hélio Duarte tinha um grupo de arquitetos onde eles projetavam, sob o mesmo teto, individualmente e, algumas vezes, em associação a outros companheiros, com a liberdade no projeto, sem cerceamento ou orientações dogmáticas, apenas com algumas diretrizes e conceitos que Duarte discutia com os arqui-

tetos; hoje, podemos dizer que, a Divisão de Projetos do Edif Funciona da mesma maneira que o ateliê anterior, os projetos são feitos individualmente pelos arquitetos do grupo que está sob o mesmo espaço, com um agravante que é o número maior de profissionais e, as diretrizes (como Hélio Duarte conduzia) nem sempre são claras, ou dadas pelo chefe, com exceção de raros bons momentos, como por exemplo, quando o ateliê Edif quando estava projetando os CEUs, pois foi um trabalho em equipe.

Mesmo com esta falta de organização interna dos dois ateliês, podemos dizer que, a produção dos arquitetos, ao longo de sessenta anos, no mesmo escritório público, sem que tenham se encontrado profissionalmente sob o mesmo teto, é muito boa do ponto de vista da qualidade da arquitetura pública e, com algo que marcou a história da arquitetura contemporânea paulista, a arquitetura moderna.

Neste sentido, parte de nossa reflexão é como contribuir para que haja uma concentração de esforços, ou trabalho em equipe, que haja menos dispersão e mais eficiência, contradizendo todo o histórico de arquitetura de uma repartição pública, que sempre primou pela qualidade dos edifícios públicos.

Capítulo 3: Reflexões

Introdução

FAU USP 60 anos

Escritório Público: EDIF 60 anos

Arquitetura

Lúcio Costa

Oscar Niemeyer

Vilanova Artigas

Paulo Mendes da Rocha

Hélio Duarte

Eduardo Corona

Roberto Tibau

Arquitetura, Referências

Lúcio Costa

Oscar Niemeyer

Eduardo Reidy

Vilanova Artigas

Projetos do Convênio Escolar e do EDIF

Croquis

Projetos e Obras

FAU e Universidade de São Paulo

Algumas considerações

Apresentação

Achamos oportuno transformar a Aula Inaugural para os ingressantes à FAU USP de 2008, a convite do GFAU, no terceiro capítulo, o único ilustrado, como se fosse uma história em quadrinhos; primeiro, porque ela foi uma síntese da nossa pesquisa da Dissertação em Projeto de Arquitetura. Outro, porque achamos importante mostrar aos alunos que a nossa Escola forma arquitetos com atuação em diversas áreas, que não só a do arquiteto autor e com um ateliê famoso. Relatar a nossa experiência profissional como arquiteto, formado pela FAU USP, funcionário público que trabalha numa repartição pública, que faz projetos e construções de edifícios públicos, se torna pertinente para o atual estágio do nosso mercado de trabalho e, o papel preponderante que o Estado e a sua administração deverá ter diante da recente crise econômica mundial para a sua superação.

A nossa aula dividida em, primeiro, uma introdução, segundo, o que é o Escritório Público onde trabalhamos que tem sessenta anos de idade, terceiro, algumas definições de arquitetura que orientam o nosso trabalho, quarto, algumas referências arquitetônicas que embasam os nossos projetos, quinto, os sessenta anos de arquitetura do nosso escritório, mostrado em croquis e em projetos e obras, sexto, as nossas considerações sobre a FAU e a USP e, por último, as nossas considerações.

FAU USP 60 anos

Quase sempre julgamos a juventude pensando na juventude de nossa geração. Esquecemos que hoje ela está mais adulta, mais esclarecida e interessada em todos os problemas da época. Daí sua revolta diante desse mundo de privilégios, guerras e preconceitos. Representa um movimento de esquerda, porque para a esquerda segue a humanidade. Um movimento indefinido, mas cheio de espontaneidade e de idealismo. Somente os reacionários, os donos do dinheiro, dos privilégios e preconceitos a combatem. A juventude representa o futuro, o mundo melhor que até hoje não conseguimos construir.

Oscar Niemeyer 1968/1969

O que mais me impressiona é que os problemas que nos restaram têm, hoje, uma escala tão grande que já estão longe de minha capacidade individual de interpretá-los. Seria impróprio, malicioso, da parte dos jovens me perguntar quais os caminhos para o futuro da arquitetura brasileira. Eu devolvo essa pergunta: daqui a quinze anos São Paulo terá o dobro do número de habitantes que tem hoje; e precisaria o dobro de empregos e o dobro de tudo o que se possa imaginar.

Eu, naturalmente, nessas condições estarei fora de poder opinar a respeito disso. Acredito que já estarei participando do cosmo, de uma maneira bem diferente.

Trata-se da juventude tomar essa convicção, enfrentar os problemas e encontrar soluções para eles.

Vilanova Artigas 1984

Gostaria de agradecer ao GFAU pelo privilégio do momento, de poder estar dirigindo as primeiras palavras a todos os ingressantes.

Eu me formei nesta Escola há 30 anos.

Trabalho no serviço público há 21 anos, no escritório EDIF que é o Departamento de Edificações da Secretaria Municipal de Infra-estrutura Urbana e Obras da Prefeitura do Município de São Paulo.

Voltando às frases iniciais, antes de iniciar a minha exposição, gostaria de fazer dois pequenos comentários, pois tem a ver com a minha formação como pessoa:

“Quase sempre julgamos a juventude pensando na juventude de nossa geração. Esquecemos que hoje ela está mais adulta, mais esclarecida e interessada em todos os problemas da época. Daí sua revolta diante desse mundo de privilégios, guerras e preconceitos. Representa um movimento de esquerda, porque para a esquerda segue a humanidade. Um movimento indefinido, mas cheio de espontaneidade e de idealismo. Somente os reacionários, os donos do dinheiro, dos privilégios e preconceitos a combatem. A juventude representa o futuro, o mundo melhor que até hoje não conseguimos construir”.

Oscar Niemeyer 1968/1969

Oscar está se referindo às manifestações estudantis e às guerrilhas contra ditadura militar no Brasil, contra o AI-5 e, às manifestações em Paris e nos Estados Unidos da América do Norte. E, também, um protesto à ditadura que tinha cassado os professores da FAU, Paulo Mendes, Maitrejan e Vilanova Artigas. E foi iniciativa dos alunos da FAU ocupar este prédio, que já estava pronto. Neste momento, 1969, estava cursando o Colegial e pensando em fazer o curso superior, ainda não tinha escolhido qual. Por isso, indiretamente, inconscientemente, tem a ver comigo, a responsabilidade que tínhamos pela frente, mudar o país através da nossa contribuição cultural e profissional.

“O que mais me impressiona é que os problemas que nos restaram têm, hoje, uma escala tão grande que já estão longe de minha capacidade individual de interpretá-los. Seria impróprio, malicioso, da parte dos jovens me perguntar quais os caminhos para o futuro da arquitetura brasileira. Eu devolvo essa pergunta: daqui a quinze anos São Paulo terá o dobro do número de habitantes que tem hoje; e precisaria o dobro de empregos e o dobro de tudo o que se possa imaginar.

Eu, naturalmente, nessas condições estarei fora de poder opinar a respeito disso. Acredito que já estarei participando do cosmo, de uma maneira bem diferente.

Trata-se da juventude tomar essa convicção, enfrentar os problemas e encontrar soluções para eles.”

Vilanova Artigas 1984

Artigas estava se referindo às manifestações pela redemocratização, movimento Diretas-já e à reorganização da sociedade brasileira. Delegando a todos jovens, politizados e conscientes da amplitude dos problemas brasileiros, esta tarefa. Outra vez, neste momento, recém formado em Arquitetura, recebemos, indiretamente, esta herança de responsabilidade moral, ética e cultural para trilharmos a nossa profissão.

Escritório Público: EDIF 60 anos

O nosso escritório tem virtualmente 60 anos, isso porque ao longo dos anos teve vários nomes e do ponto de vista burocrático ele não é contínuo, mas não importa.

Tem a mesma idade da FAU, que este ano está completando 60 anos.

Esta Repartição Pública Municipal começou em 1948 como Comissão do Convênio Escolar, que é um convênio entre o Município e o Estado, atendendo Constituição Federal de 1946, para melhorar o atendimento educacional que o Estado dava.

Este Convênio (de 1948 a meados de 1950) teve uma produção significativa e de grande importância para a Arquitetura Paulista.

O responsável por isso foi o arquiteto Hélio Duarte, que foi professor dessa Escola de 1949 a 1976, que chefiou a equipe de arquitetos para a realização dos projetos.

Foi a primeira vez que dentro de um Órgão Público, com os seus funcionários, se fez projetos e obras de Arquitetura Moderna em São Paulo.

Esses conceitos modernos foram além da própria arquitetura, incorporando uma filosofia e pedagogia moderna (se é que isso existe).

Esta equipe foi formada inicialmente pelos arquitetos Hélio de Queiroz Duarte, o chefe de projetos, Eduardo Corona, Roberto José Goulart Tibau, todos cariocas e nossos professores, Ernest Robert de Carvalho Mange e Oswaldo Correa Gonçalves, formados pela nossa Escola, então Politécnica.

Eles projetaram, neste breve período, Parques Infantis, Grupos Escolares, Ginásio, Escolas Rurais, Escola de Astrofísica, Bibliotecas, Teatros e um Planetário.

Todos com uma qualidade arquitetônica inovadora para os padrões de construção dos edifícios públicos e, o mais importante, com inovações no programa arquitetônico.

A nossa equipe de projeto de arquitetura atual, do EDIF, conta com 25 arquitetos, formados em diversas escolas de arquitetura, que trabalham juntos há 15 anos, no mínimo.

Todos têm uma belíssima produção. Contamos, também, na equipe um professor da FAU, o arquiteto Alexandre Delijaicov. Foi chefe desta equipe de 1990 a 1992 e de 2001 a 2004.

Fazemos aproximadamente 200 projetos por ano, entre obras novas, reformas e ampliações de edifícios públicos municipais, são elas Creches, Pré-Escolas, Escolas de Ensino Fundamental, Postos de Saúde, Hospitais, Postos de Bombeiros, Bibliotecas, Teatros, Casas de Cultura, Centros Esportivos, edifícios administrativos, etc.

Estamos falando tudo isso para termos um horizonte de que, com a nossa profissão, poderemos abrir um leque de atuação que vai além do arquiteto autoral. Devolvendo para a Cidade a produção de coisas públicas, que é o mínimo que podemos fazer, sendo aluno de uma Escola Pública.

Neste sentido, para criarmos e despertarmos o entusiasmo e alegria em todos, mostraremos alguns trabalhos nossos, dentro de um contexto de referências.

Arquitetura

Separei algumas definições de Arquitetura de alguns arquitetos que são familiares à minha formação como arquiteto, como ao meu cotidiano no nosso Escritório EDIF e a FAU, e que tem a ver com a minha pesquisa em projetos de Arquitetura Pública.

Eu sei que vocês terão o curso todo e vida toda para chegarem a algumas definições, mas só citarei algumas, pois tem a ver conosco e eles (Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Hélio Duarte, Eduardo Corona e Roberto Tibau) em algum momento de suas vidas se encontraram. Por isso, consideramos estas definições, dentro de um universo muito amplo, relevantes dentro da minha pesquisa em arquitetura.

Arquitetura é coisa para ser exposta à intempérie a um determinado ambiente;

Arquitetura é coisa para ser encarada na medida das idéias e do corpo do homem;

Arquitetura é coisa para ser concebida como um todo orgânico e Funcional;

Arquitetura é coisa para ser pensada estruturalmente;

Arquitetura é coisa para ser sentida em termos de espaço e volume;

Arquitetura é coisa para ser vivida.

Lúcio Costa

Arquitetura é construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa.

Lúcio Costa

A arquitetura deve representar invenção e Fantasia e ser, antes de tudo, bela e criadora.

Oscar Niemeyer

Arquitetura é uma arte.

Vilanova Artigas

A arquitetura como Forma de conhecimento, de uma Forma ampla, cuja questão Fundamental é uma reflexão crítica sobre todo esse passado, e perante a téc-

nica e os recursos, a ciência, a hipótese de editar novidades nunca vista antes, porque estamos diante de erros.

Paulo Mendes da Rocha 1997

A arquitetura é, antes do mais, invólucro adequado à vida do homem. Como invólucro subtrai o homem aos efeitos das ações e interações dos agentes físicos exteriores, proporcionado-lhe, ainda, ambientes psico-fisiológicos adequados às funções humanas. E como é Espaço, como é Volume, tem que se apresentar formalmente correta (necessidade humana do Belo), mas não exclusivamente "por fora". Afinal se o aspecto externo interessa ao "passante", o efeito interno interessa ao "vivente". E este é mais importante que aquele.

Hélio Duarte 1956

...eu acho que a arquitetura também é uma maneira de ensinar.

Hélio Duarte 1985

A arquitetura sempre foi definida como atividade técnica e artística.

Eduardo Corona 1997

Eu acho a arquitetura essencial, tão importante quanto o alimento.

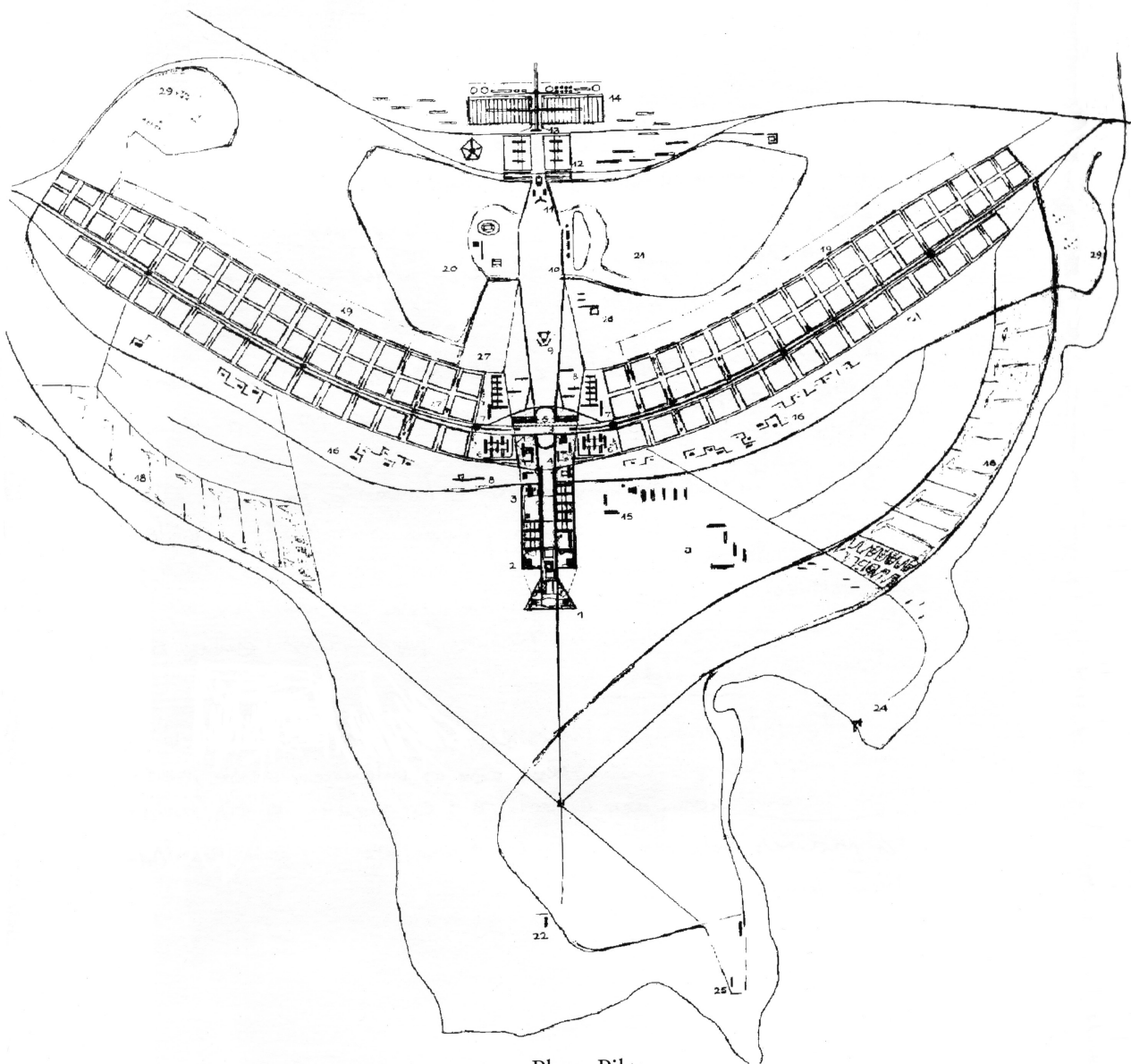
Roberto Tibau 1997

Essas definições conceitos estão presentes de forma latente nos nossos trabalhos de projetos e construções, de maneira singela, como mostraremos no final.

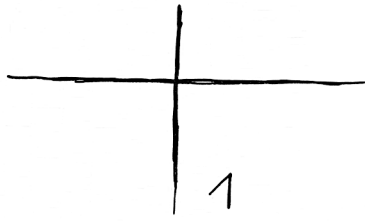
Arquitetura, Referências

Separamos alguns croquis e desenhos que fazem parte da história da arquitetura brasileira, carioca e paulista e, que fazem parte da nossa formação cultural e profissional.

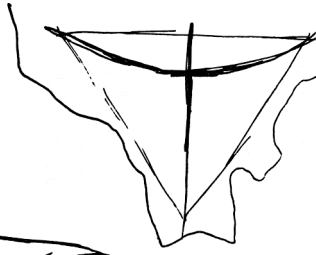
Croquis de Lúcio Costa para o concurso para a construção de Brasília



Plano Piloto
10 de março de 1957

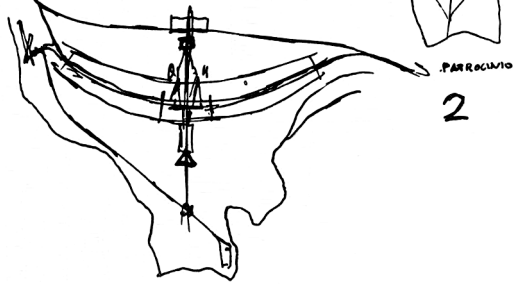


1

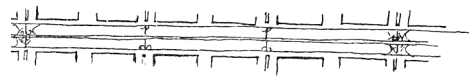


2

PARADOLIS



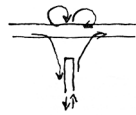
PARQUELADO



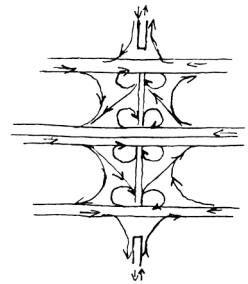
3



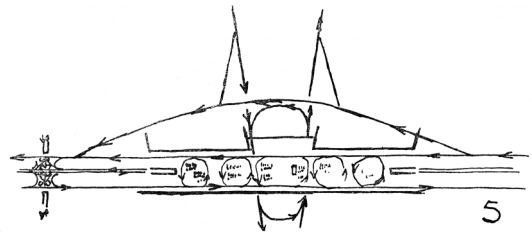
4



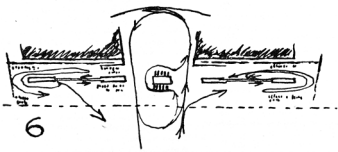
3



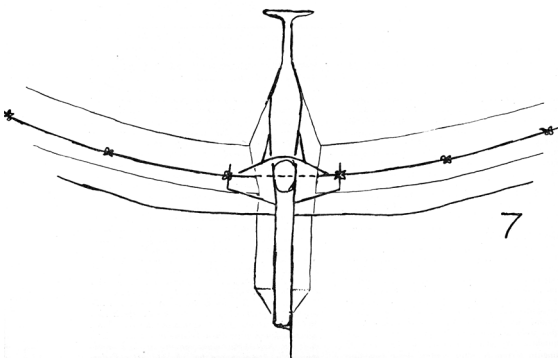
3



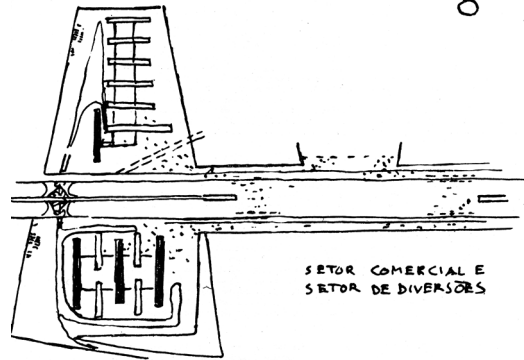
5



6



7



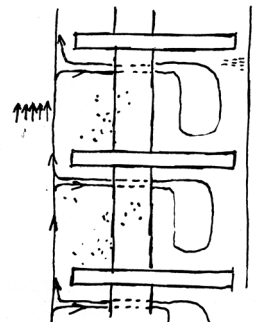
8

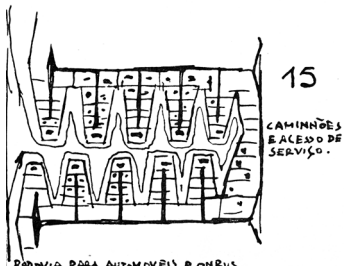
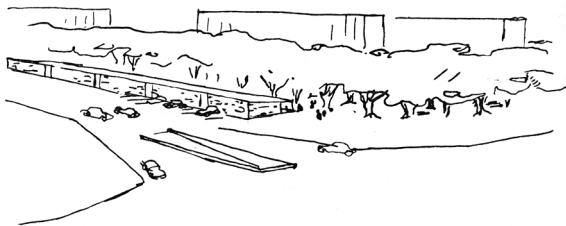
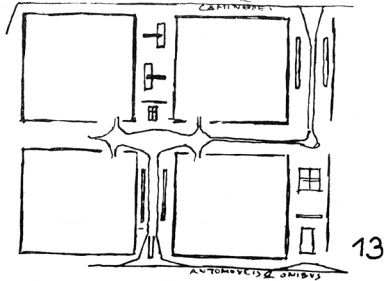
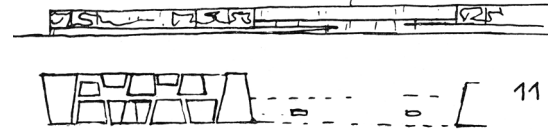
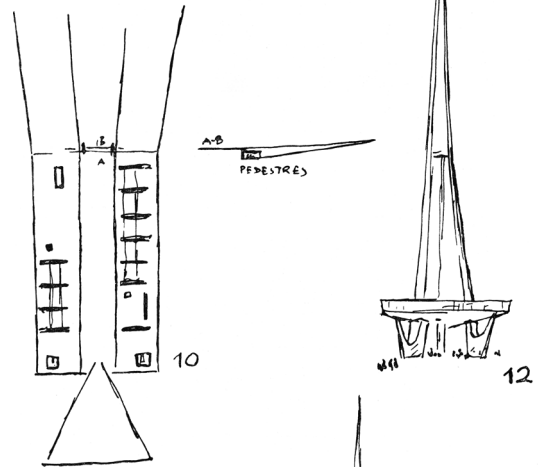
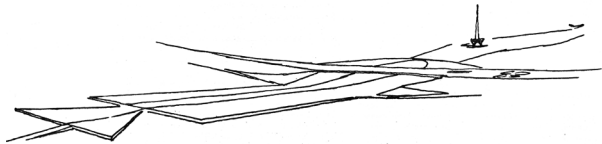
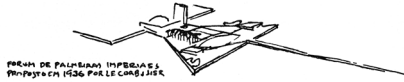
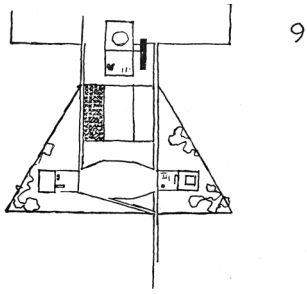
SETOR COMERCIAL E
SETOR DE DIVERSÕES



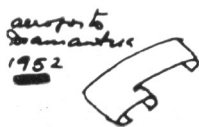
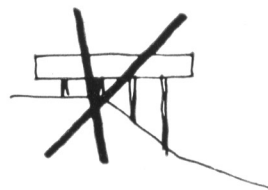
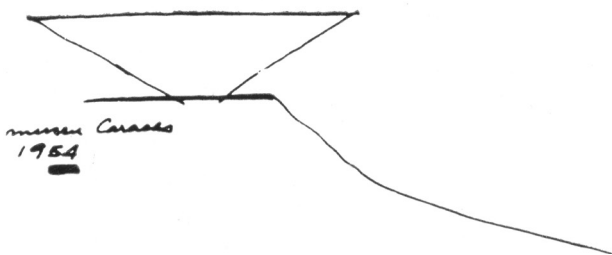
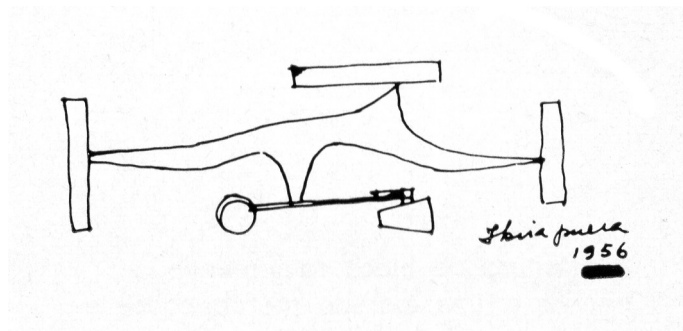
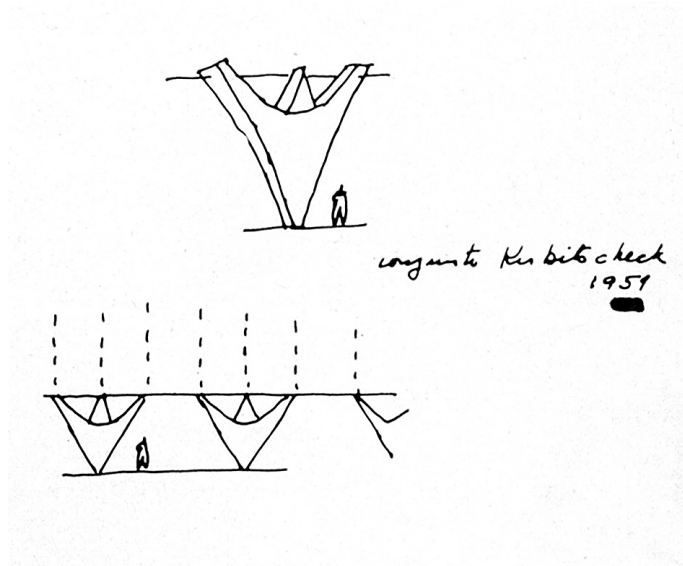
SETOR RESIDENCIAL

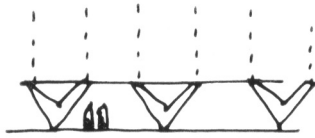
SETOR DOS MINISTERIOS



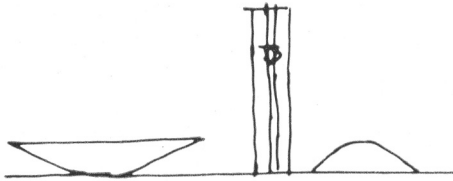
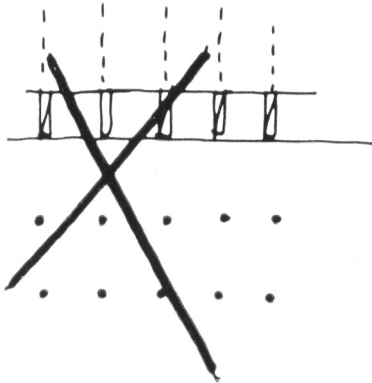
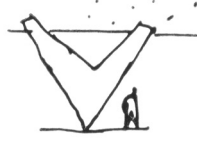


Croquis de Oscar Niemeyer

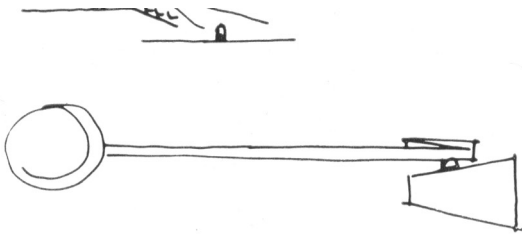




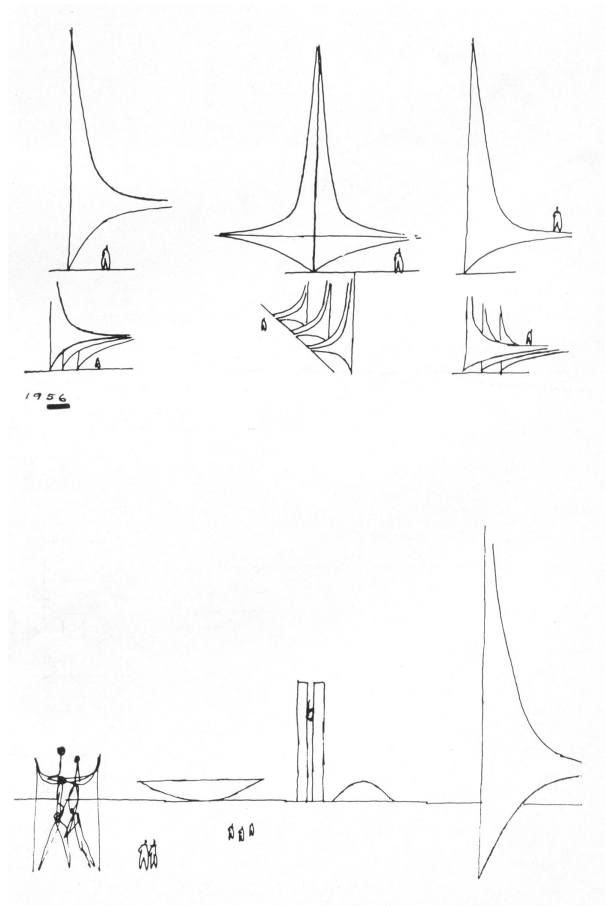
Oscitandinha
1948



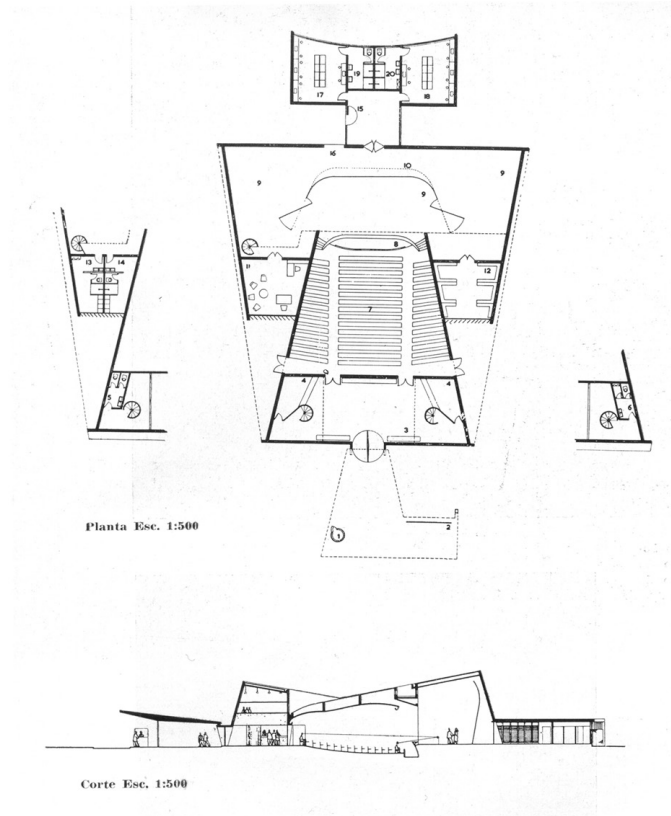
Congresso.
1957



Itaipu
1956

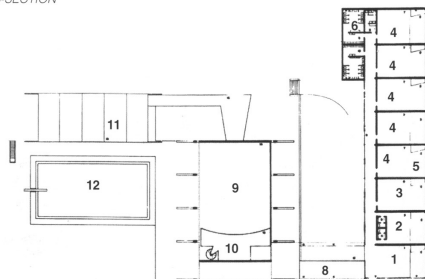
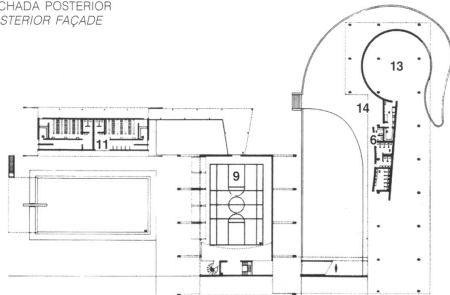
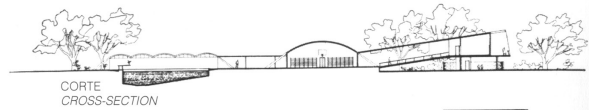
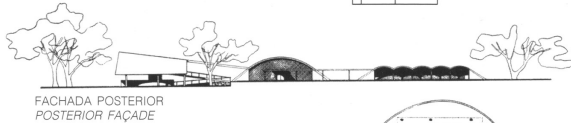
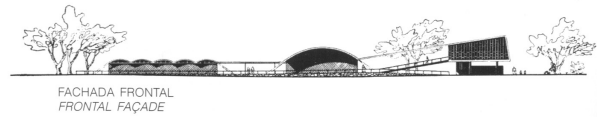


Desenhos de Reidy para o Teatro Popular 1950



Desenhos de Reidy para a Escola em Pedregulhos 1946

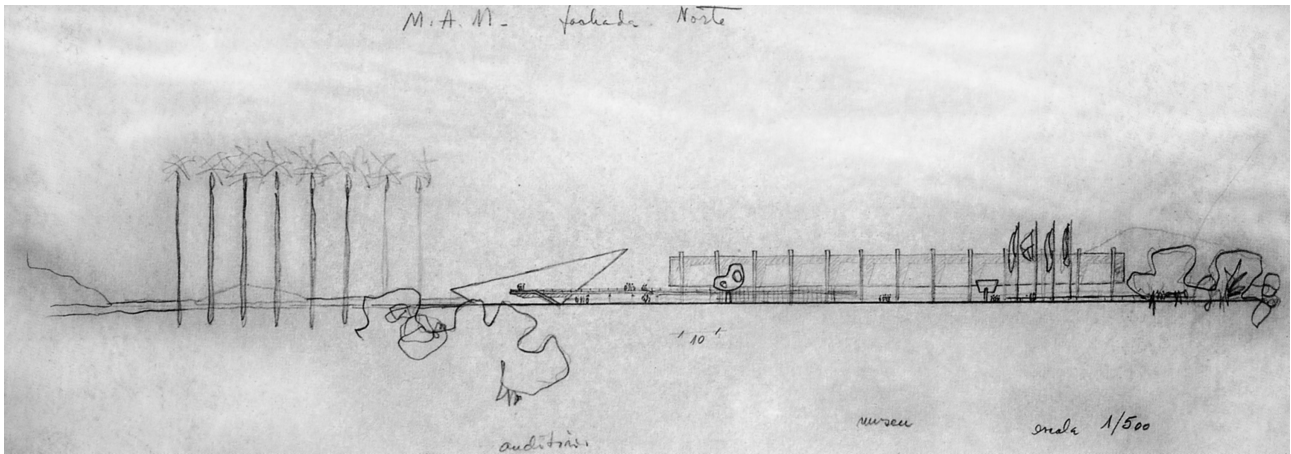
ESCOLA
SCHOOL



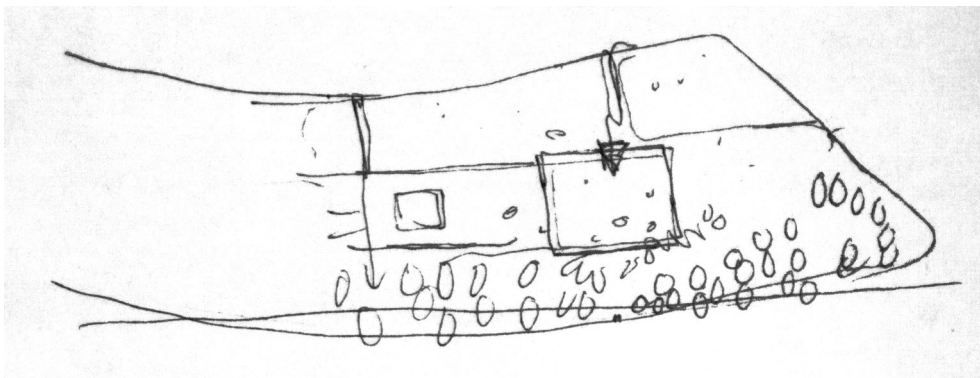
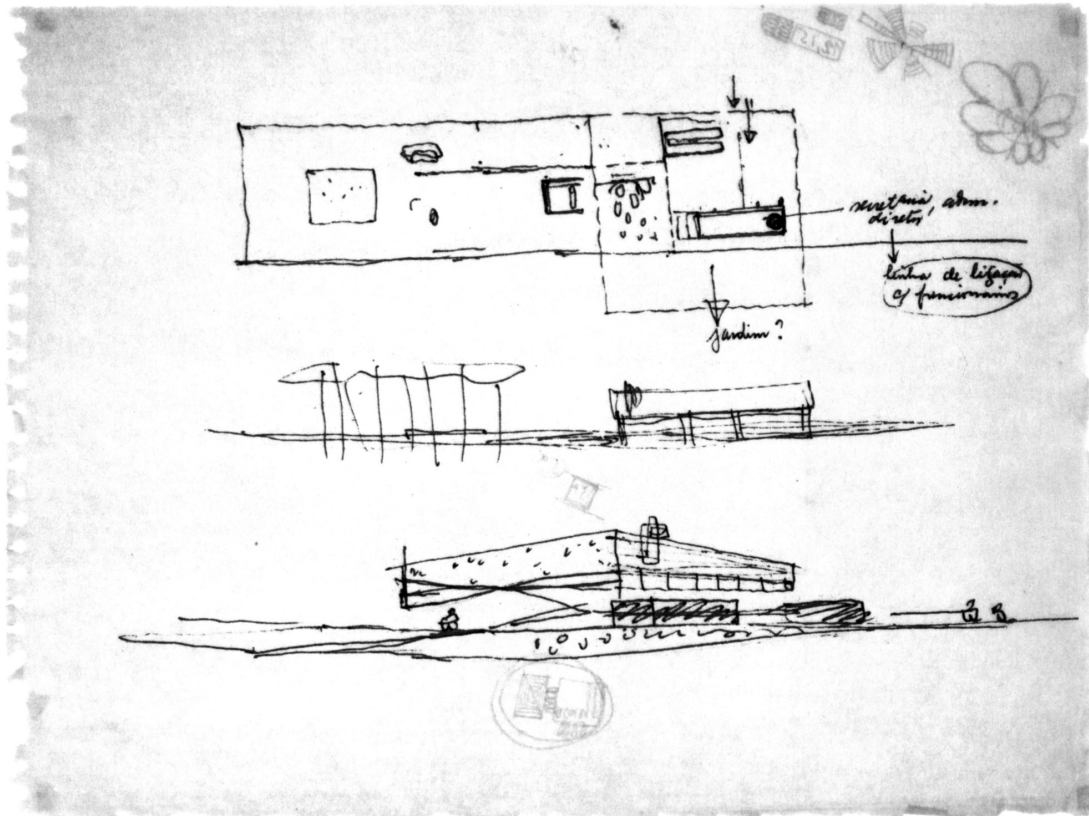
- | | | |
|------------------------------------|-------------|---------------|
| 1. Hall de entrada e administração | 5. Terraço | 10. Balcão |
| 2. Secretária | 6. Banheiro | 11. Vestiário |
| 3. Biblioteca | 7. Corredor | 12. Piscina |
| 4. Sala de aula | 8. Rampa | 13. Pátio |
| | 9. Ginásio | 14. Cozinha |

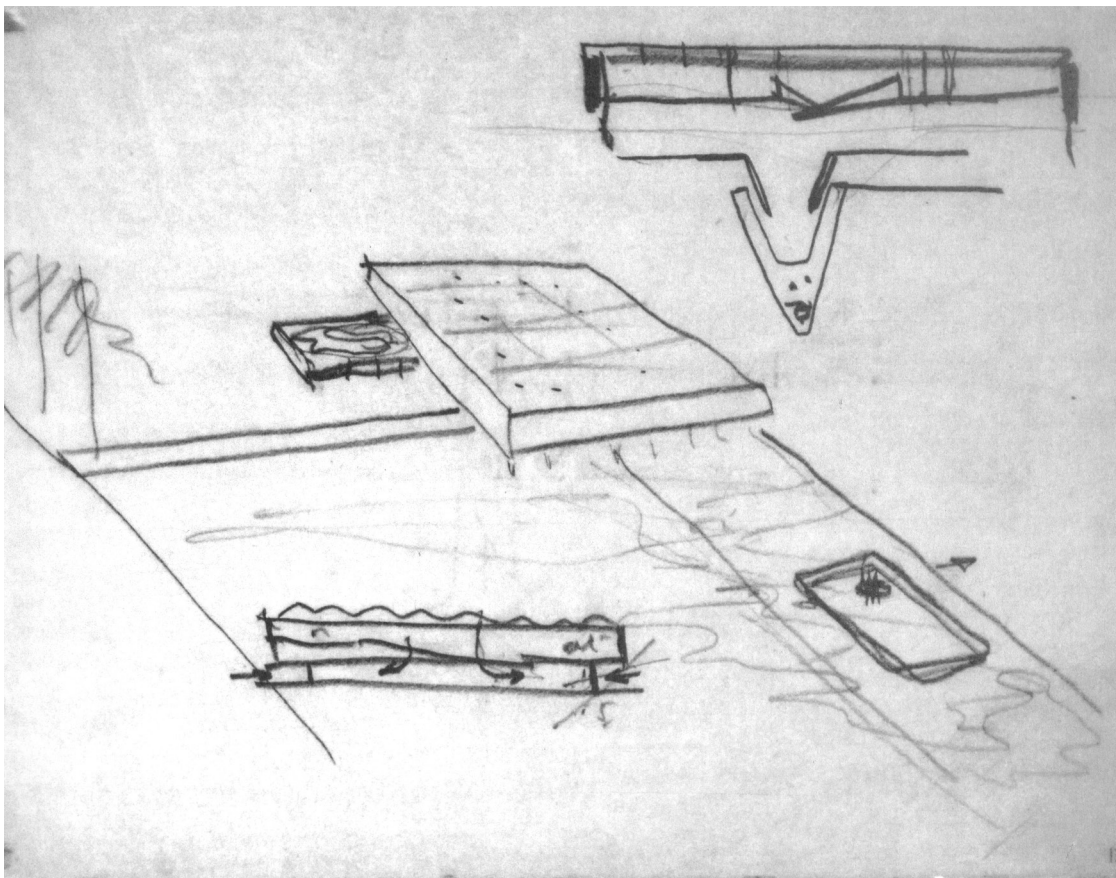
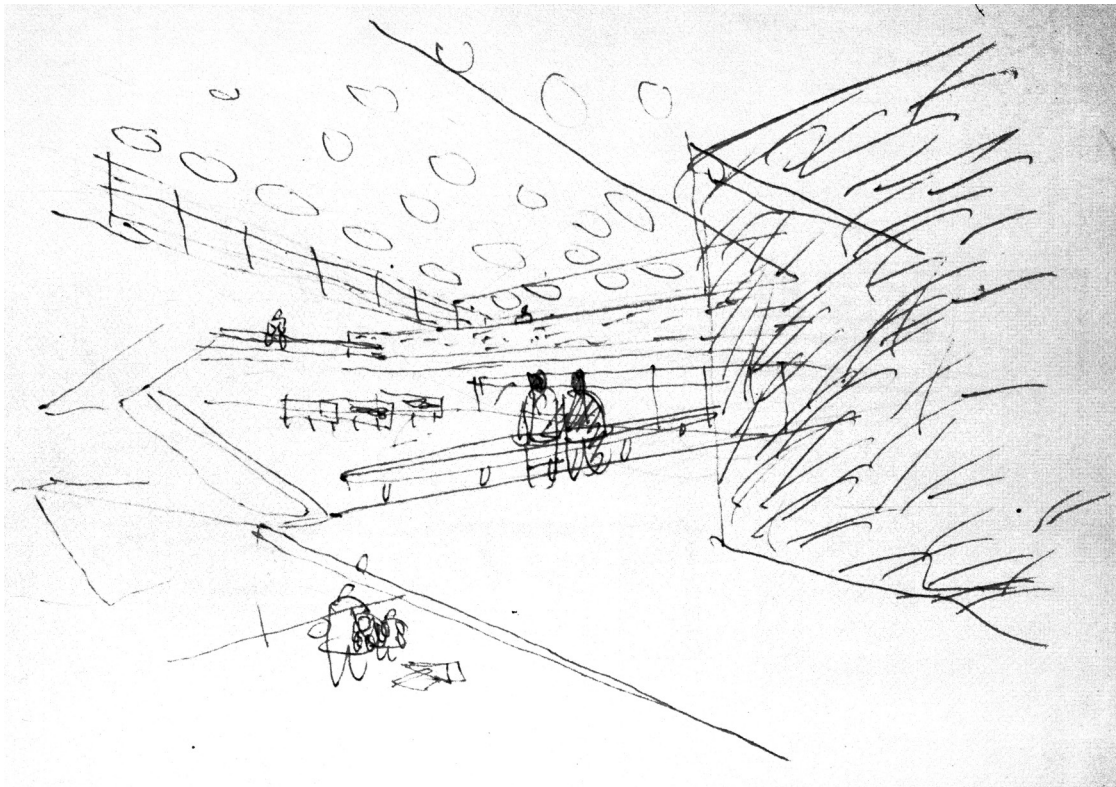
- | | | |
|-------------------------------------|--------------|-------------------|
| 1. Entrance hall and administration | 5. Terrace | 10. Counter |
| 2. General office | 6. Bathroom | 11. Changing room |
| 3. Library | 7. Corridor | 12. Swimming-pool |
| 4. Classroom | 8. Ramp | 13. Yard |
| | 9. Gymnasium | 14. Kitchen |

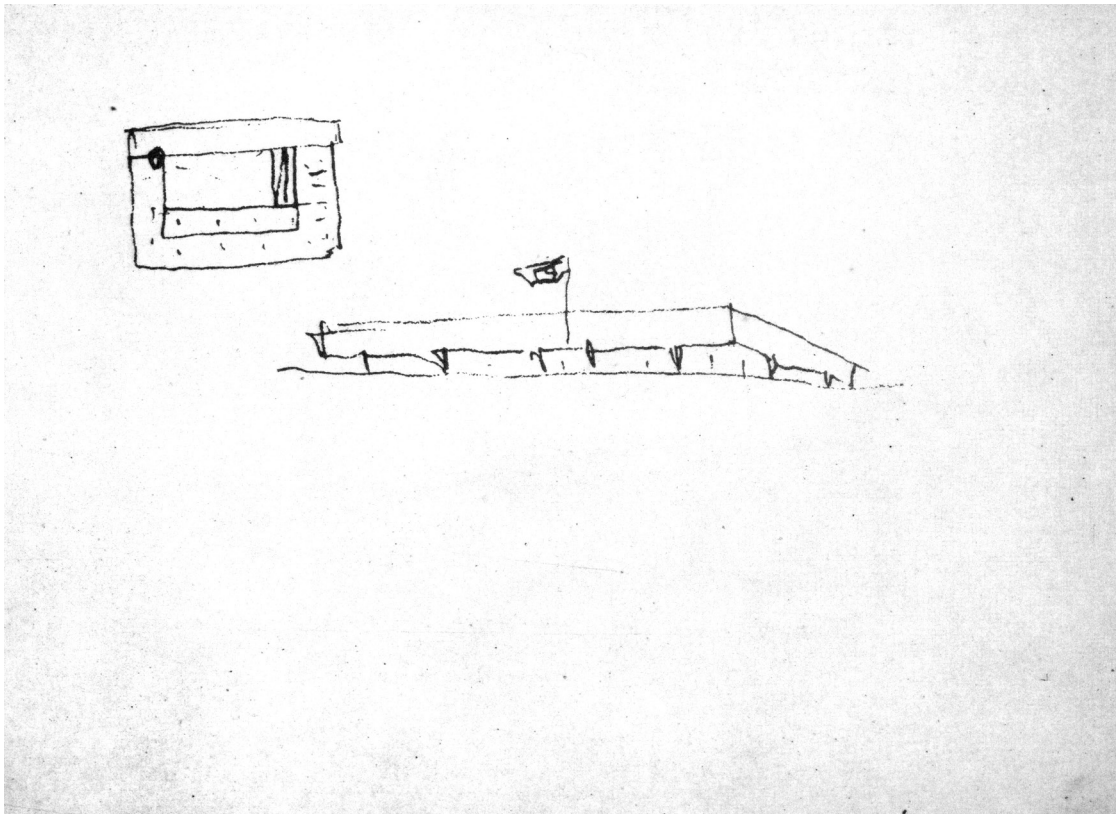
Desenhos de Reidy para o MAM 1953



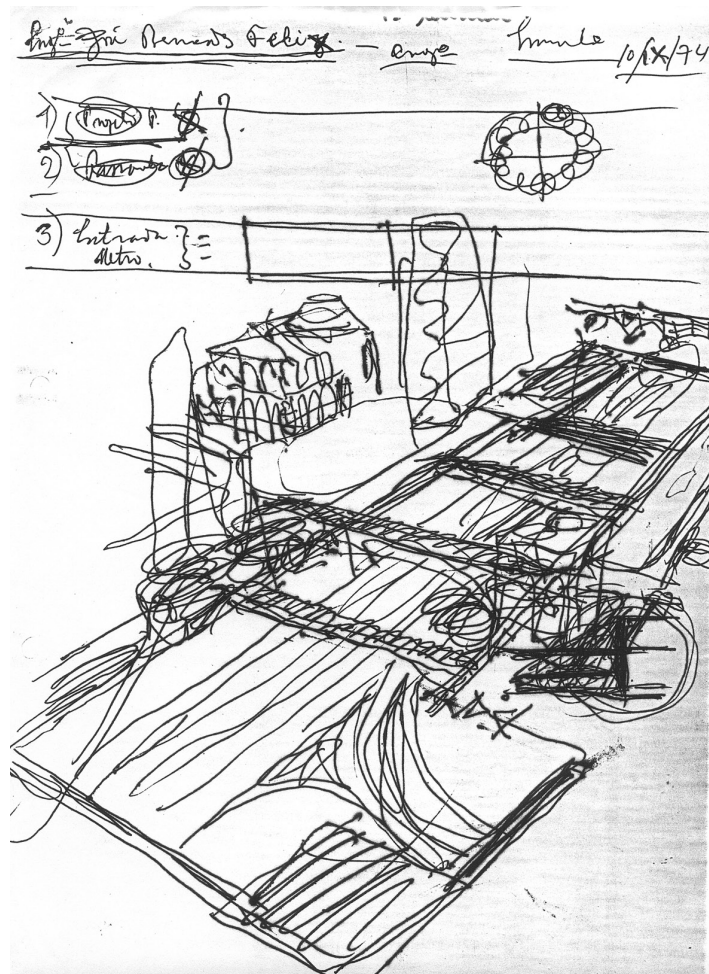
Croquis de Artigas para o projeto da FAU

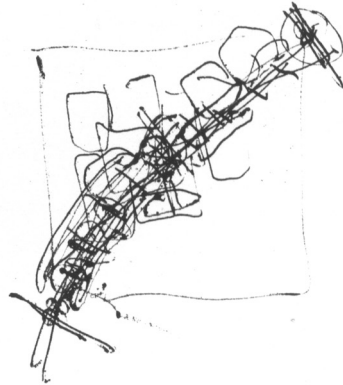
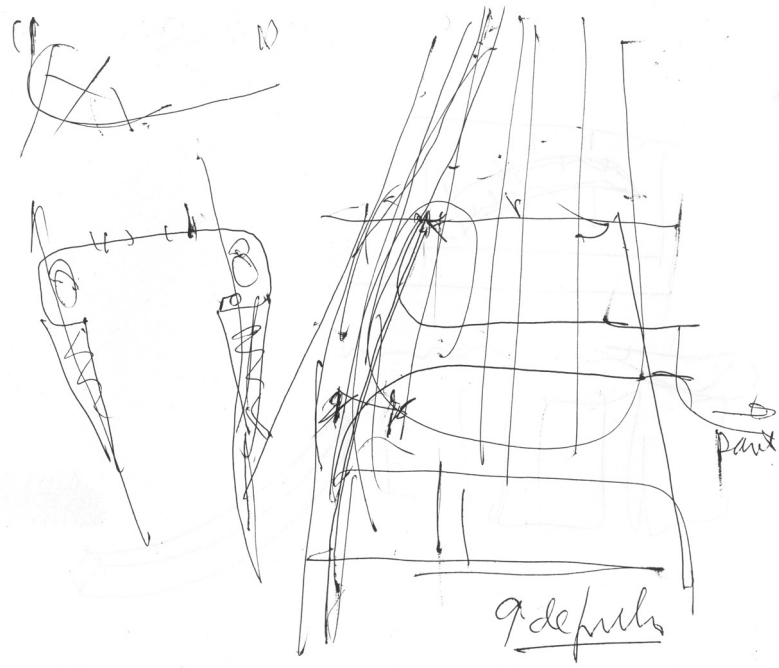


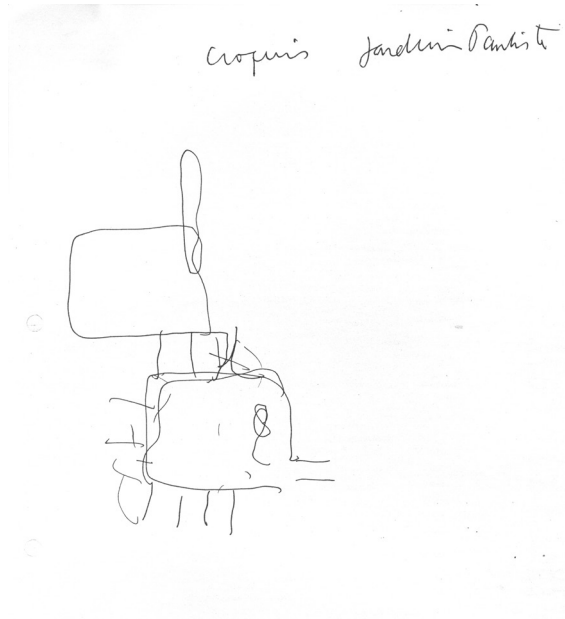
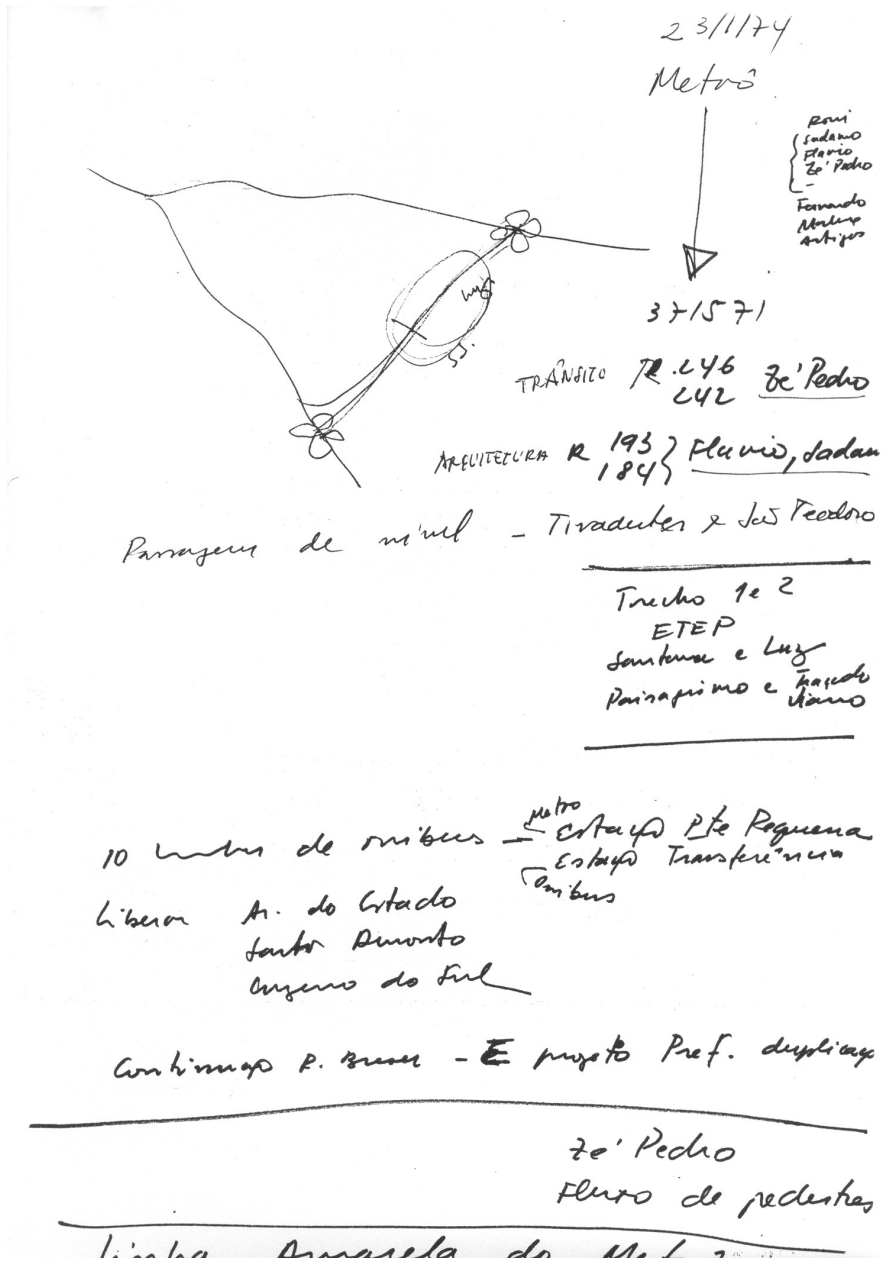


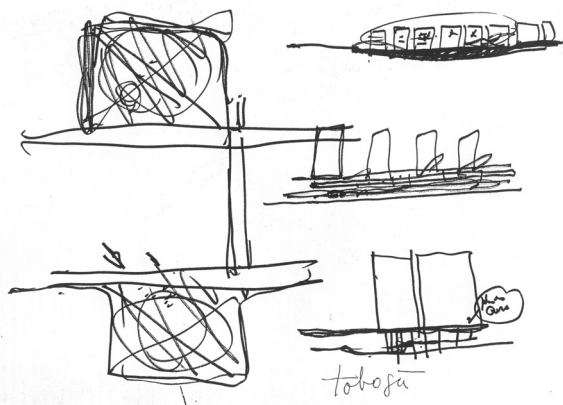
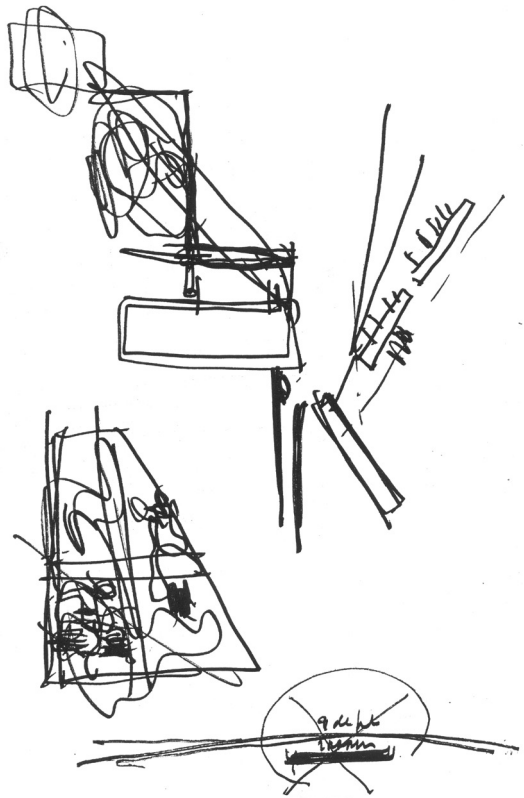
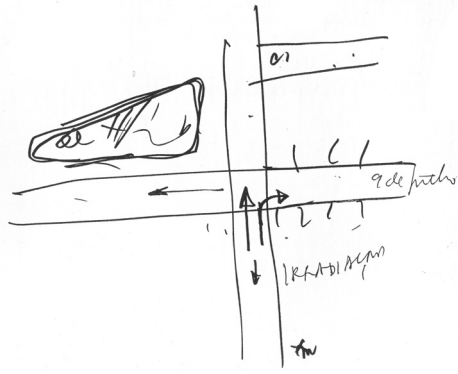


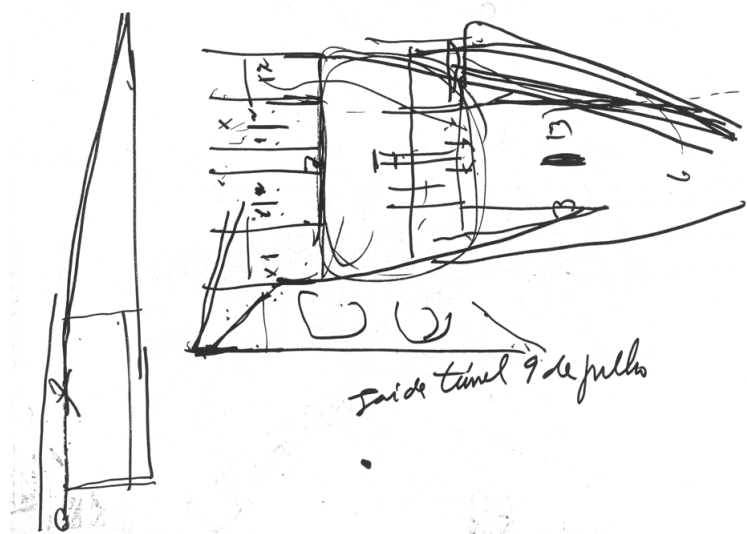
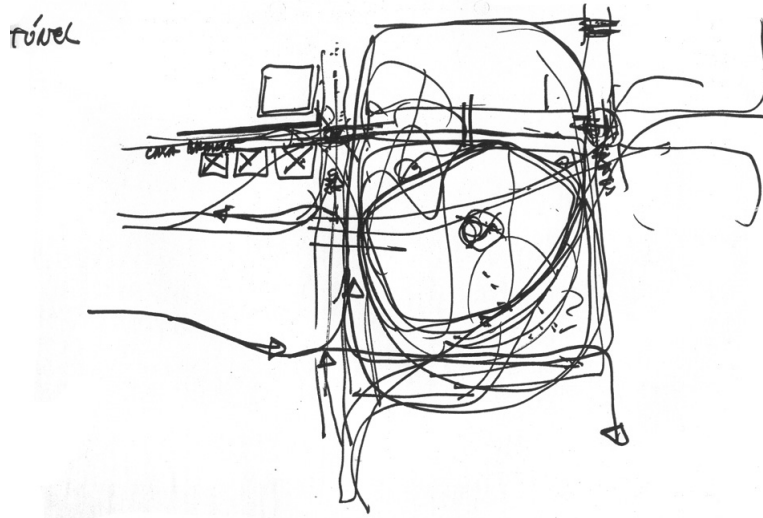
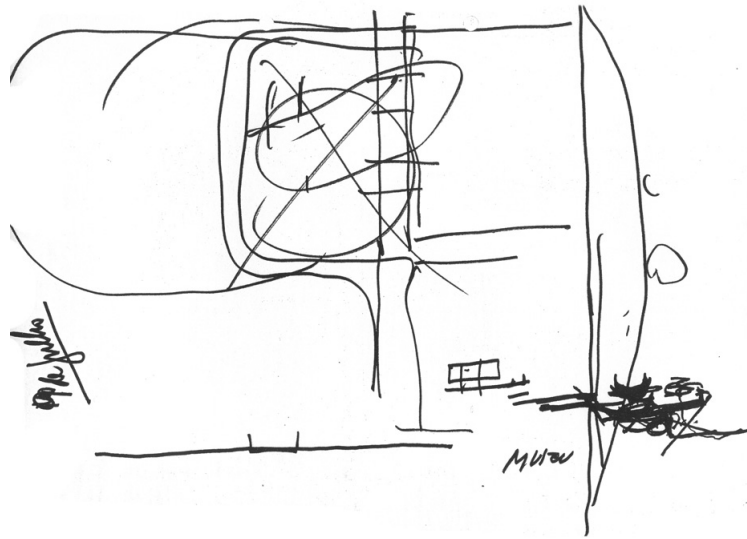
Croquis de Artigas para o projeto de reurbanização do Vale do Anhangabaú 1974

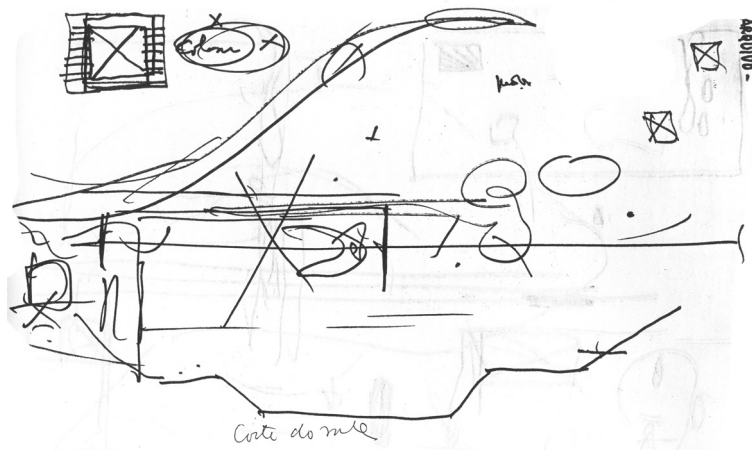
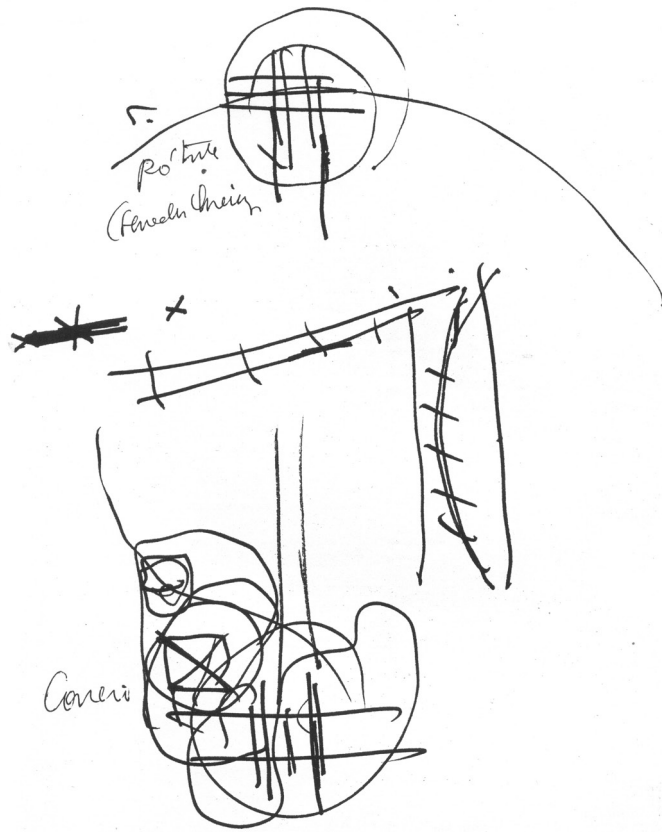


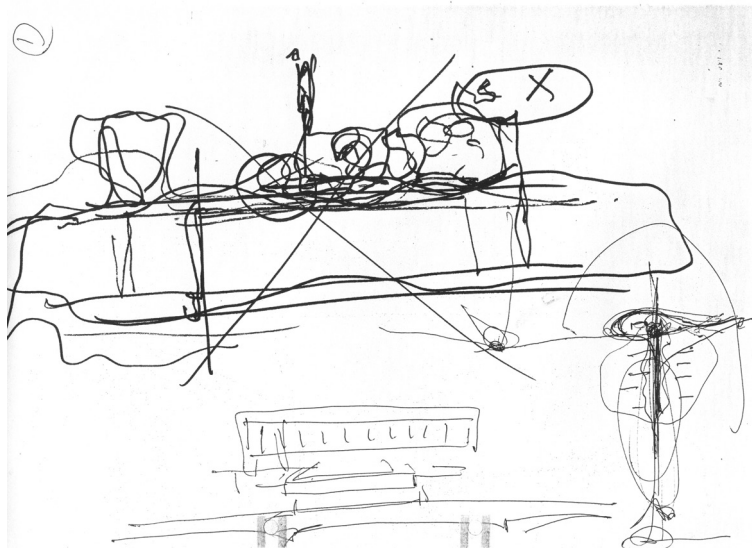
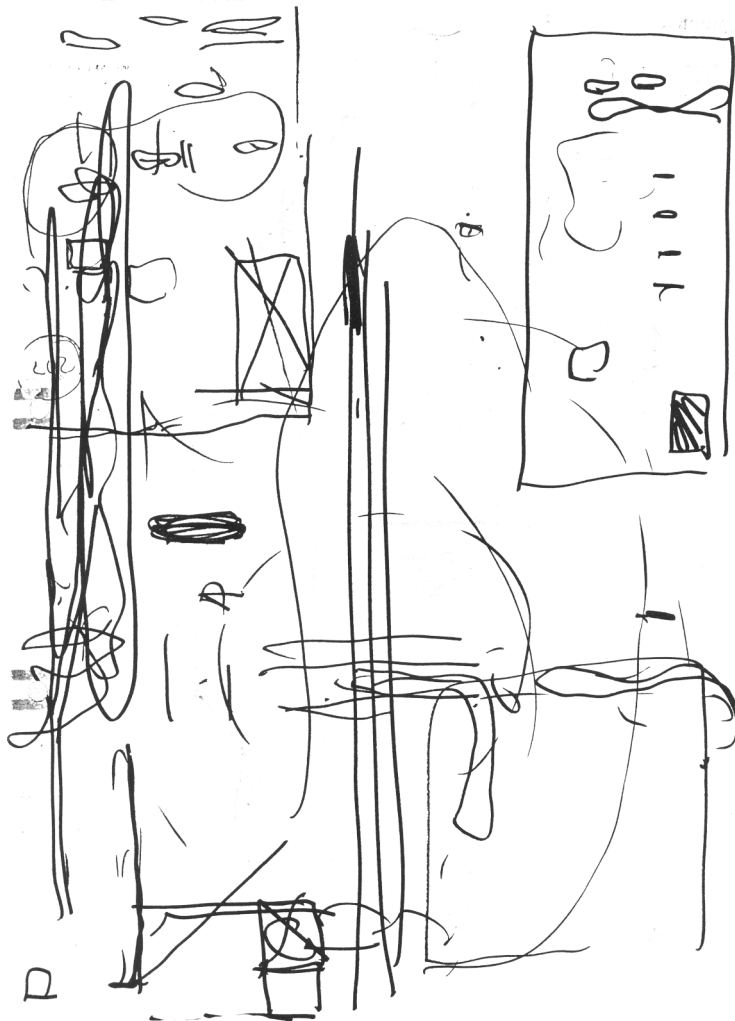


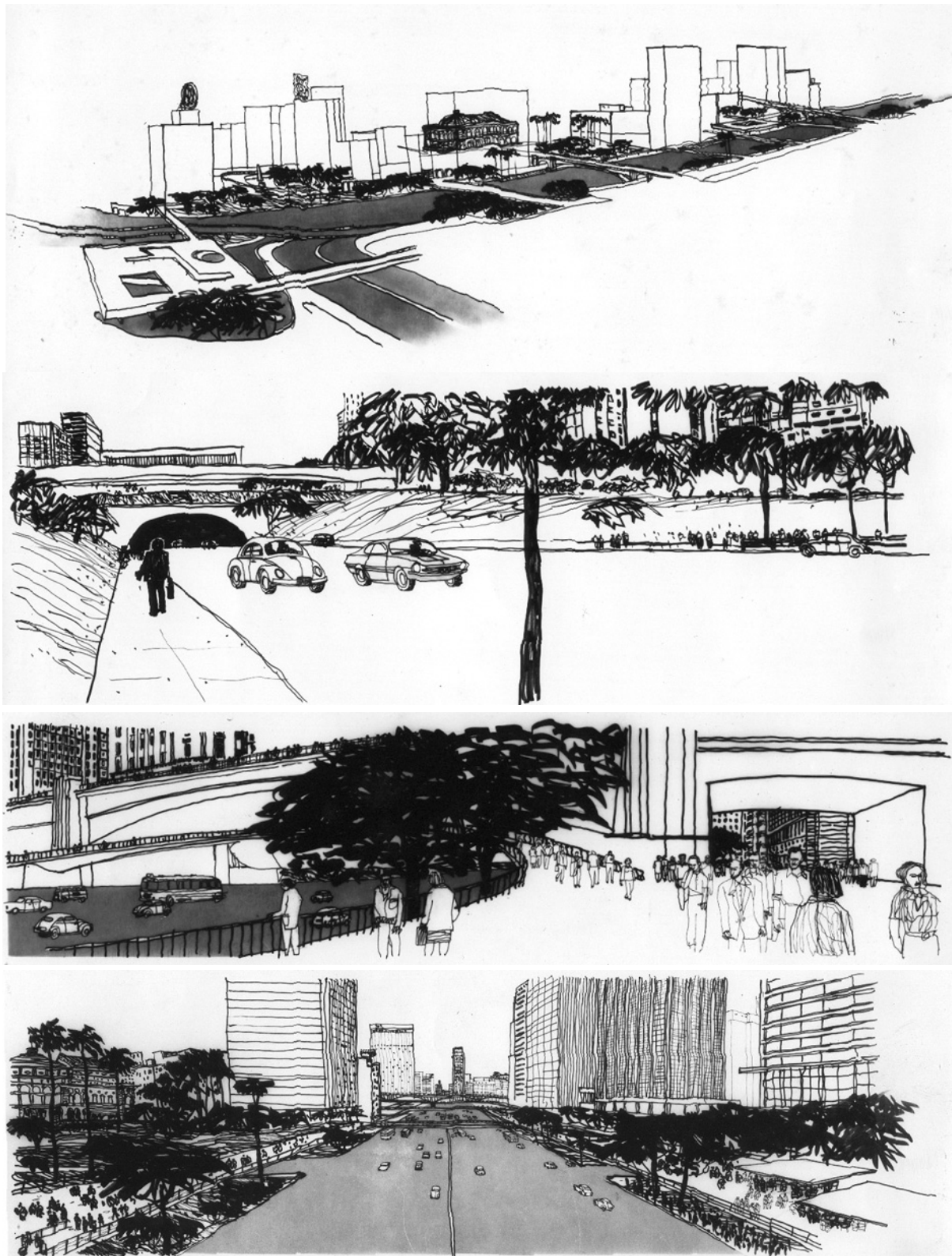












Todos esses riscos são importantes para nós. Seria como se pudéssemos contar e referenciar a nossa história e vivência pelos croquis e desenhos dos nossos artistas. Primeiramente, Lúcio Costa, que através de seus singelos desenhos construiu um imaginário para nós que é uma sede para a nação; segundo, Oscar Niemeyer que, com seus lindíssimos croquis, conseguimos reconhecer através deles as belezas existentes dentro de nossas cidades; terceiro, Reidy, que reconhecemos nele a nossa arquitetura dos edifícios públicos e; por último, Vilanova Artigas, que desenhou a nossa Casa em 1961 e em 1974 ele estava desenhando um lugar mais humanista no centro de São Paulo e, também, o ano em que ingressei nessa Escola, dessa forma, mais uma vez, reconhecendo nos desenhos a nossa personalidade

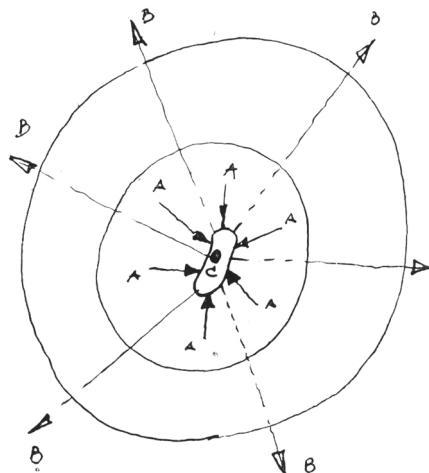
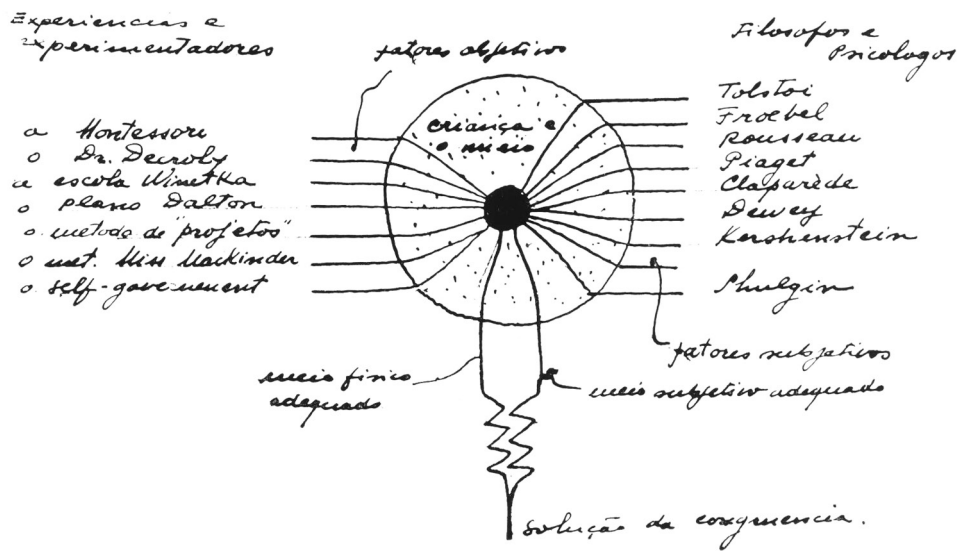
Projetos do Convênio Escolar e do EDIF

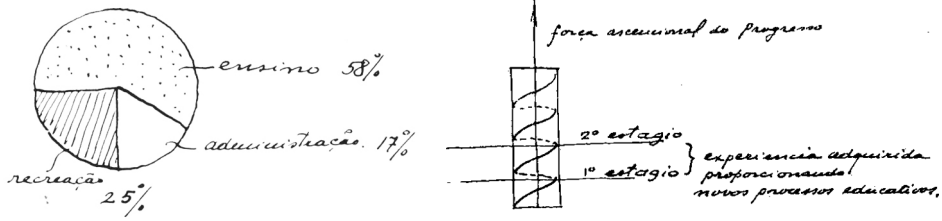
Os projetos a seguir já são dos arquitetos da Prefeitura de São Paulo.

Começaremos mostrando os croquis e depois projetos e obras.

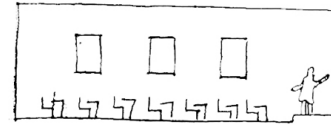
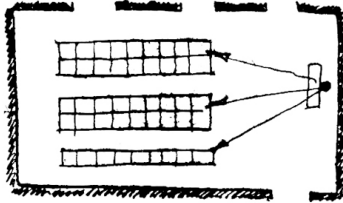
Croquis

Croquis de Hélio Duarte sobre conceitos Convênio Escolar 1948

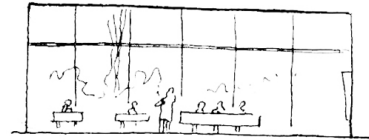
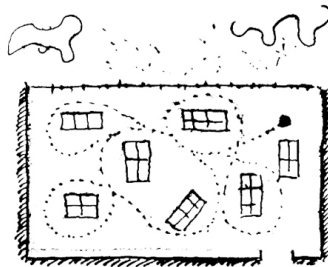




... a "sala estática", parada; o professor fala e ninguém o escuta...

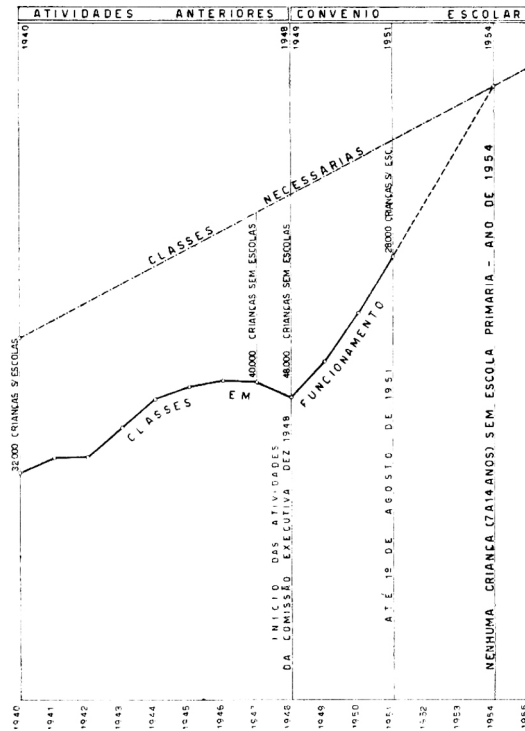


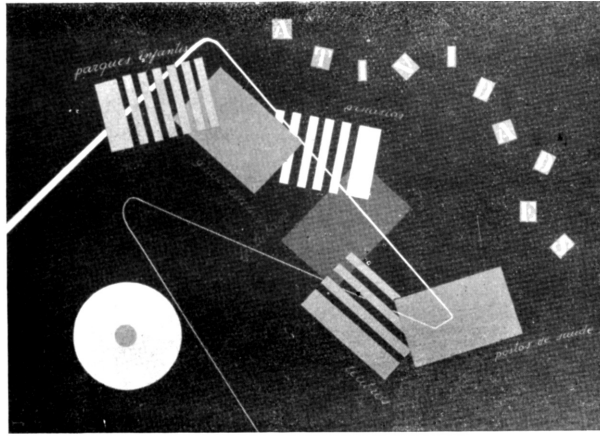
... a "sala dinâmica": o ponto focal é o trabalho de equipes...



Comparação entre dois tipos de sala, sendo a primeira de tipo tradicional e a segunda evidenciando a pedagogia ativa

INFLUENCIA DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO CONVENIO ESCOLAR NA DIFUSÃO DO ENSINO PRIMARIO OFICIAL





As atividades da Comissão do Convênio compreendem a edificação de grupos escolares, ginásios, bibliotecas, parques infantis e postos de saúde

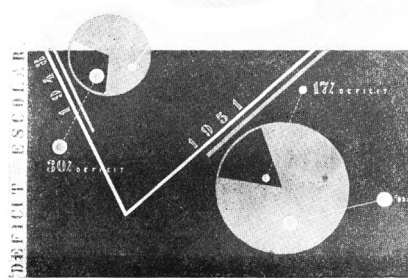
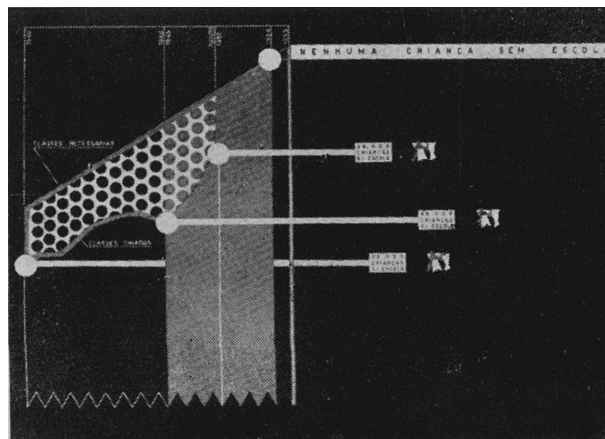
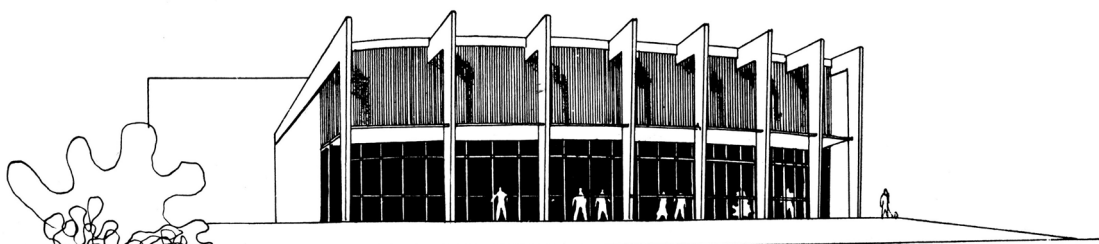


Gráfico mostrando a redução do deficit escolar, em matrículas, que de 30% em 1948 baixou para 17% em Agosto de 1951, graças ao programa de construções do Convênio Escolar

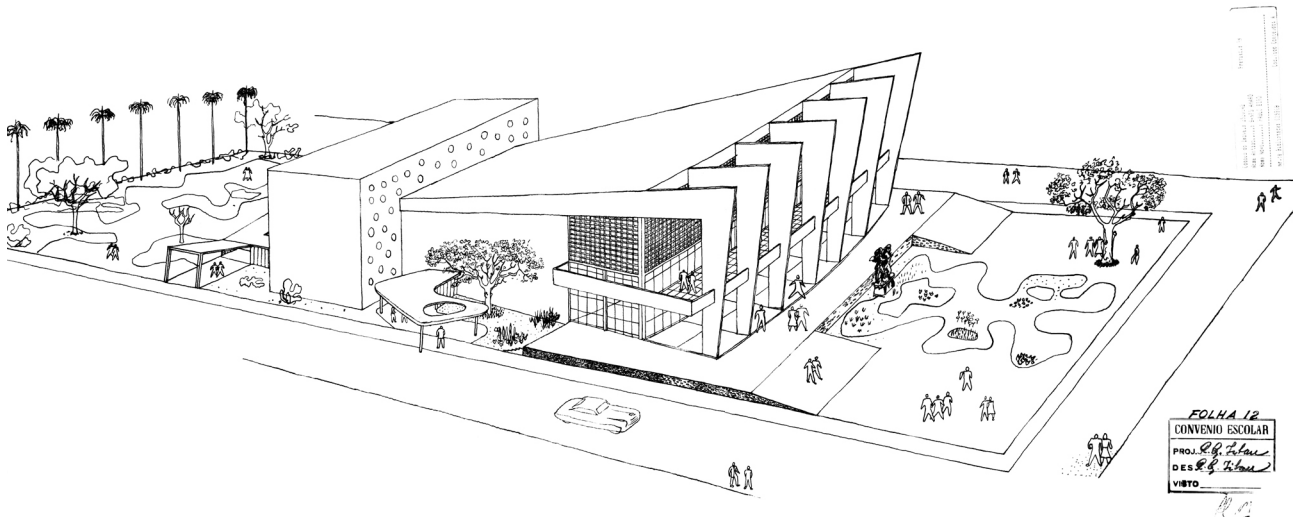


Desenho de Roberto Tibau Teatro Popular 1950

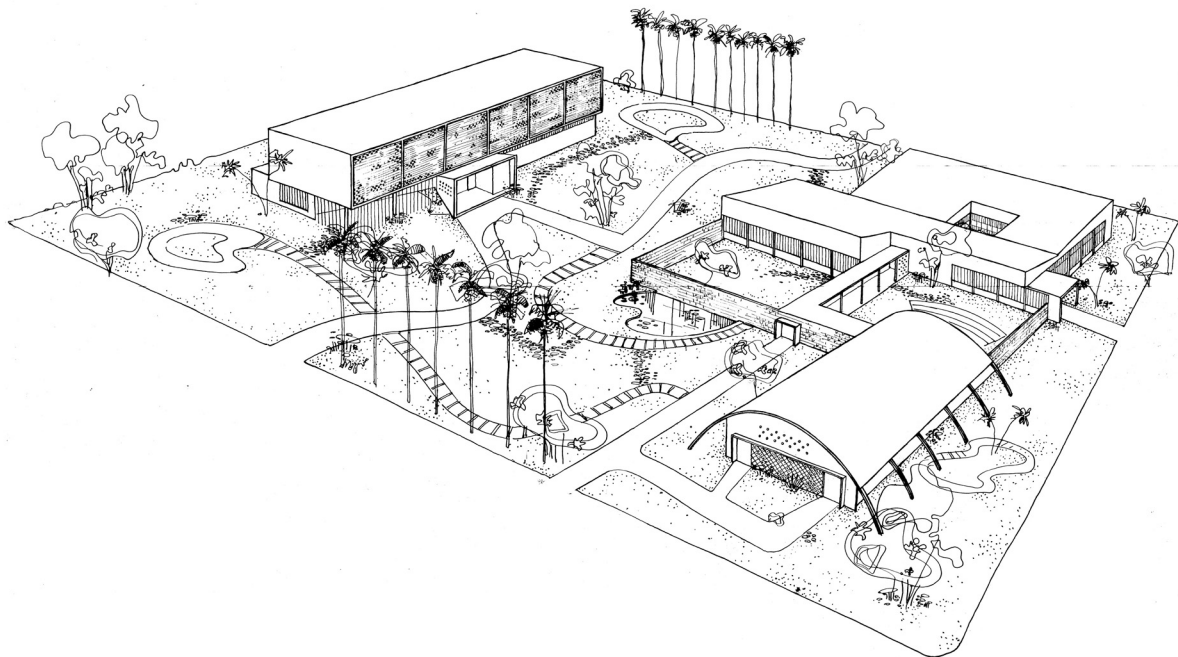


Desenho de Roberto Tibau Teatro Popular de Santo Amaro 1952

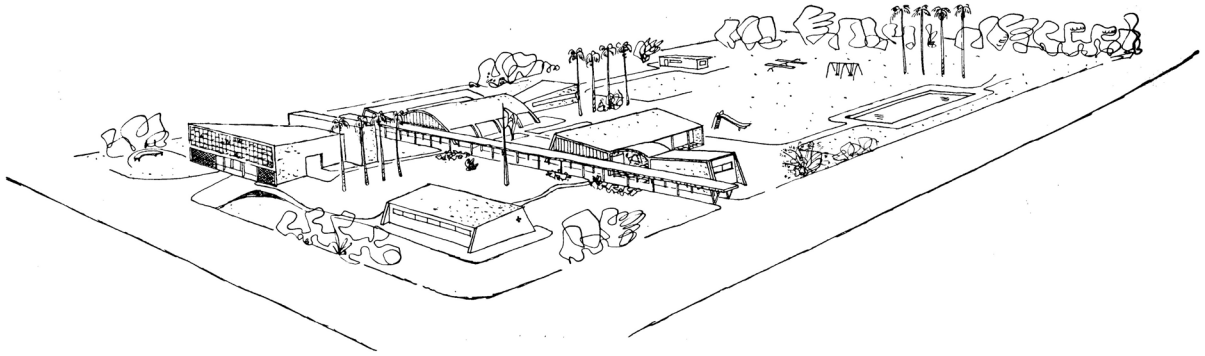
T S A



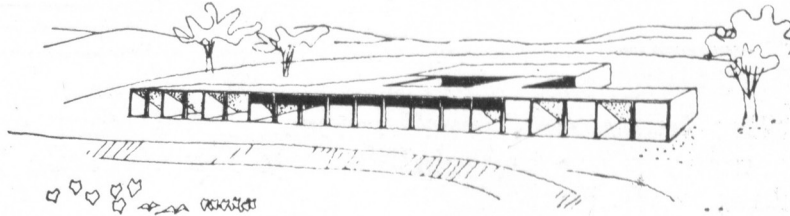
Desenho de Hélio Duarte Biblioteca Tatuapé 1950



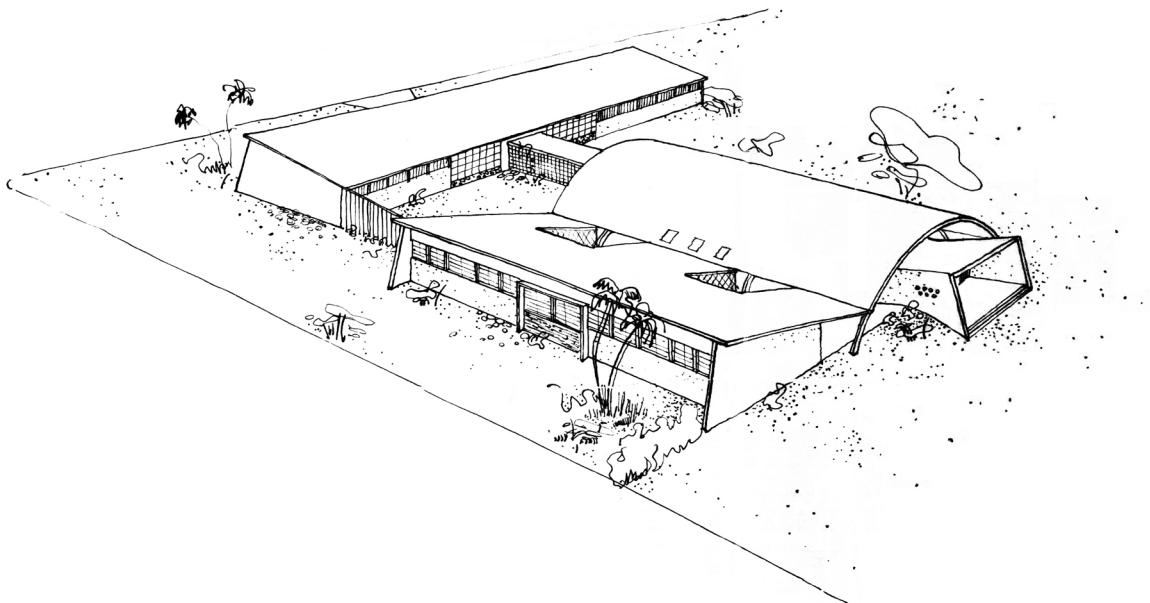
Desenho de Eduardo Corona Parque Infantil Pompéia 1950



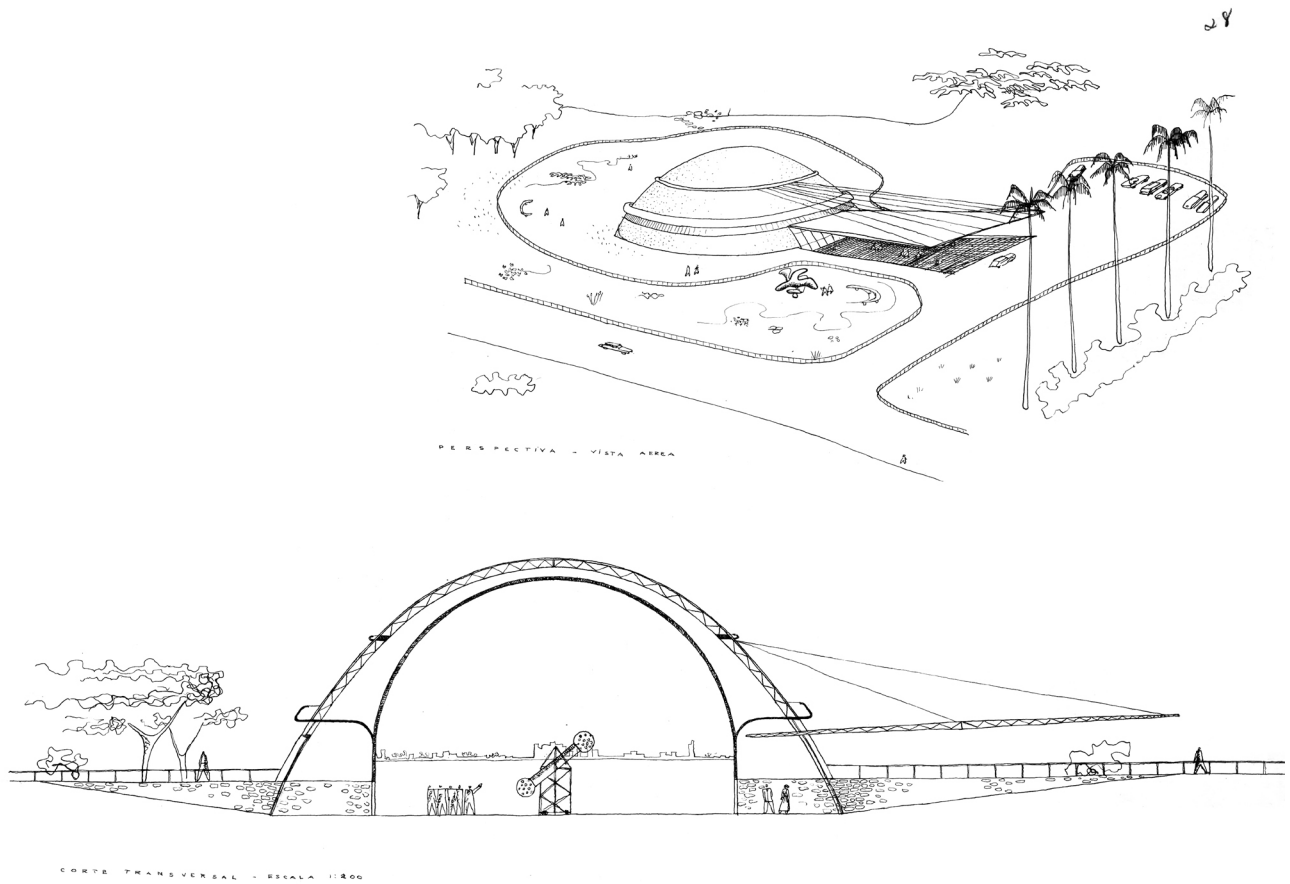
Desenho de Roberto Tibau Grupo Escolar Cidade Líder 1951



Desenho de Hélio Duarte Parque Infantil Ipiranga 1952

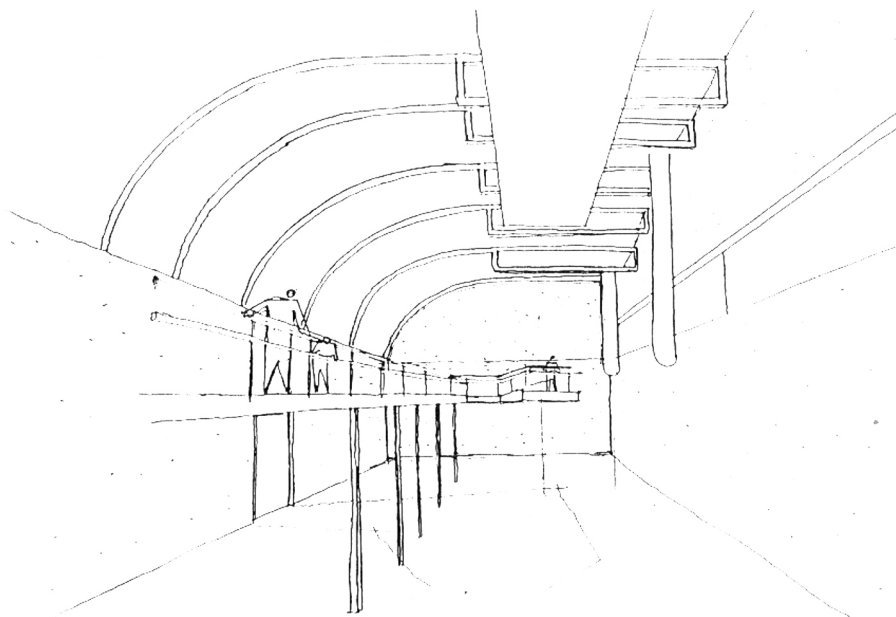


Desenho de Roberto Tibau Planetário 1954

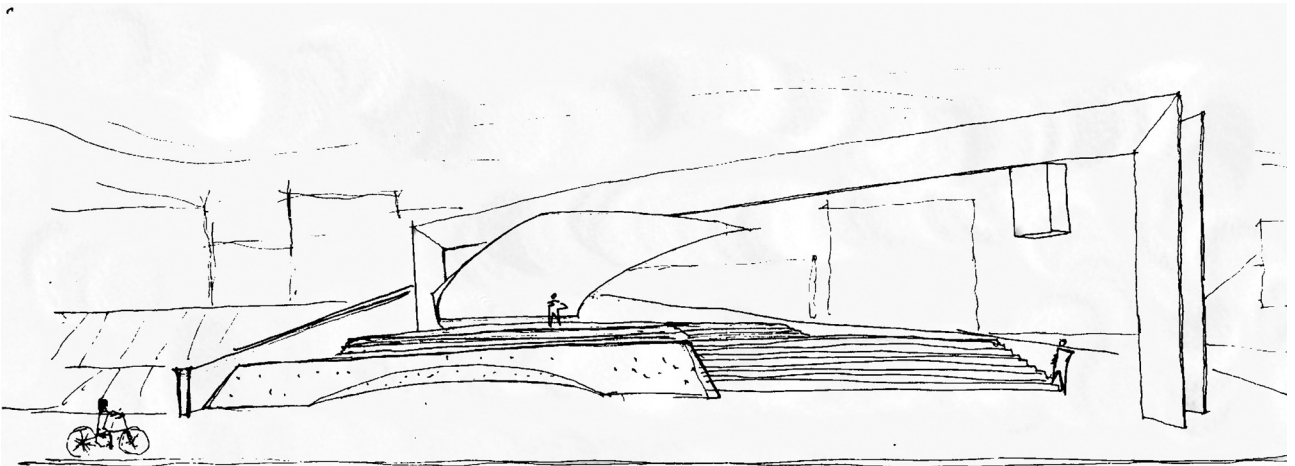


DV-22 (28)

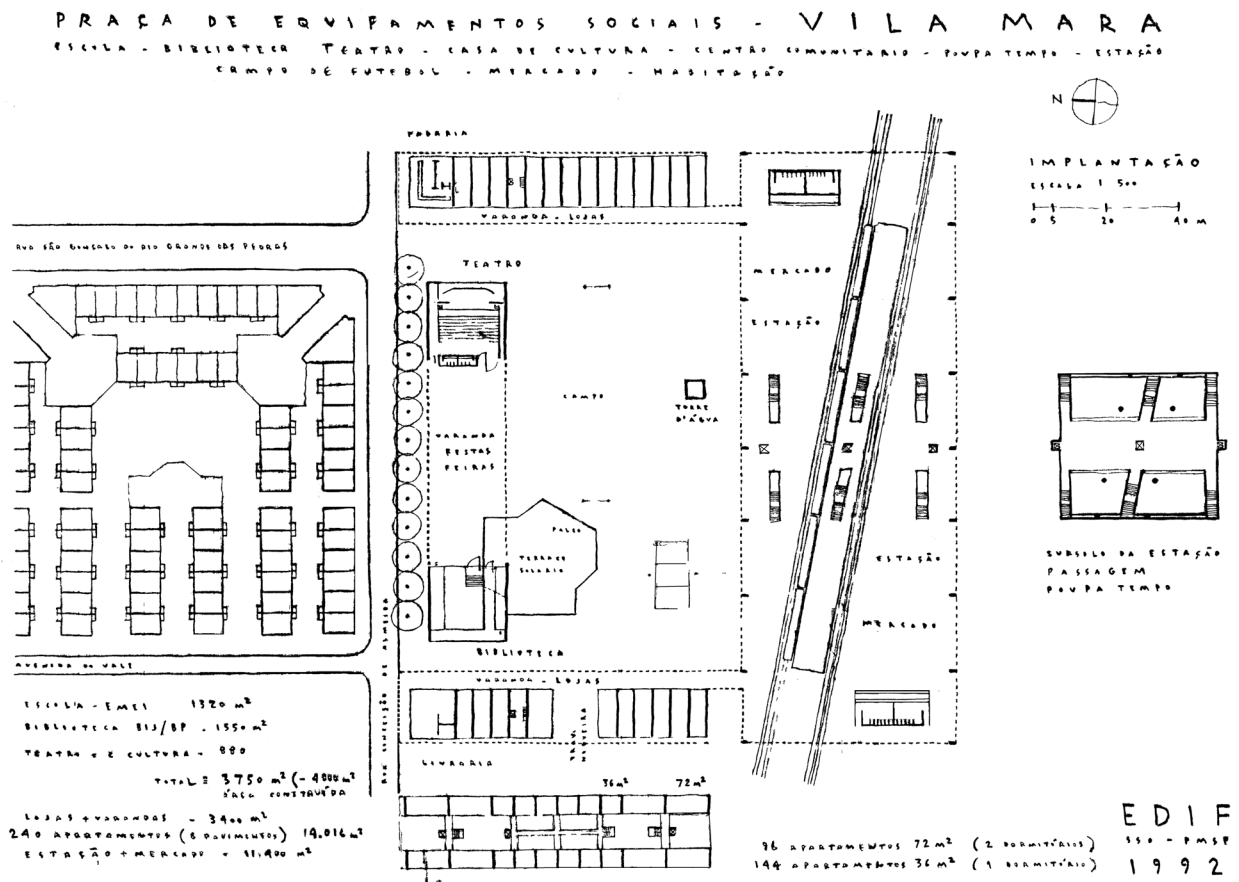
Croquis de Wanderley Ariza Centro de Educação Ambiental 1992



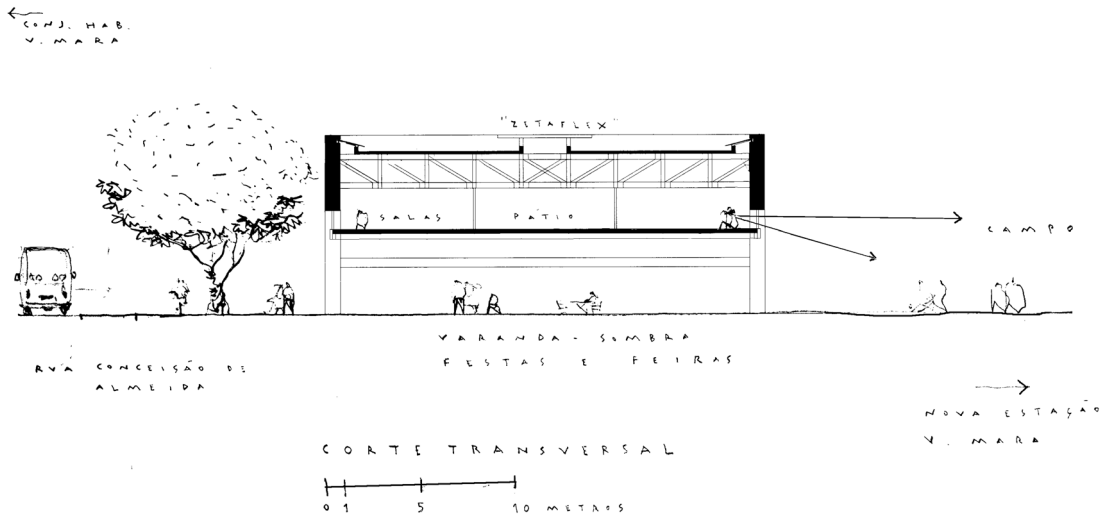
Croquis de Wanderley Ariza Concha Acústica Vila Mirante 1992



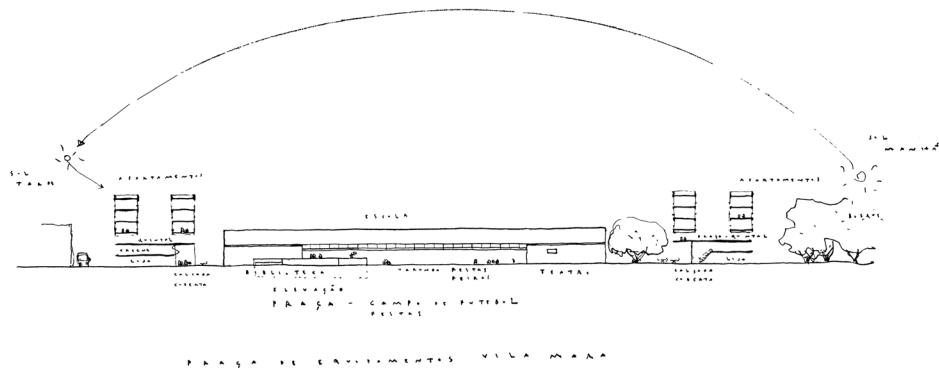
Desenho de Alexandre Delijaicov PES Vila Mara 1992



PRAÇA DE EQUIPAMENTOS EDUCACIONAIS INTEGRADOS
 NORTE
 P. E. E. I.
 VILA MARA

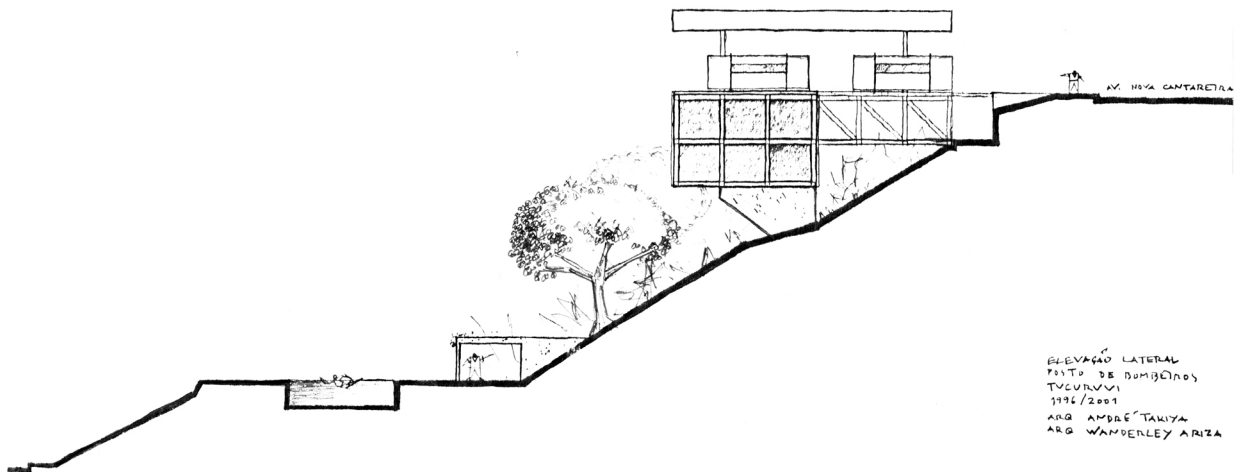


DIVISÃO TÉCNICA DE PROJETOS - DEPARTAMENTO DE EDIFICAÇÕES - EDIF
 560 - PMSR
 SET - 2001



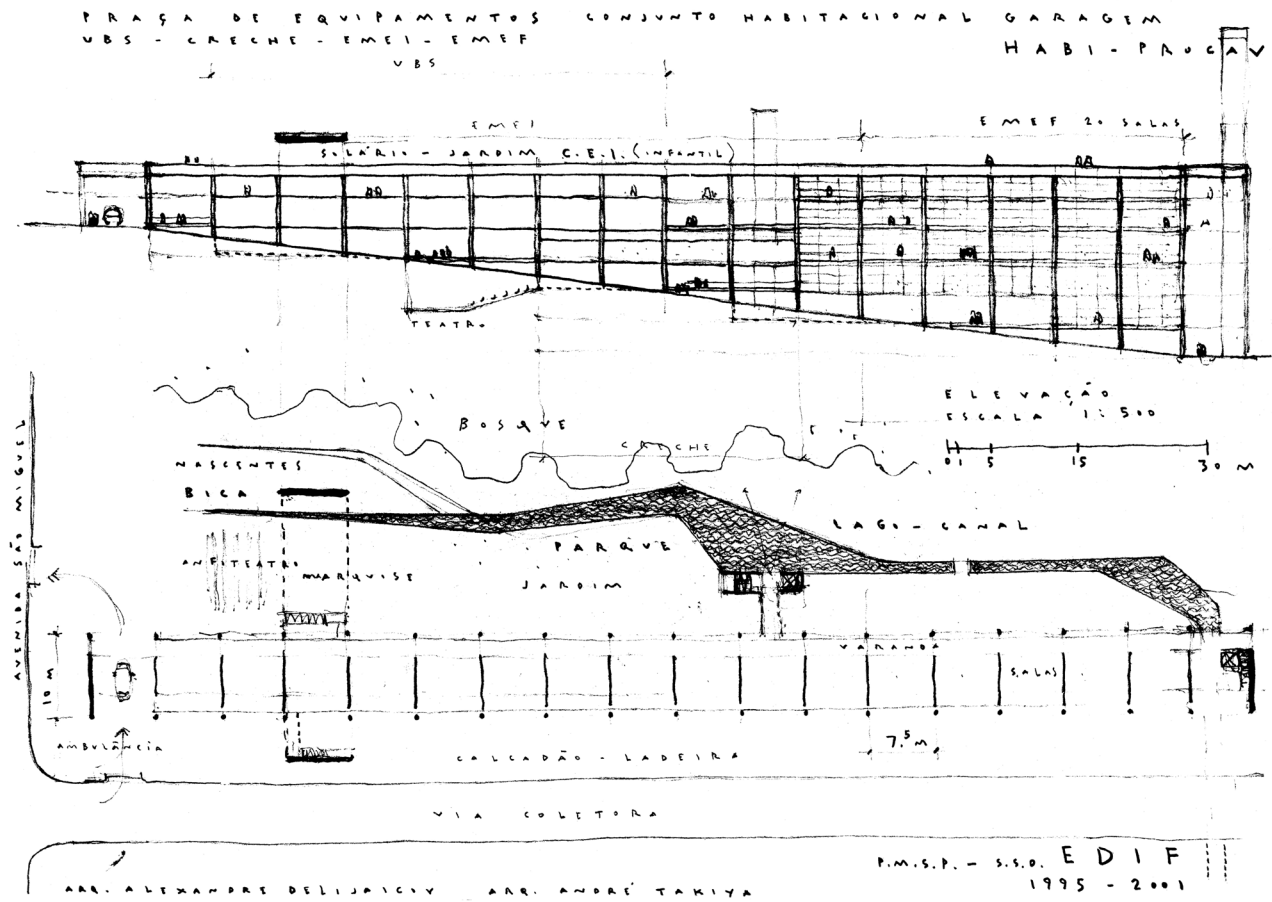
PRAÇA DE EQUIPAMENTOS VILA MARA

Croquis de André Takiya Posto de Bombeiros Tucuruvi 1995

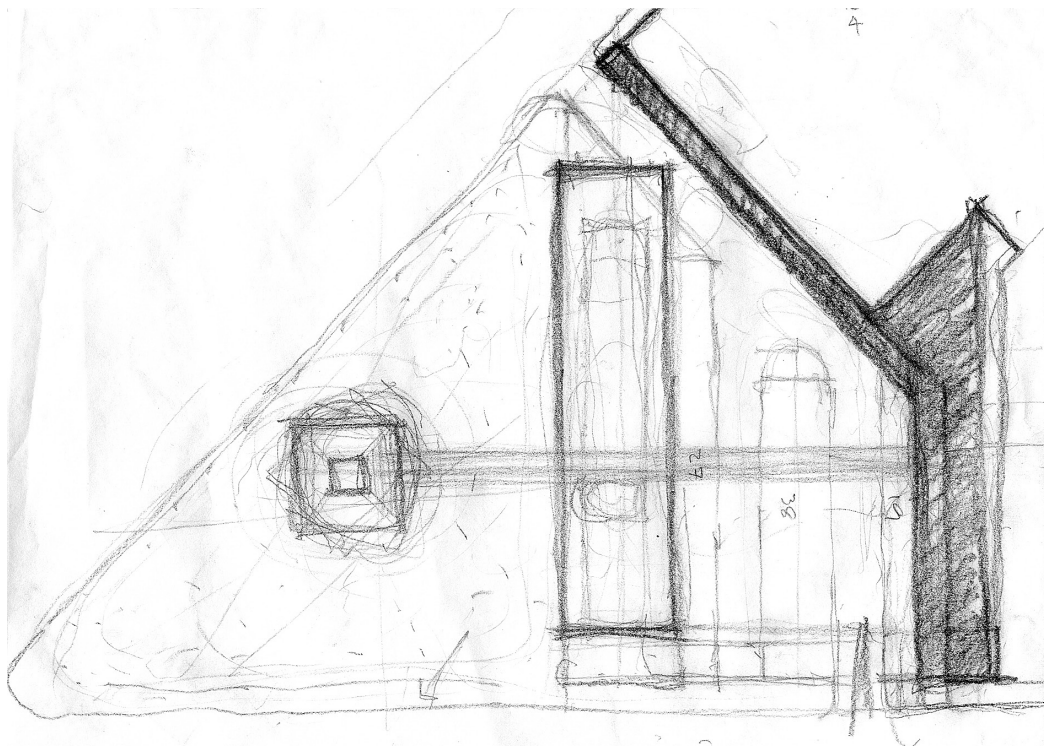


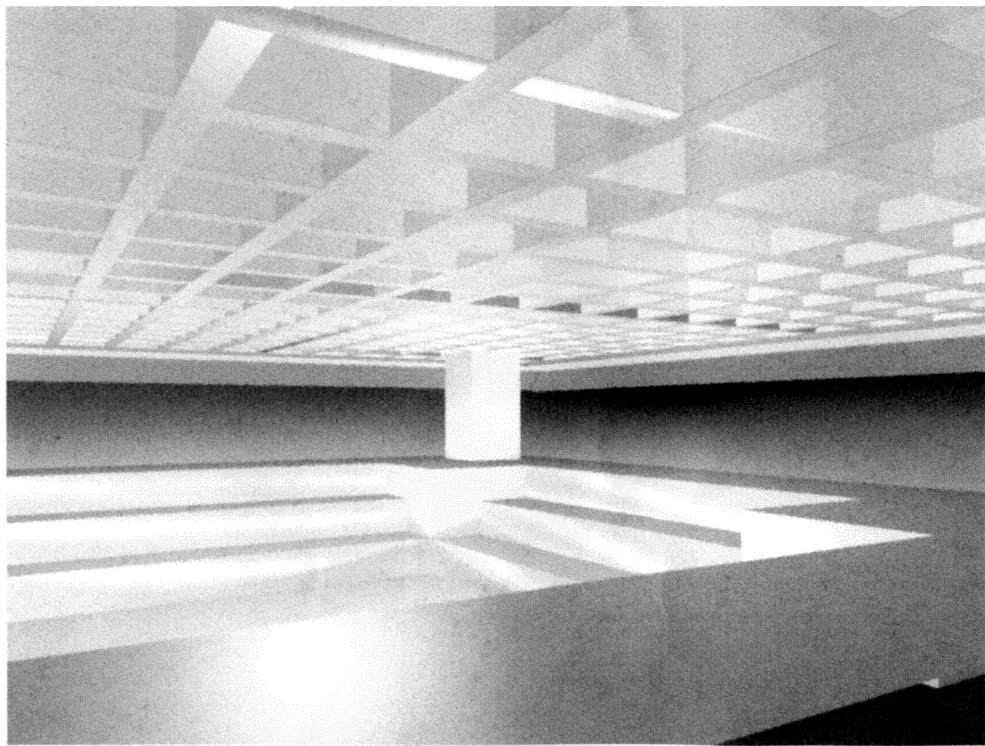
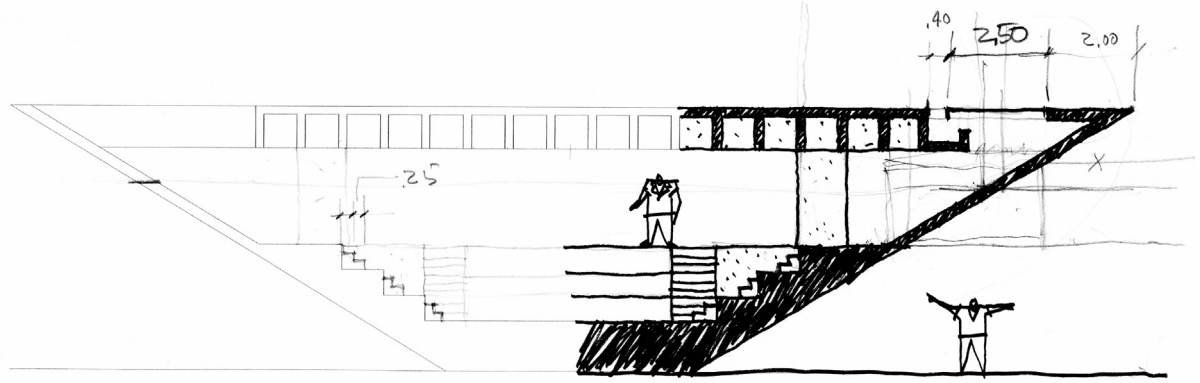
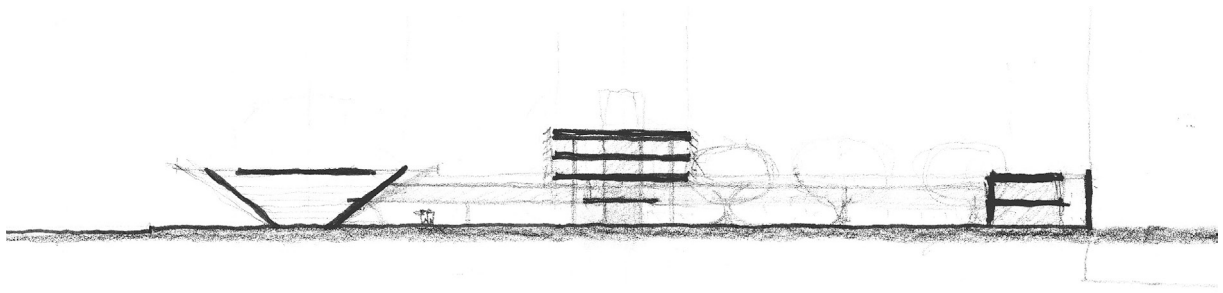
ELEVAÇÃO LATERAL
 POSTO DE BOMBEIROS
 TUCURUVI
 1996/2001
 ARQ. ANDRÉ TAKIYA
 ARQ. WANDERLEY ARIZA

Desenho de Alexandre Delijaicov PES Garagem 1995

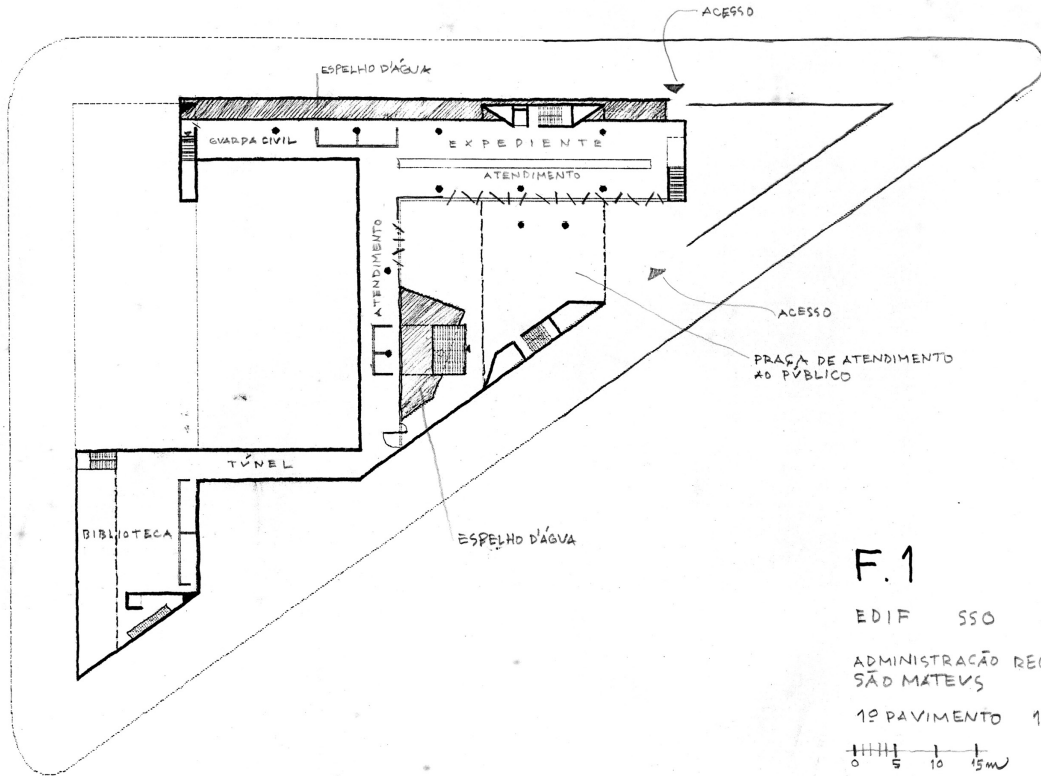


Croquis André Takiya Administração Regional Pinheiros 1997





Croquis André Takiya Administração Regional São Mateus 1997



F.1

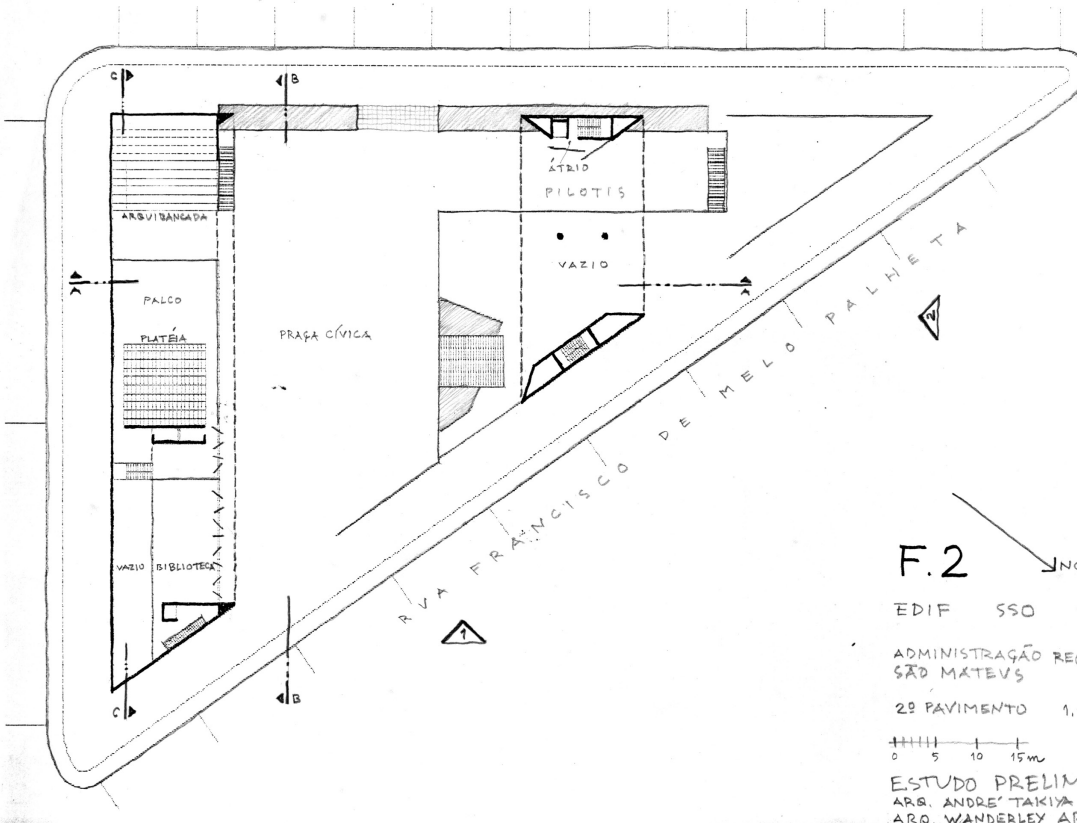
EDIF SSO PMSP

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE
SÃO MATEUS

1º PAVIMENTO 1.198,89m²

0 5 10 15m

ESTUDO PRELIMINAR
ARG. ANDRÉ TAKIYA
ARG. WANDERLEY ARIZA



F.2

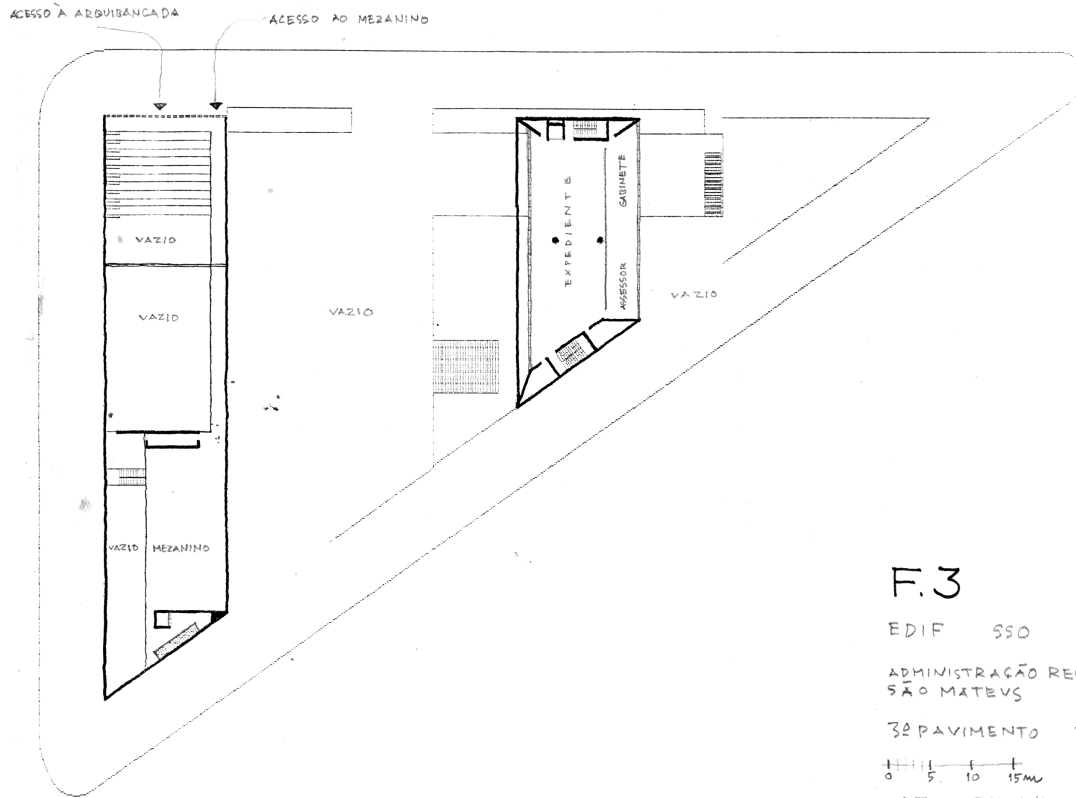
EDIF SSO PMSP

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE
SÃO MATEUS

2º PAVIMENTO 1.150,90 m²

0 5 10 15m

ESTUDO PRELIMINAR
ARG. ANDRÉ TAKIYA
ARG. WANDERLEY ARIZA



F.3

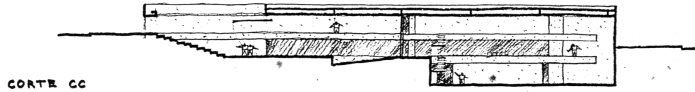
EDIF SSO PMSA

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SÃO MATEUS

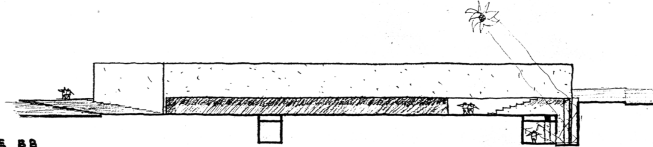
30 PAVIMENTO 774,76m²

0 5 10 15m

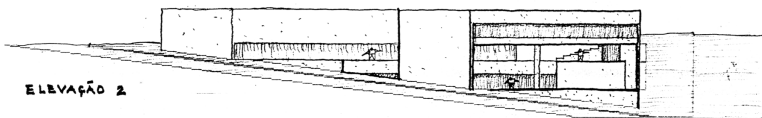
ESTUDO PRELIMINAR
 ARO. ANDRÉ TAKIYA
 ARO. WANDERLEY ARIZA



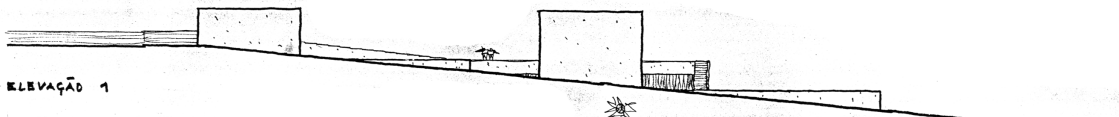
CORTE CC



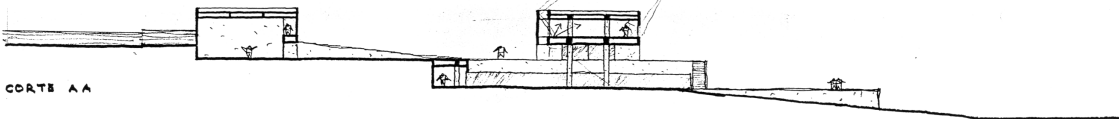
CORTE BB



ELEVAÇÃO 2



ELEVAÇÃO 1



CORTE AA

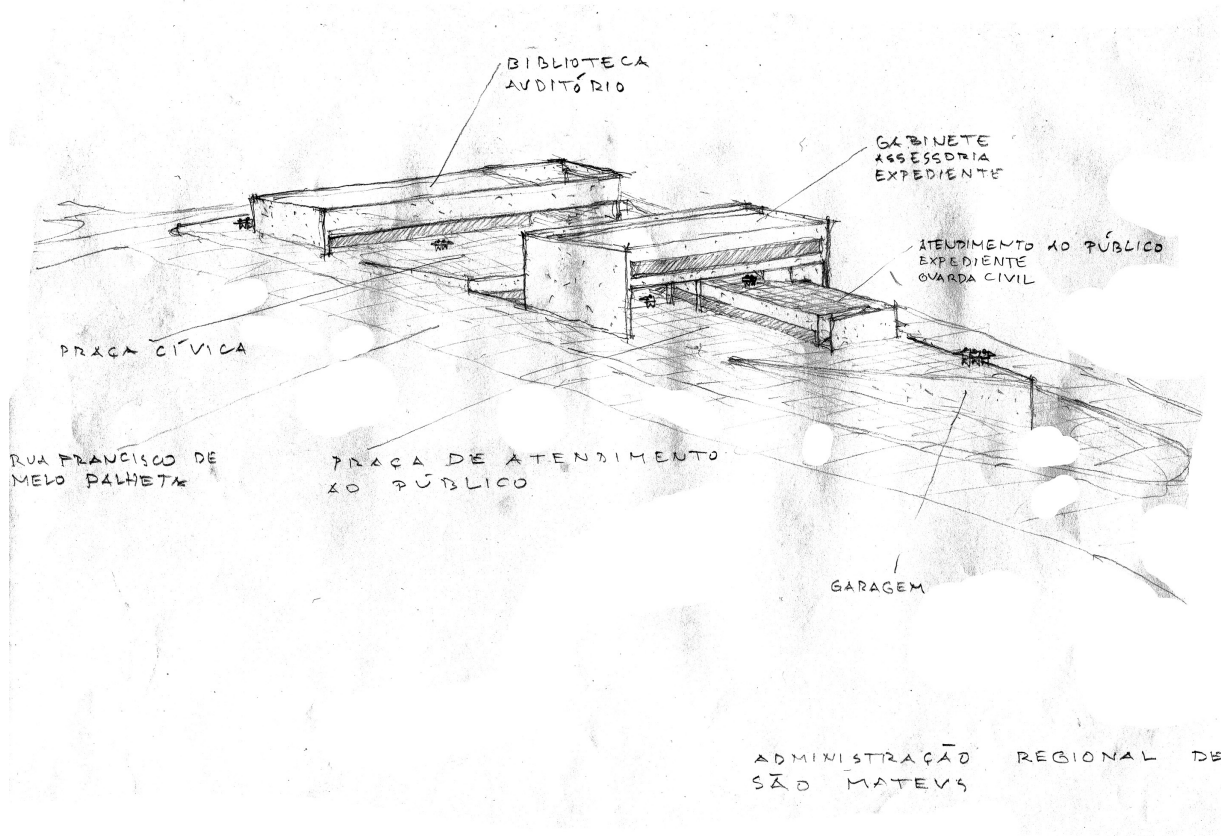
EDIF SSO PMSA

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SÃO MATEUS

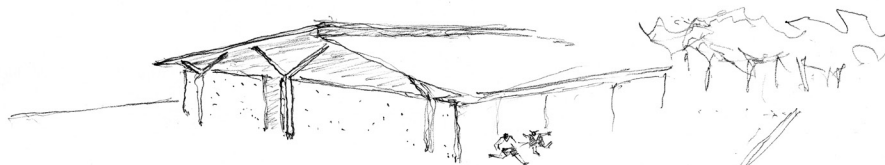
0 5 10 15m

ESTUDO PRELIMINAR
 ARO. ANDRÉ TAKIYA
 ARO. WANDERLEY ARIZA

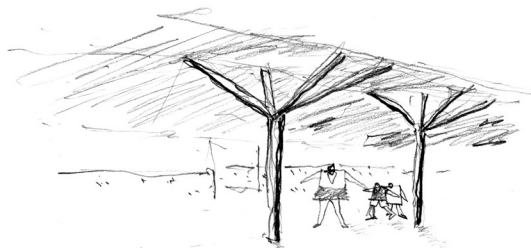
F.4



Croquis André Takiya Creche Santo Stefano 2000 2007

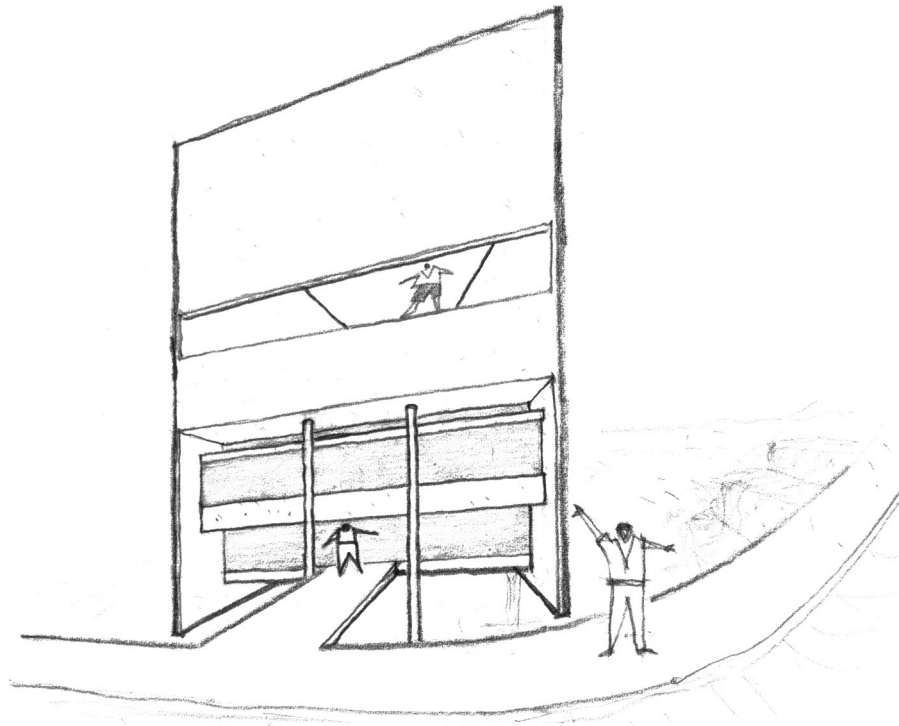


CRECHE SANTO STEFANO
EDIF
ARB ANDRÉ TAKIYA 2000

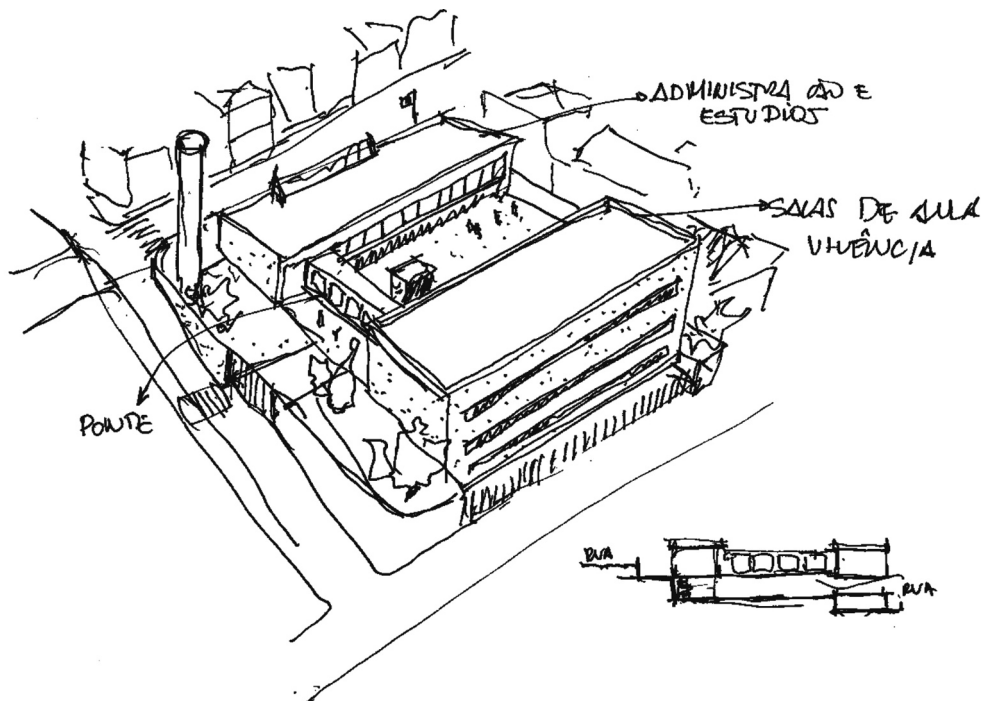


CRECHE SANTO STEFANO
EDIF
ARB ANDRÉ TAKIYA 2000

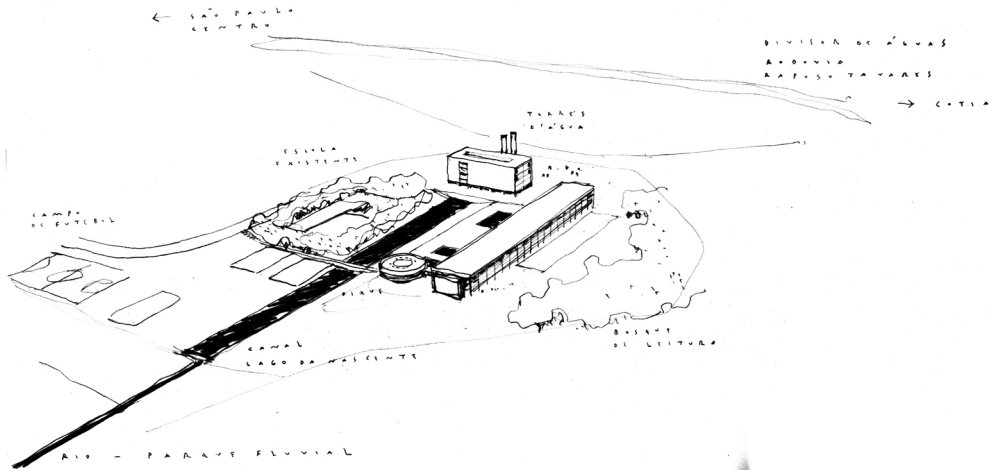
Croquis André Takiya Escola Vila Campanela 2000



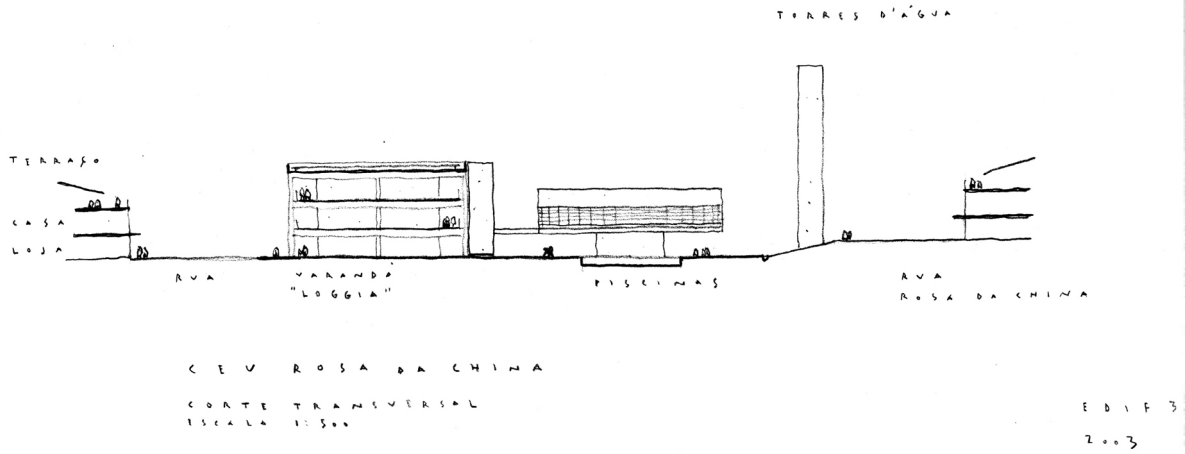
Croquis de Wanderley Ariza Escola Gleba do Pêssego 2000



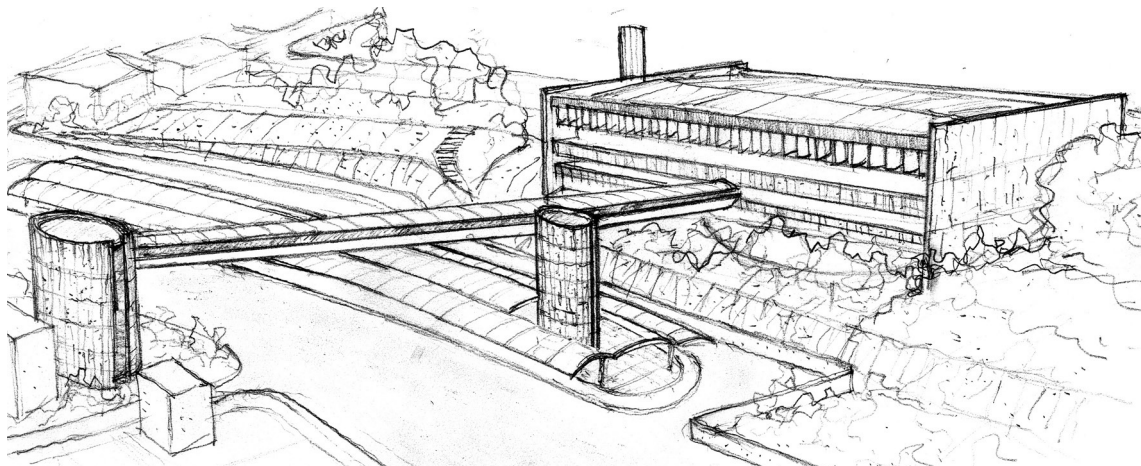
Croquis de Alexandre Delijaicov CEU Butantã 2001



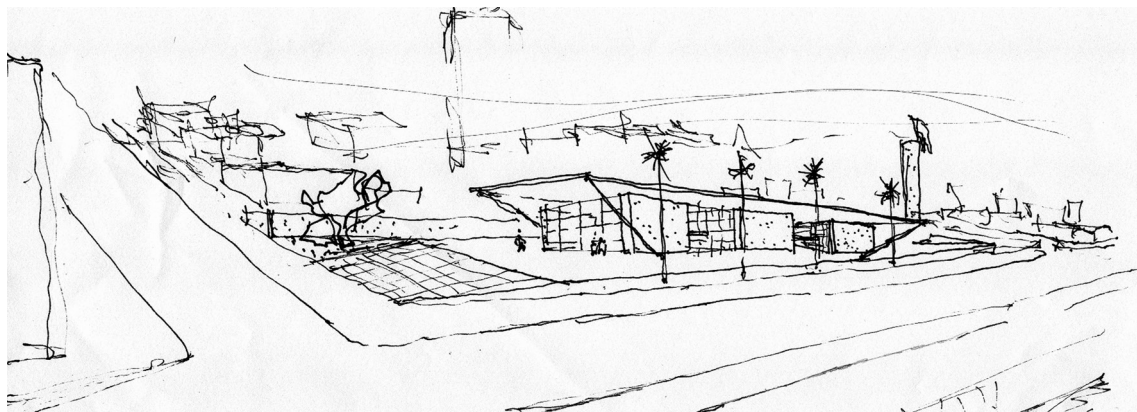
Croquis de Alexandre Delijaicov CEU Rosa da China 2001



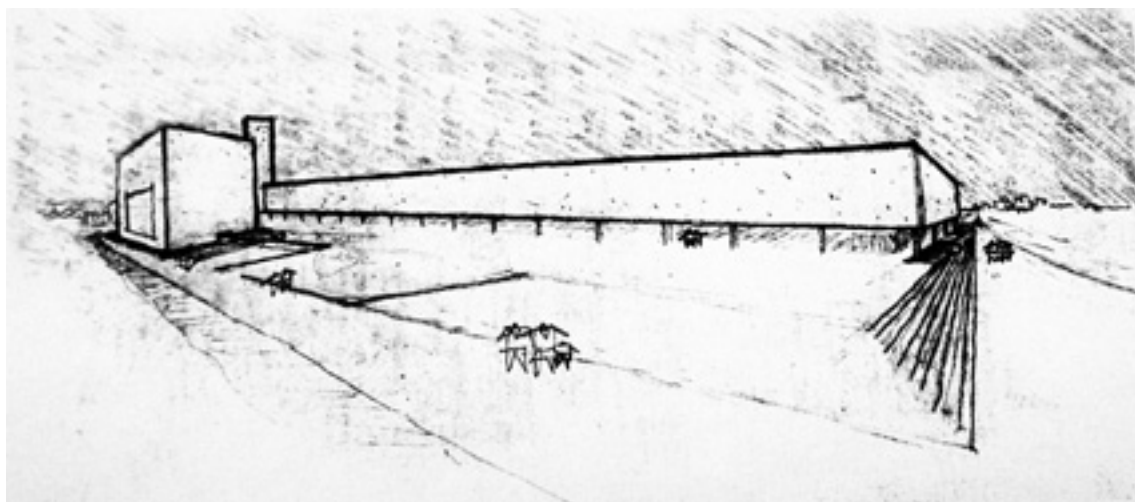
Croquis de Eiji Ueda Centro da Juventude Vila Nova Cachoeirinha 2002



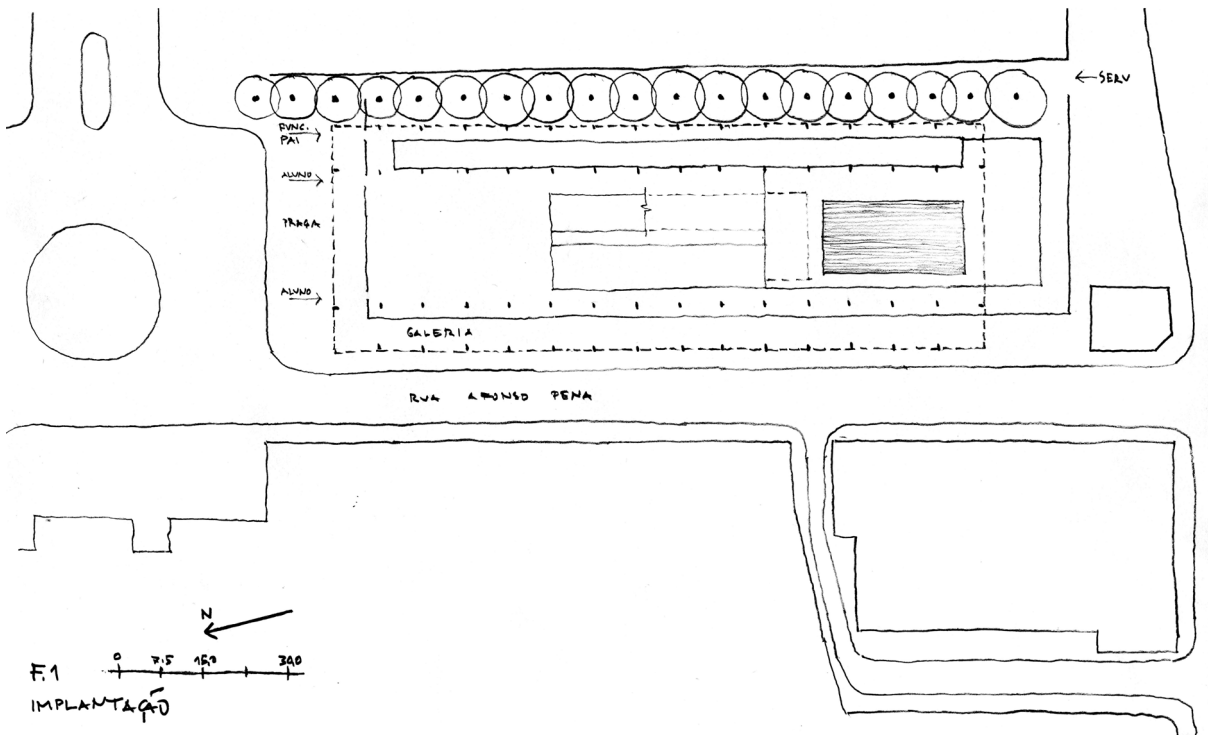
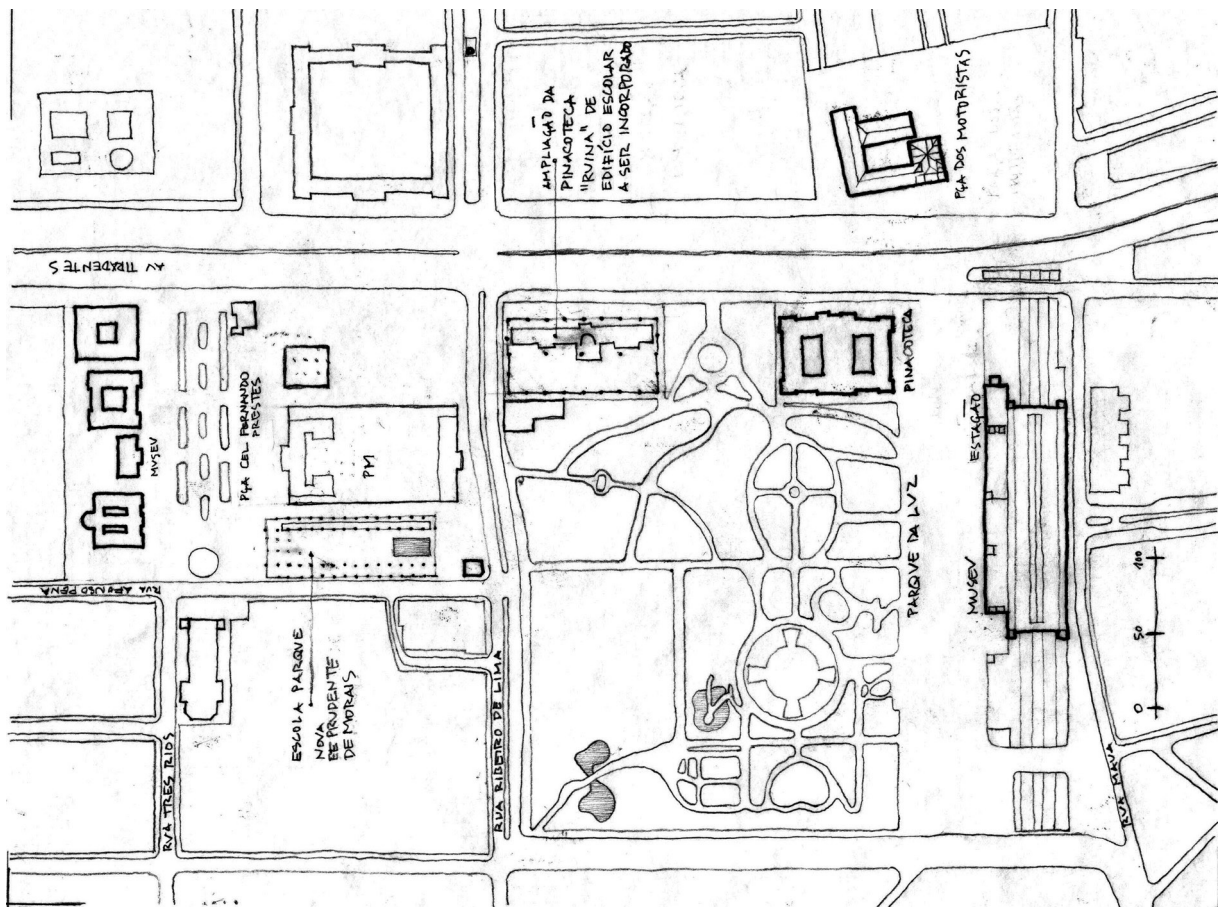
Croquis de Wanderley Ariza Centro Cultural Penha 2002

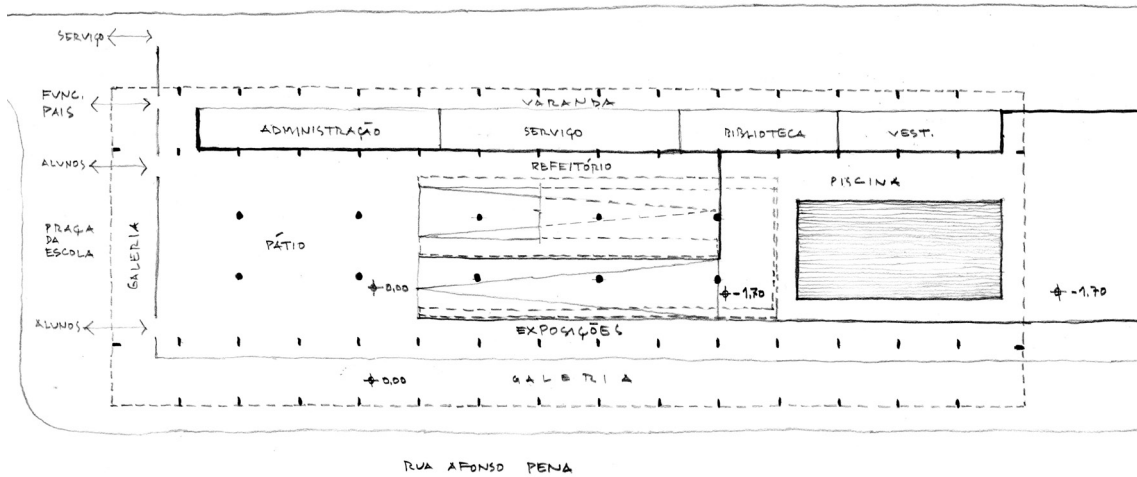


Croquis André Takiya Mercado de São Miguel 2002

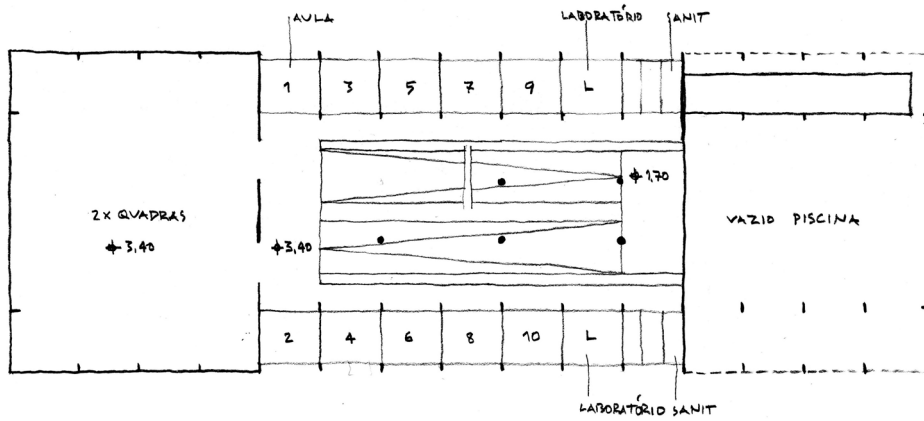


Croquis André Takiya Escola Prudente de Moraes 2008

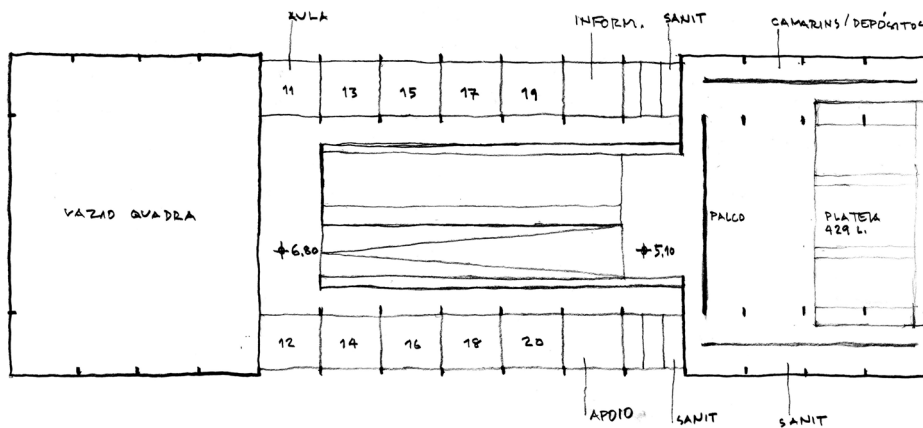




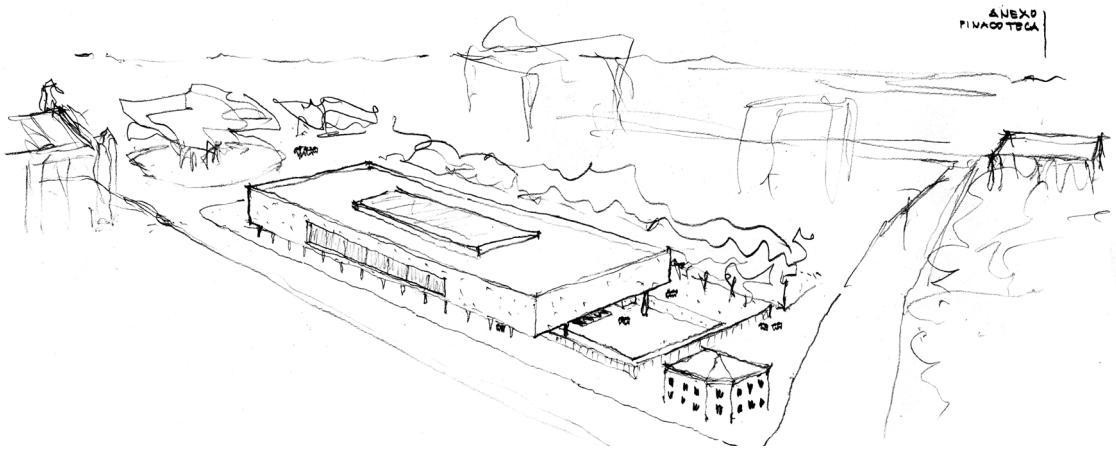
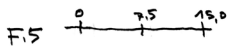
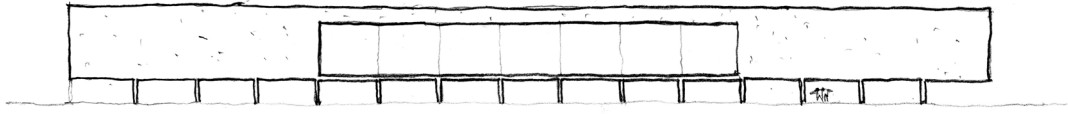
F.2
 NÍVEIS 0,00 e -1,70 4.248,75 m²



F.3
 NÍVEIS 1,70 e 3,40 2.887,50 m²

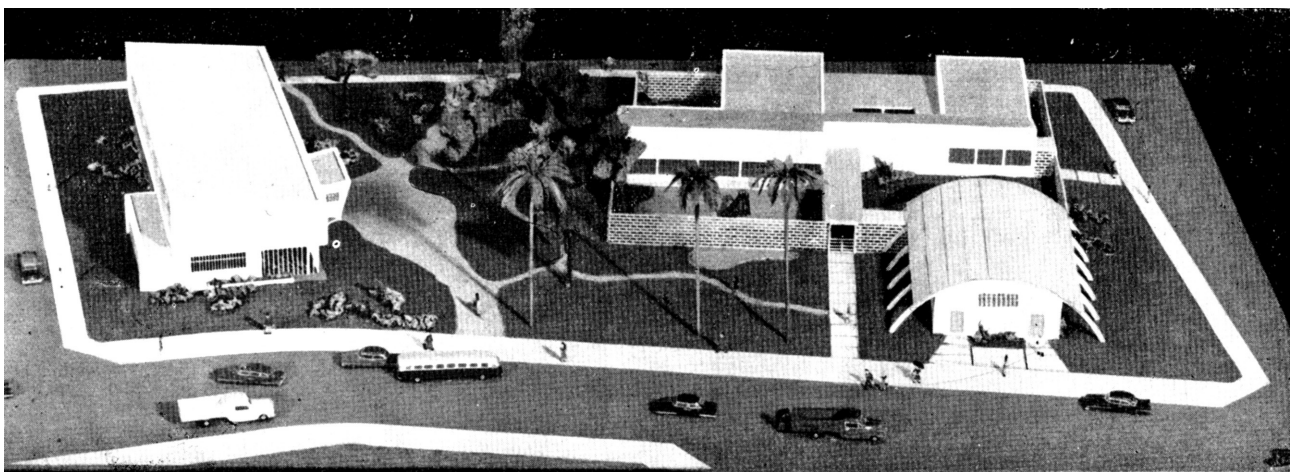
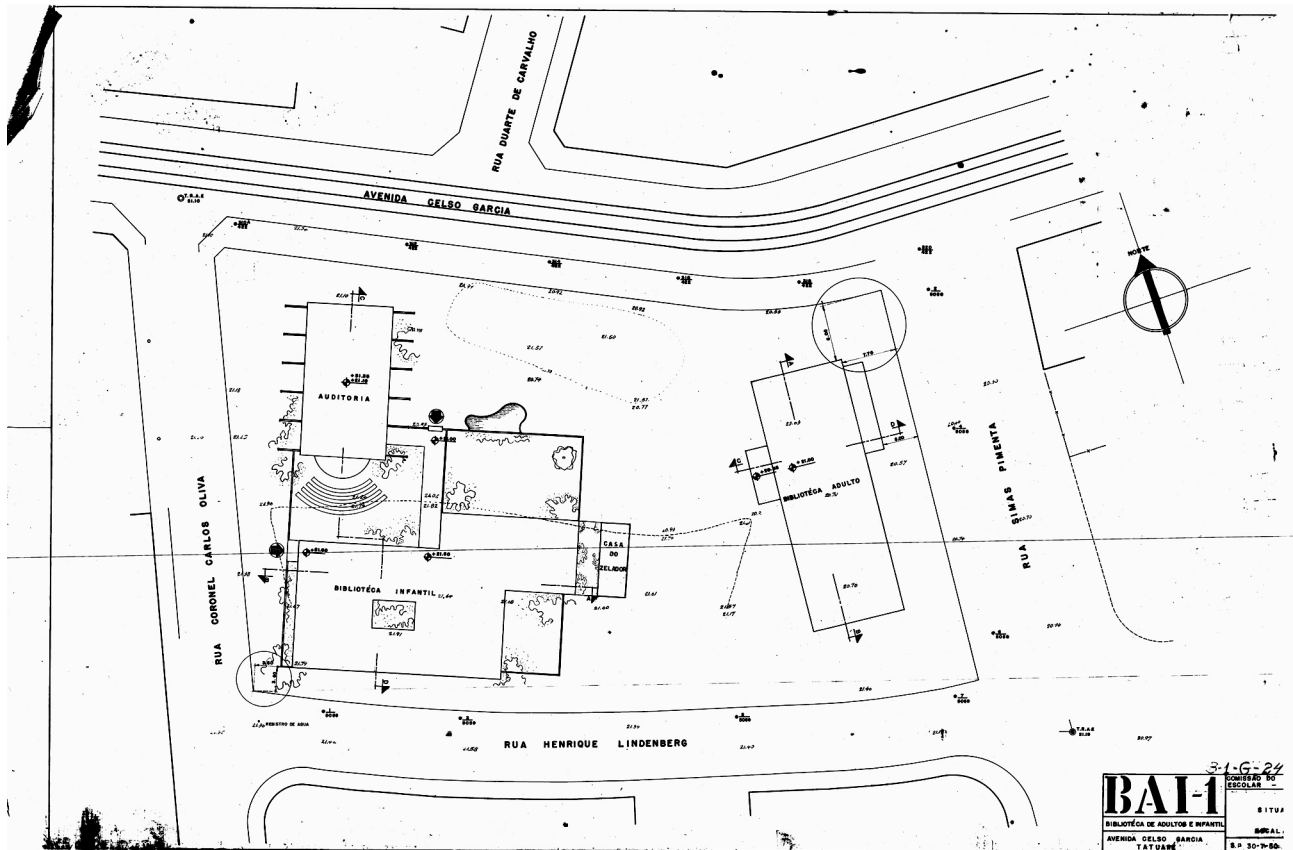


F.4
 NÍVEIS 5,10 e 6,80 2.100,00 m²

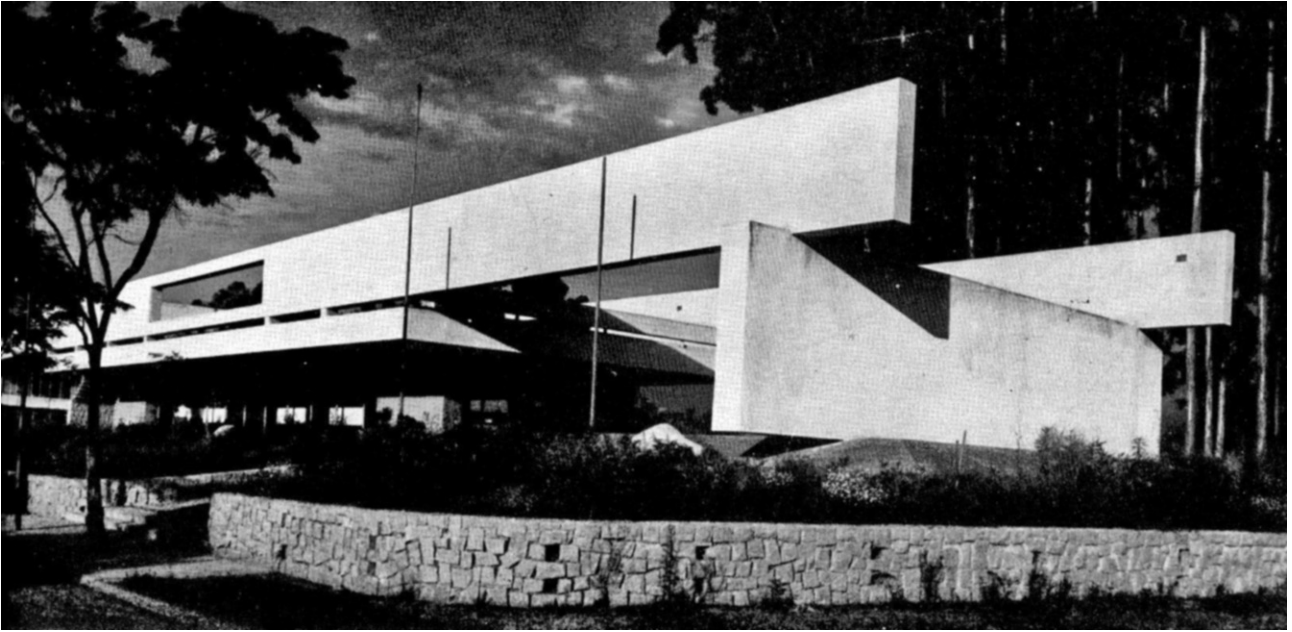


Projetos e obras

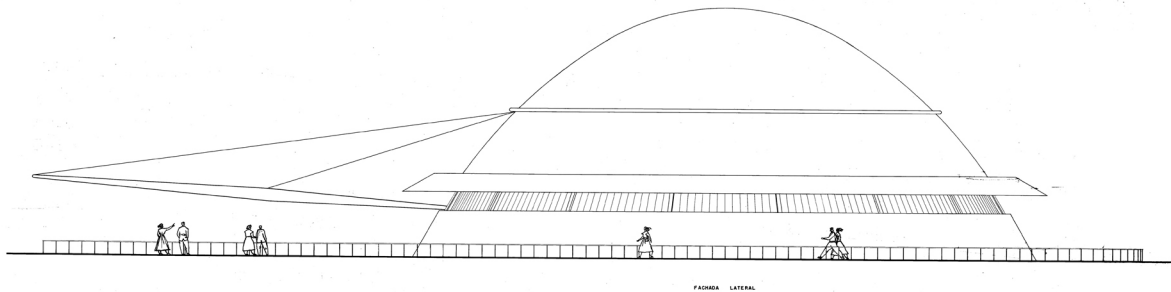
Biblioteca Tatuapé 1950 arquiteto Hélio Duarte



Escola de Astrofísica 1960 arquiteto Roberto Tibau



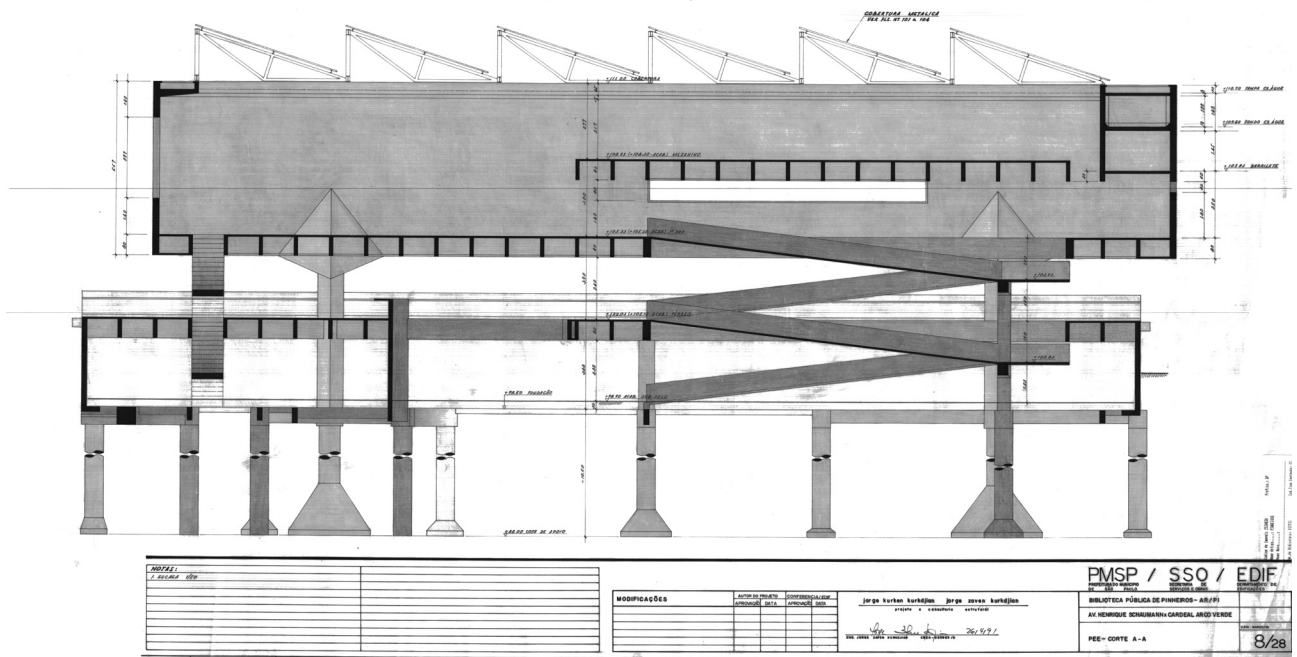
Planetário 1954 arquitetos Corona, Pitombo e Tibau



ROBERTO GOSLART TIBAU
ARQUITETO
EDUARDO CORONA
ANTONIO CARLOS PITOMBO

COMISSÃO DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
D.V. 22
P. 7
FACHADA LATERAL
SÃO PAULO, SP, BRASIL
1954

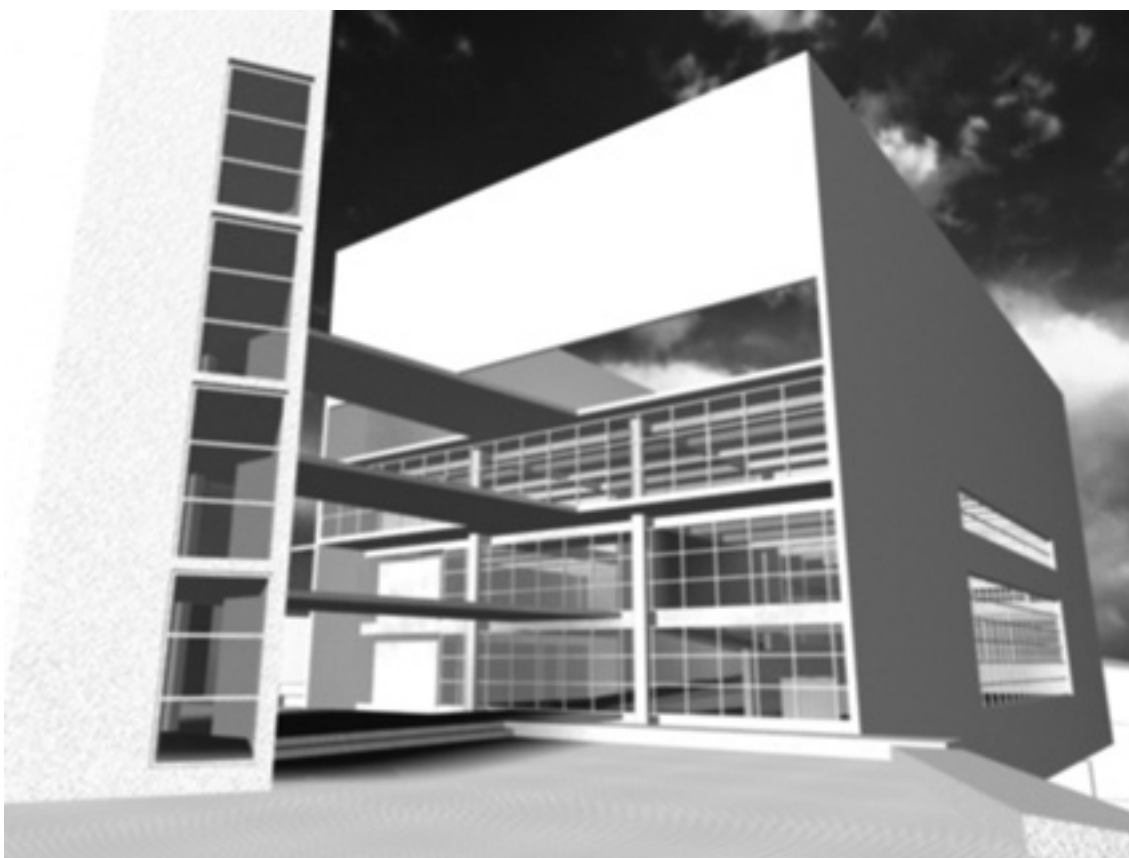
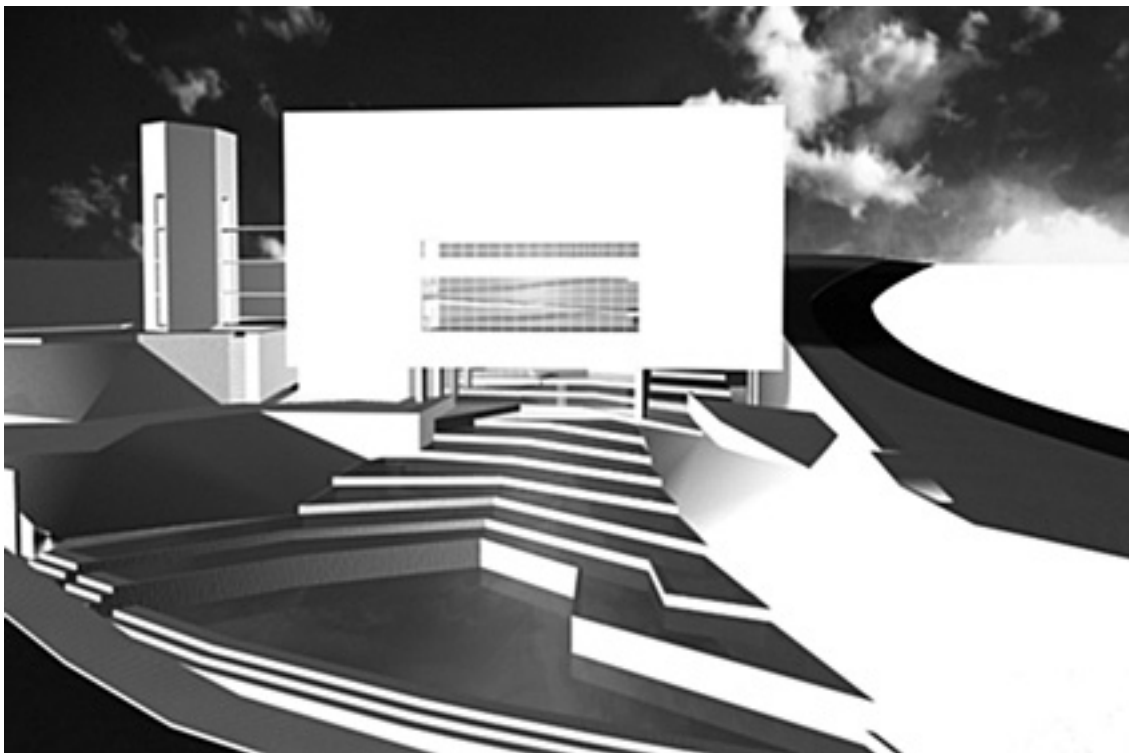
Biblioteca Pinheiros 1992 arquitetos José Oswaldo Vilela e Laís Tescari

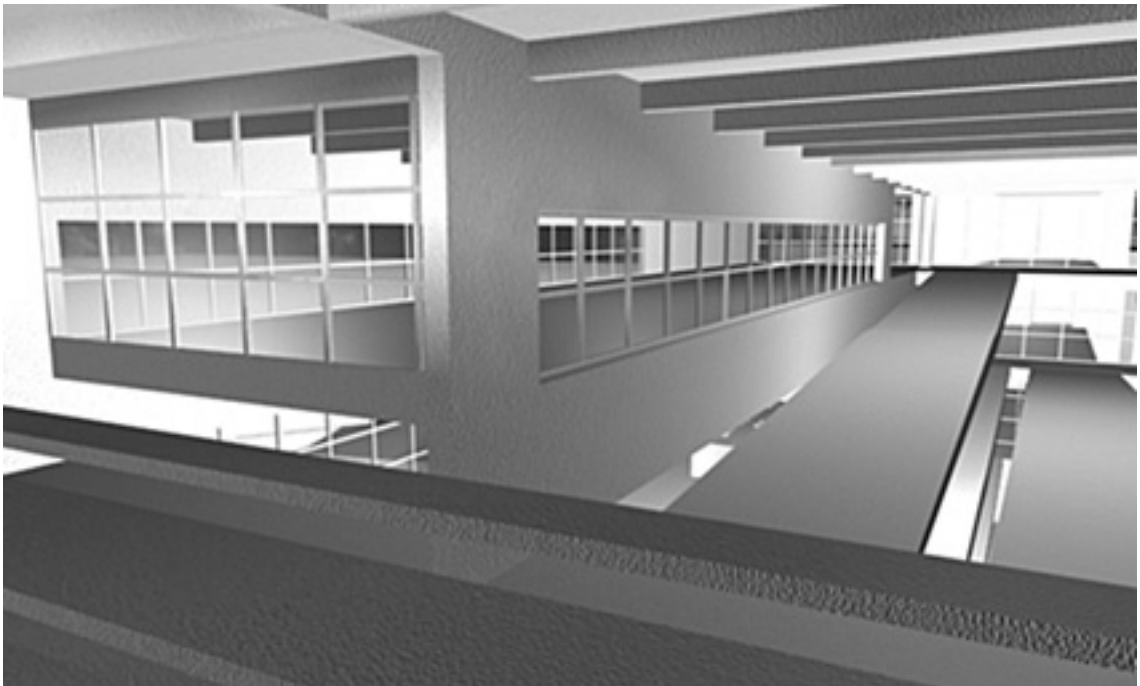
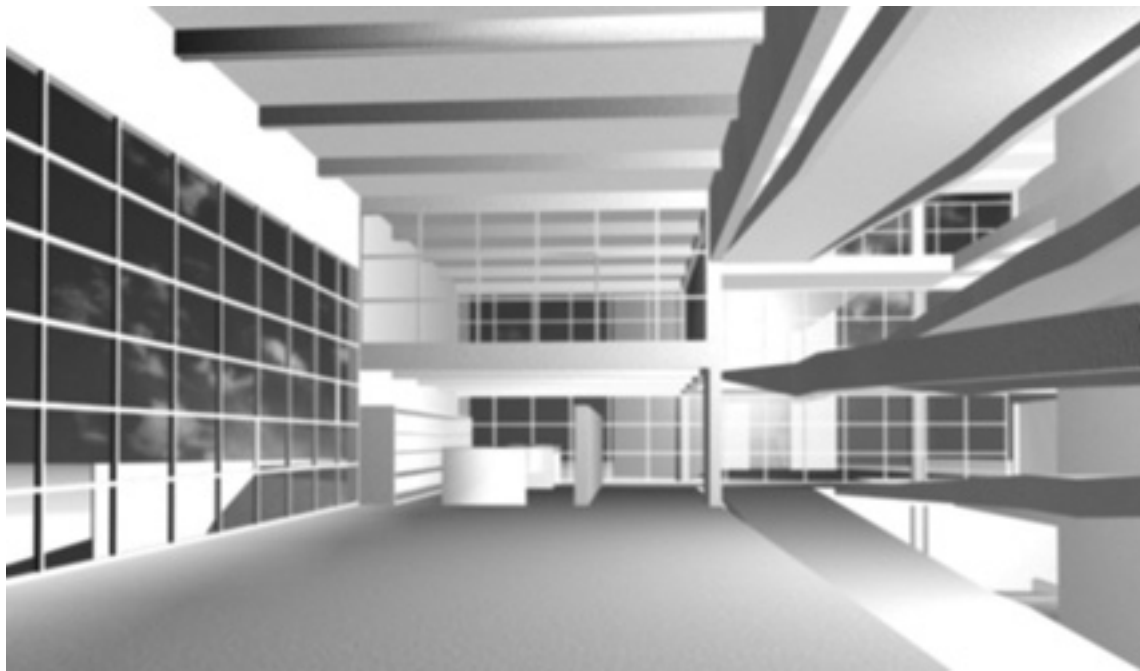


Escola Parque Bristol 2004 arquitetos Wanderley Ariza e Laís Tescari



Escola Vila Campanela 2000 arquiteto André Takiya





45 CEUs – 2001-2004 – arquitetos Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza

CEU Vila Atlântica Jaraguá



CEU Perus



CEU Paz



CEU Pêra Marmelo



CEU Vila Curuçá



CEU Jambeiro



CEU Parque Veredas



CEU Parque São Carlos



CEU Cidade Dutra



CEU Três Lagos



CEU Pedreira Alvarenga



CEU Navegantes



CEU Aricanduva



CEU Meninos



CEU Rosa da China



CEU São Mateus



CEU São Rafael



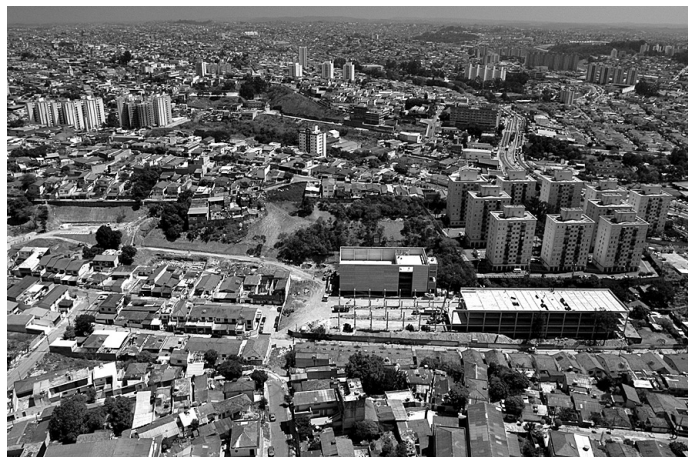
CEU Inácio Monteiro



CEU Butantã



CEU Casablanca Monte Azul



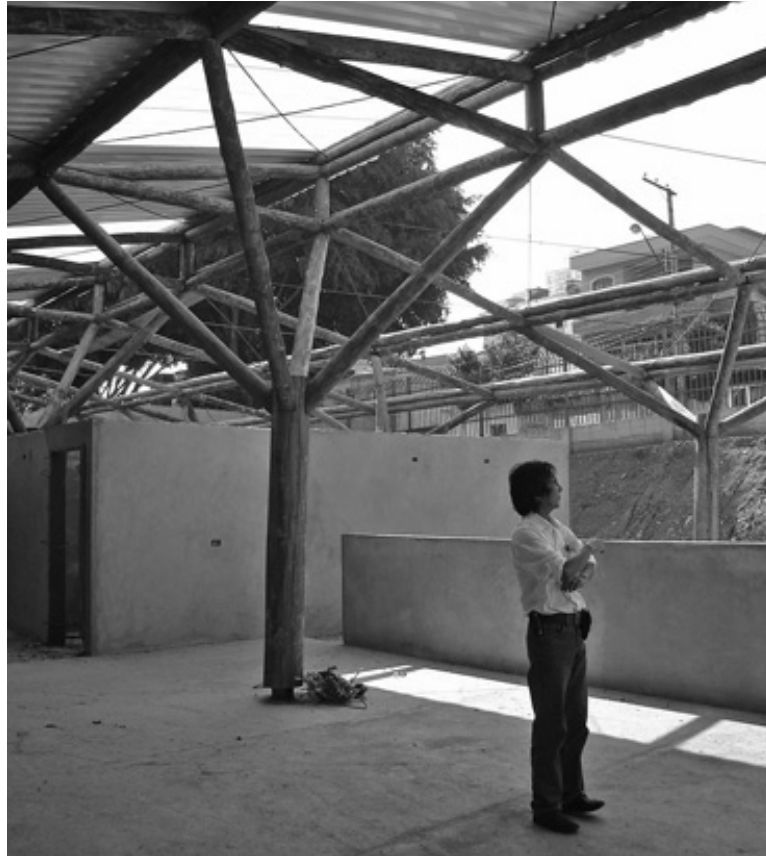
CEU Campo Limpo



Creche Santo Stefano 1999 2007 arquiteto André Takiya







Centro da Juventude Vila Nova Cachoeirinha 2002 2007 arquiteto Eiji Ueda



Olhando esta pequena seleção, aleatória, de 60 anos de arquitetura do edifício público Feito num Escritório Público nos aponta caminhos múltiplos por onde o arquiteto pode seguir, fazendo projetos em equipe e de forma coletiva, libertos da obrigatoriedade da arquitetura autoral, com uma arquitetura de Edifícios e Espaços Públicos de boa qualidade e, também, libertos da finalidade comercial.

Percebemos, também, uma coerência e uma familiaridade na linguagem arquitetônica nos projetos, como se fosse a mesma equipe de arquitetos ao longo de todos esses anos e, com edifícios e programas arquitetônicos dos mais variados.

Podemos dizer que, ao longo desses sessenta anos, continuamos desenhando com a mesma lapiseira que pertenceu a Hélio Duarte, sem sermos herdeiros dela.

FAU e Universidade de São Paulo

Finalizando, em poucas palavras, achamos o que deverá ser a estada de vocês nesta Casa é a busca do conhecer Arquitetura. Com isso, todos os caminhos relativos à arquitetura estarão abertos, Fazer projetos de arquitetura, Fazer projetos urbanos, Fazer crítica, Fazer programação visual, Fazer desenho industrial, Fazer Fotografia, Fazer teatro, Fazer música, ser professor e tudo o mais que se puder imaginar em relação à arquitetura.

E ainda, com relação à estada de vocês na Universidade de São Paulo é que ela, ou seja, a sociedade, espera que todos aqui venham a conhecer arquitetura para que possam Pesquisar arquitetura.

Algumas Considerações

Construção da Personalidade Arquitetônica

Este pequeno recorte foi, para nós, muito importante, para nos colocarmos e expor o nosso percurso cultural e profissional, para despertar o entusiasmo e o brilho no olhar do estudante de arquitetura e do próprio arquiteto, no mínimo para um incentivo à pesquisa.

Entendemos que esta incessante construção da familiaridade arquitetônica é no sentido da construção da personalidade arquitetônica, ou seja, é no sentido da construção da identidade e individualidade do arquiteto, como um cidadão comprometido com os interesses da coletividade e da cidade.

Considerações Finais

Com este pequeno recorte, dentro da produção arquitetônica paulista, obra e pensamento, a nossa pesquisa, EDIF 60 anos de arquitetura pública, espera trazer de volta a discussão da coisa pública, ainda que incipiente, em três níveis; primeiro, a produção arquitetônica de uma repartição pública municipal no intervalo de sessenta anos, 1948 a 2008, que iniciou com a arquitetura moderna; segundo, a Formação dos arquitetos e o seu ideário ético, cultural e profissional nestes dois períodos distintos, anos 1950 (Fim do Moderno) e anos 2000 (pós Pós-moderno) e; a Forma do Escritório Público de 1950 a 2008 e a proposta de uma nova configuração, mais racional e mais eficiente, do ponto de vista de uma cidade mais humanista, de encontro a enfrentar a crise em que nos colocamos.

A arquitetura desses momentos distintos, Convênio 1948 e EDIF 2004, apresentadas nos projetos aqui expostos, podemos dizer que, é de uma extrema alegria, isto é, uma arquitetura alegre. Esta sensação não é apenas formal, também, alegre como resolução programática. Este resultado é conseguido graças ao uso feliz e correto dos dimensionamentos e dos materiais (apesar de baratos). Dentro de nossa pesquisa selecionamos outros projetos do EDIF e não os incluímos em nossa dissertação por um motivo simples e prático, este material é muito extenso e diversificado, está arquivado no nosso computador, ainda bruto.

O arquiteto ou os arquitetos desses dois instantes, Convênio e EDIF, tiveram em sua Formação ético-cultural-profissional coisas semelhantes, do ponto de vista político e econômico do País, que foram as ditaduras (Vargas e Militar). Isto não foi motivo para que esses arquitetos deixassem de ser idealistas, o que vemos claramente em seus desenhos. Estamos preparando, para uma outra oportunidade, colher depoimentos da atual equipe de arquitetos do EDIF para termos um novo quadro dos arquitetos Funcionários públicos, esta estrutura (Depoimentos dos arquitetos do EDIF) já está montadas e só estamos aguardando oportunidade para executá-la.

Por último, os caminhos do ateliê público de arquitetura, do Convênio, do EDIF e do Futuro, são apenas suposições, intenções idealistas ou acadêmicas:

O Escritório Público da Comissão Executiva do Convênio Escolar foi criado baseada na Lei Federal de 1942 e depois retificada e ratificada em 1946 pela nova Constituição, onde se previa que a União, Estados e Municípios aplicassem, anualmente, uma porcentagem da arrecadação de impostos na manutenção e desenvolvimento do ensino. Onde os trabalhos do Convênio Escolar se iniciaram em fins de 1948, através de um acordo entre os Governos Estadual e Municipal, Adhemar de Barros, Governador eleito e Milton Improta, Prefeito nomeado, e eram subordinados diretamente ao Prefeito.

Em 1950, a Lei Municipal 3930 de 25 de agosto de 1950, Prefeito Lineu Prestes, ratifica a criação do Convênio, com vigência a partir de 1º de janeiro de 1950.

Em 1955, Lei Municipal 4629 (03/1955) cria a Comissão de Construções Escolares, Pref – CE, absorvendo toda a estrutura do Convênio, também subordinada diretamente ao Prefeito.

Os arquitetos da equipe do Convênio Escolar projetavam individualmente, apesar de existirem

discussões dos projetos no escritório com os arquitetos. O arquiteto Hélio Duarte, chefe de projetos, dava as diretrizes de projeto ao arquiteto e ele tinha total liberdade para o seu desenvolvimento.

O Escritório Público do EDIF tem a característica e a forma de trabalhar herdada do Convênio, os arquitetos da equipe de projetos trabalham individualmente, com algumas discussões dos projetos com outros arquitetos, como se fossem vários escritórios num mesmo ateliê, apesar da boa produção (quantitativa e arquitetônica), imaginamos ser irracional para os dias de hoje.

Como Escritório Público ideal para a cidade de São Paulo, para centralizar todos os órgãos que fazem projetos e obras, para se tornar mais eficaz nas ações, onde um faz o outro desmancha, ou no mínimo atrapalha, deveria ter o status de Secretaria de Governo, se chamar Escritório Público de Arquitetura e ter apenas dois Departamentos, um de Arquitetura e outro de Urbanismo.

À equipe de arquitetos do Departamento de Urbanismo caberia propor e pensar a ocupação dentro da Cidade, como um todo, como um território, e dar soluções.

À equipe de arquitetos do Departamento de Arquitetura caberia desenhar todas as soluções, infra-estrutura, equipamentos e espaços públicos e habitação de interesse social.

Assim, eliminaríamos várias Secretarias e Órgãos inúteis, Secretaria de Infra-estrutura Urbana, Secretaria das Sub-Prefeituras, órgãos como EMURB, CET, etc.

Bibliografia

Abreu, Ivanir Reis Neves. Convênio escolar: utopia construída / Ivanir Reis Neves Abreu. São Paulo, 2007. Dissertação – FAU USP. Orientador: Adilson Costa Macedo.

Argan, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Argan, Giulio Carlo. Projeto e destino. São Paulo: Ática, 2001.

Artigas, João Batista Vilanova [1915 – 1985]. Vilanova Antigas. São Paulo: Fundação Vilanova Antigas / Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.

_____. Cadernos de riscos originais – projeto do edifício da FAU USP na Cidade Universitária. (coord.) Roberto Portugal Albuquerque. São Paulo: FAU USP, 1998.

_____. Caminhos da arquitetura. São Paulo: Cosac & Naif, 1999.

Artigas, Rosa. (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naif, Associação Brasil 500 Anos Antes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

Benevolo, Leonardo [1923 -]. A arquitetura do novo milênio. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

Bonduki, Nabil Georges (org.). Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, 2000.

Costa, Lúcio [1902 – 1998]. Lúcio Costa – registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

Cunha, Euclides da [1866 – 1909]. À margem da história. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Duarte, Hélio de Queiroz [1906 – 1989]. Escolas – classe escola – parque: uma experiência educacional. São Paulo: FAU USP, 1973.

Ferrata, Carlos Augusto. Escolas Públicas em São Paulo (1960 – 1972) / Carlos Augusto Ferrata. São Paulo, 2008. Dissertação – FAU USP.

Ferraz, Marcelo Carvalho (org.). Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

Ferreira, Avany de Francisco, Mello, Miréla Geiger de (org.). Arquitetura Escolar Paulista: 1950 e 1960. São Paulo: FDE / DOS, 2006.

Heidegger, Martin. A origem da obra de arte. Lisboa: Portugal, Edições 70, 1999.

Hertzberger, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Khan-Magomedov, Selim O.. Pionners of soviet architecture. London: Thames & Hudson, 1987.

Lima, João Filgueiras [1932 -]. João Filgueiras Lima, Lelé. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, 2000.

Lima, Mayumi Watanabe de Souza [1934 – 1994]. Arquitetura e educação. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

- Mascaro**, Carlos Corrêa. Município e ensino no Estado de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1958.
- Mascaro**, Carlos Corrêa. O Município de São Paulo e o ensino primário, ensaio de administração escolar – 1960. São Paulo.
- Neutra**, Richard Joseph [1892 – 1970]. Arquitetura social em países de clima quente. São Paulo: Todtmann, 1948.
- _____ Richard Neutra, introduction and notes by Rupert Spade, with photographs by Yukio Futagawa. London: Thames and Hudson, 1971.
- Pereira**, Miguel Alves; **Sawaya**, Sylvio Barros. (org.). Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos. v.1. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001.
- _____ Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos. v.2. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001.
- _____ Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos. v.3. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001.
- _____ Cadernos de arquitetura FAUUSP: registro do pensamento e da produção dos arquitetos da FAUUSP, nos últimos 25 anos. v.4. São Paulo: Pini; FUPAM, 2001.
- Reis Filho**, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.
- Revista. Acrópole nº 210. São Paulo, 1956.
- Revista. Acrópole nº 314. São Paulo, 1965.
- Revista. Acrópole nº 362. São Paulo, jun 1969.
- Revista. AU Arquitetura e Urbanismo nº 1. São Paulo: Pini, jan 1985.
- Revista. AU Arquitetura e Urbanismo nº 80. São Paulo: Pini, out - nov 1998.
- Revista. Habitat nº 4. São Paulo, 1951.
- Revista. L'Architecture d'Aujourd'hui nº 80. Paris, out - nov 1958.
- Revista. Modulo nº 8. Rio de Janeiro, 1957.
- Revista. Modulo nº 20 volume 4. Rio de Janeiro: Editora Módulo Limitada, outubro 1960.
- Revista. Projeto nº 131. São Paulo, abr - mai 1990.
- Ribeiro**, Darcy [1922 – 1997]. O livro dos CIEPs. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.
- Rocha**, Paulo Mendes da [1928 -]. Paulo Mendes da Rocha: 1999 – 2006, org. Rosa Artigas. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- Sandeville Junior**, Euler. A arquitetura dos teatros distritais da Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, jan. – fev. 1986. xerox.

Santos, Milton [1926 – 2001]. Técnica, Espaço, Tempo globalização e meio técnico-científico inFormacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____ O País Distorcido: O Brasil, A Globalização e a Cidadania, org. Wagner Costa Ribeiro. São Paulo: PubliPolha, 2002.

_____ O Brasil: território e sociedade no início do século XXI / Milton Santos, Maria Laura Silveira. 10º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____ A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4º ed. 4º reimpr. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2008.

Segawa, Hugo. Hélio Duarte (1906 – 1989): moderno e peregrino. In revista Projeto nº 131. São Paulo, abr - mai 1990.

Segawa, Hugo. Hélio Duarte moderno peregrino educador. In revista AU Arquitetura e Urbanismo nº 80. São Paulo: Pini, out - nov 1998.

Udovicki-Selb, Danilo. Between Formalism and deconstruction: Hans Georg Gadamer's hermeneutics and the aesthetics of reception. In, The education of the architect: historiography, urbanism and growth of architectural knowledge (edited by Martha Pollak). Massachusetts: MIT Press, 1997.

Xavier, Alberto [1936 -]; Britto, A. & Nobre, Ana Luiza. Arquitetura moderna no Rio de Janeiro. São Paulo: PINI, Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991.

Xavier, Alberto [1936 -]; Corona, Eduardo [1921 - 2001] & Lemos, Carlos. Arquitetura moderna paulistana. São Paulo: PINI, 1983.

Xavier, Alberto (org.) [1936 -]. Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Yurgel, Marlene. Arquitetura Paulista 1951/92 – 40 anos de contribuição dos arquitetos Formados na FAUUSP. In, revista Sinopses Memória. São Paulo: FAUUSP, 1993.